

ACONSELHAMENTO BÍBLICO EFETIVO

Um modelo para ajudar
cristãos amorosos a
tornarem-se conselheiros
capazes

Lawrence J. Crabb Jr.



ACONSELHAMENTO BÍBLICO EFETIVO

Um modelo para ajudar cristãos que se importam a tornarem-se
conselheiros capacitados

de
Lawrence J. Crabb Jr.



Refúgio Editora Ltda.
SHIS - QI - 05 - Chácara 74/79
71.600 - Brasília - DF
Fone.: 248-3444

Traduzido por Elizabeth Stowell Charles Gomes

Título do original em inglês

**Effective Biblical Counseling: A Model for Helping
Caring Christians Become Capable Counselors**

Copyright ©1977 by The Zondervan Corporation
Grand Rapids, Michigan

Direitos de tradução e publicação em
português adquiridas por

REFÚGIO EDITORA LTDA.

Brasília - DF

1985

Publicada no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados pela

Crabb, Lawrence J.

Aconselhamento bíblico efetivo

1. Cristianismo — Psicologia 2. Aconselhamento
I. Título.

BR 110.C76

253.5

77.2146

Proibida a reprodução do todo ou parte sem a autorização escrita do
Editor.

Para Rachael

ÍNDICE

Prefácio.	7
Introdução.	11
Primeira Parte: Preliminares	
1. O Alvo do Aconselhamento: O que estamos tentando fazer? . .	17
2. Cristianismo e Psicologia: Inimigos ou Aliados?.	27
Segunda Parte: Conceitos Básicos: O que é necessário saber a Respeito das Pessoas a fim de Aconselhar Efetivamente?	
3. Necessidades Pessoais: Do que as Pessoas Necessitam a fim de viver Efetivamente?	53
4. Motivação: Por que Fazemos o que Fazemos?.	68
5. Estrutura da Personalidade: Desmontar o Relógio a fim de ver o que o faz funcionar	79
Terceira Parte: Estratégia Básica: Como Compreender e Lidar com Problemas Pessoais	
6. Como os Problemas se Desenvolvem I	103
7. Como os Problemas se Desenvolvem II	116
8. O que Você Procura Mudar?	126
9. Um Modelo Simples de Aconselhamento	134
Quarta Parte: O Desenvolvimento de Um Programa de Aconselhamento na Igreja Local	
10. O Aconselhamento dentro da Comunidade Cristã	151
11. Apêndice de gráficos	177

PREFÁCIO

Referindo-se a algumas de nossas músicas de igreja mais modernas, meu pai escreveu certa vez: “Acho que frequentemente cantamos tolices, quase como se estivéssemos tentando nos iludir com a idéia de que a vida cristã é um baile”. Nenhum cristão sério, em busca do conhecimento de Cristo, tem como experiência rotineira essa espécie de vida borbulhante, espumante e tonta de alegria que tão frequentemente se apresenta como a vida cristã normal. Todos têm lutas reais e intensas que a consagração a Cristo não elimina. A dura verdade é que viver para o Senhor aumenta, por vezes, a severidade da batalha.

As lutas que experimentamos têm várias causas. Alguns dos nossos sofrimentos são resultados inevitáveis da condição de povo caído que habita um mundo caído. Os resultados da Queda incluem não só a separação de Deus e dos outros, como também a separação de nós mesmos. Nós nos “desintegramos” como pessoas, incapazes de aceitar-nos autenticamente, a nós mesmos, como somos. Nossa luta consequentemente, para ser ou fingir ser o que não somos, explica grande parte do nosso descontentamento e sofrimento pessoal. Tornar-se cristão não põe fim à luta; oferece-nos os recursos para travarmos a batalha até chegarmos a um final vitorioso. Alguns de nossos sofrimentos são resultados direto de sermos cristãos (Romanos 8: 17). O Senhor, não raro, permite que Seu povo sofra como meio de promover uma conscientização de Sua absoluta suficiência. Por vezes, nosso sofrimento está relacionado com padrões de vida contrários à Bíblia. Qualquer que seja a causa, as pessoas, hoje, estão lutando com angústia pessoal e aflições.

Creio que Deus estabeleceu a igreja local como seu principal instrumento para cuidar de nossas dores e sofrimentos pessoais. Temos que

admitir que, em geral, não estamos fazendo um trabalho muito bom nesta área. Ao escrever este livro, minha intenção foi proporcionar ajuda prática a cristãos que queiram tornar-se mais eficazes em ministrar a seus irmãos que sofrem. Assim sendo, pedi a alguns cristãos que se interessam por ajudar pessoas que lesem o manuscrito e me dissessem se eu me estava fazendo entender. Como a criança que garante uma resposta positiva pedindo a suas tias, primos e avós que comprem ingresso para a peça teatral em sua escola, eu solicitei a meu pai, Lawrence Crabb, e meu irmão, William Crabb, os quais considero profundamente como cristãos consagrados, sábios e maduros, comentários sobre o meu livro. Agradeço aos dois por suas idéias e quero registrar aqui uma reação expressa por meu pai:

“Sempre me ocorria um pensamento triste enquanto eu lia este livro, escrito com base na suposição de que os crentes realmente se importam uns com os outros, uma pressuposição que precisamos assumir a fim de defender um plano de ação conforme você recomenda. Paulo parece estar em lágrimas, ao dizer em Filipenses 2: 21: ‘Pois todos eles buscam o que é seu próprio, não o que é de Cristo Jesus’. O egoísmo é o fator predominante e desprezível que inibe o crescimento da igreja. Temos que reconhecer que serviço cristão não é apenas a evangelização, mas inclui também a edificação altruísta do povo do Senhor. Talvez este seja o aspecto mais importante do serviço, pois um grupo saudável de crentes é o que melhor exemplifica o Corpo de Cristo e possui uma influência magnética muito maior do que um fervoroso apelo ao evangelho. Israel deveria ser um povo separado, peculiar, que ilustrasse o poder de Deus em guiar e governar uma nação. Deveria assim ser uma luz para os gentios. Ao invés disto, a sua conduta fez com que o nome de Deus fosse blasfemado entre os gentios”. Muitos outros comentários, alguns sobre partes específicas do livro, aumentaram o meu respeito, já profundo, e minha apreciação por meu pai.

As opiniões dadas por meu irmão Bill, também foram especialmente úteis. Como irmãos pelo nascimento, irmãos pelo novo nascimento e irmãos pelo interesse comum (ele está atualmente envolvido no treinamento de conselheiros em nível de pós-graduação), nós gozamos de um diálogo contínuo sobre aconselhamento bíblico.

O Rev. David Nicholas, bom amigo e pastor efetivo da Igreja Presbiteriana Spanish River, merece minha gratidão especial não apenas por

sua crítica do manuscrito, como também por oferecer-me a oportunidade de testar algumas de minhas idéias numa congregação local.

Quero também agradecer a dois colegas, Dra. Linda Murphy e Dr. Jerry Gill, que aconselham fielmente conforme as Escrituras e me animam no meu ministério, por seus pareceres, tão úteis à elaboração deste livro.

A datilografia e correção do texto foram muito bem desempenhadas por minha secretária Bebbie Weigand. Qualquer pessoa que consiga decifrar os meus rabiscos e o faça sem reclamar, merece um agradecimento público.

E a minha família, uma esposa excelente e duas ótimas crianças (Keppy e Kenny), um grande muito obrigado por suportarem um marido e pai frequentemente preocupado.

Lawrence J. Crabb, Jr., Ph.D.
Boca Raton, Florida

Introdução

No meu primeiro livro, *Princípios Básicos do Aconselhamento Bíblico* (Refúgio Editora, Brasília, 1984), desenvolvi num esquema um tanto lato, uma abordagem ao aconselhamento que considero psicológica e biblicamente coerente e aceitável. O livro oferece o pensamento filosófico e conceitual sobre o qual construo minha abordagem de aconselhamento.

Embora o leitor cuidadoso perceba várias ênfases modificadas entre o primeiro livro e este, os conceitos básicos permanecem, em grande parte, inalterados. Meu propósito, ao escrever esta obra, é delinear um modelo de aconselhamento que possa ser completamente integrado no funcionamento da igreja local. A meu ver, qualquer abordagem realmente bíblica do aconselhamento, funcionará mais efetivamente quando desempenhada dentro do contexto de um corpo local de crentes. Ouvimos muito hoje em dia sobre conceitos tais como vivência no Corpo de Cristo, Koinonia e amor “ágape”. A ênfase não é apenas bíblica, mas também atual e necessária para um igreja cristã que se tornou em grande parte, impessoal e superficial na sua prática de comunidade.

A vida efetiva do Corpo produz seus próprios problemas. Quando cristãos começam a experimentar o frêmito da verdadeira aceitação e as possibilidades de profunda comunhão tanto com o Senhor como uns com os outros, frequentemente acontece que problemas há muito e profundamente escondidos começam vir à superfície. Igrejas locais não podem, neste ponto, dizer a seus irmãos que estão sofrendo, como regra geral, que procurem ajuda profissional. Precisamos oferecer recursos alternativos que lidem com esses problemas dentro da igreja, onde as

peçoas possam beneficiar-se do potencial de cura inerente ao funcionamento do Corpo, enquanto recebem ajuda em aconselhamento apropriado. O aconselhamento e a vida no Corpo não devem ser separados. A tarefa que deparemos é desenvolver um modelo de aconselhamento bíblico que possa ser facilmente integrado na igreja local. O meu alvo, neste livro, é delinear tal modelo e explorar algumas idéias preliminares sobre estratégias para a integração.

O aconselhamento não é uma disciplina como odontologia ou medicina, que dependa fundamentalmente de uma quantidade crescente de conhecimentos técnicos administrados por um profissional altamente treinado. Em vez disto, é central e imprescindível um relacionamento entre pessoas que se importam umas com as outras. Como acontece com a maioria dos conceitos, podemos errar por cair de qualquer um dos lados da estreita plataforma da verdade. Alguns insistem em que o aconselhamento *nada mais é* do que um relacionamento. Não concordo. Existem conhecimentos técnicos de dinâmica psicológica e do procedimento terapêutico que contribuem grandemente para a eficácia do aconselhamento. Outros caem do lado contrário, insistindo que o aconselhamento é um empreendimento científico que consiste em aplicar verdades experimentalmente provadas em laboratórios a fim de modificar comportamentos problemáticos. Mas, quando consideramos que o homem é uma criatura pessoal, criada à imagem de Deus com o propósito de ter comunhão com Ele, reconhecemos que o aconselhamento que desenfati as dimensões interpessoais de confiança, cuidado e aceitação não pode ser verdadeiramente efetivo.

Como o aconselhamento efetivo requer tanto um relacionamento interessado quanto uma compreensão de como atua o ser humano, precisamos encontrar crentes maduros que estejam repletos do amor de Cristo e treiná-los no entendimento e nas técnicas do aconselhamento. Este livro baseia-se na pressuposição de que pessoas amorosas, maduras e cristãs (que podem verdadeiramente amar porque conhecem o amor de Cristo e são maduras porque desejam, acima de tudo, conhecê-lo) podem tornar-se conselheiros capazes dentro de suas igrejas locais.

Suponho que alguns conselheiros profissionalmente treinados se sintam ameaçados por tal pensamento ou talvez o considerem apenas como otimismo ignorante. Apelo a estes que considerem o potencial ainda não tocado para a cura, se a minha proposição for verdadeira. Ao

lidar com pessoas em aflição, os conselheiros que fazem parte da mesma igreja local e que, portanto, conhecem seus membros, poderão mobilizar os recursos de amizade, cuidado, ajuda prática e oração a serviço de seus clientes. A meu ver, nós profissionais ainda seremos necessários, mas nosso papel será modificado. Não seremos mais os sumos sacerdotes daquele mundo misterioso, apenas compreensível pelos iniciados, da psicoterapia. O modelo da prática particular convida as pessoas a deixarem os que as amam e delas cuidam em troca do profissional, pagando a ele por seu amor e sua perícia. No modelo que estou propondo, muitas pessoas buscarão umas às outras e aos líderes treinados por nós, a fim de encontrar respostas bíblicas para seus problemas. Conselheiros que fazem parte da igreja local, poderão utilizar-se inteligentemente dos recursos de uma comunidade de apoio, cujos membros realmente se interessem uns pelos outros, a fim de ajudar a suprir as necessidades de seus “clientes”.

A função dos profissionais cristãos será dupla: (1) treinar em aconselhamento, cristãos aptos da igreja local e (2) oferecer recursos de apoio, quando necessários. Não concordo com a opinião de alguns de que os psicólogos devam fechar seus consultórios e enviar as pessoas aos pastores. Embora as Escrituras ofereçam a única informação autorizada sobre aconselhamento, a psicologia e sua disciplina especializada de psicoterapia oferecem esclarecimentos válidos sobre o comportamento humano que, de maneira alguma, contradizem aquelas. Se combinarmos estes esclarecimentos com os recursos terapêuticos de um corpo local de cristãos interessados e consagrados, treinando pessoas da igreja para lidarem com boa parte da tarefa de aconselhamento, poderemos testemunhar um tremendo aumento de maturidade espiritual e emocional dentro de nossas igrejas.

Três Tipos de Aconselhamento

Todo cristão é chamado para um ministério de encorajamento e ajuda aos outros, especialmente aos da família da fé. Não precisamos de mais conferências e livros sobre questões esotéricas de teorias de aconselhamento; precisamos, sim, desafiar, encorajar e assistir os membros das igrejas locais para que se empenhem num envolvimento mútuo: amar uns aos outros, levar as cargas uns dos outros, orar uns pelos outros. O encorajamento é uma espécie de ministério de aconselhamento que está à disposição de todo crente.

Pastores, presbíteros e outros líderes da igreja têm oportunidades especiais e responsabilidade de ensinar os princípios bíblicos para a vida. Este é um segundo tipo de aconselhamento.

Alguns precisam ser treinados especificamente para um ministério especializado de aconselhamento que envolva uma exploração mais profunda dos problemas mais pertinazes. Este é um terceiro tipo de aconselhamento e constitui o assunto principal deste livro.

Na minha tentativa de comunicar um modelo bíblico de aconselhamento, tenho sugerido idéias de como atuam os seres humanos, as quais qualquer cristão pode compreender e utilizar de modo prático, na solução de seus próprios problemas, assim como no auxílio a outros em lidar com os seus. Embora parte do material seja um tanto técnico, foi escrito, de modo geral, em estilo livre de jargões profissionais e, espero, de fácil leitura, para que pessoas sem preparo acadêmico em aconselhamento possam compreender. É minha esperança que cada um de nós, como membros do corpo vivo de Cristo, se torne mais sensível a si mesmo e aos outros e desenvolva um ministério efetivo na apropriação da suficiência de Cristo para curar a dor que descobrimos. Que Deus abençoe este livro para que o aconselhamento dentro da igreja local logo seja uma realidade.

PRIMEIRA PARTE: PRELIMINARES

- 1. O ALVO DO ACONSELHAMENTO: O QUE ESTAMOS TENTANDO FAZER?**
- 2. CRISTIANISMO E PSICOLOGIA: INIMIGOS OU ALIADOS?**

Capítulo 1

O Alvo do Aconselhamento: O que estamos tentando fazer?

Estamos sendo realmente egoístas?

Veja o que poderia ser uma conversa típica entre um cliente e um conselheiro cristão:

Cliente: — Estou tão frustrado! Acho que vou explodir. Deve haver algum modo de me acalmar. Se mais uma coisa não der certo, vou enlouquecer!

Conselheiro: — Parece que você está um tanto desesperado.

Cliente: — Realmente estou. Embora eu seja cristão e creia na Bíblia, nada está dando certo. Já tentei orar, confessar, dar, me arrepender, tudo. Deve existir alguma resposta em Deus, mas eu não encontro!

Conselheiro: — Eu compartilho das suas convicções de que o Senhor pode dar paz. Vamos examinar as coisas, a fim de ver o que pode estar bloqueando a Sua obra em sua vida.

Quando chega neste ponto, o aconselhamento pode seguir uma dentre muitas direções, dependendo do posicionamento teórico do conselheiro, da natureza do relacionamento com o cliente e de uma infinidade de outros fatores. Qualquer que seja a direção tomada pelo aconselhamento, pense por um momento no *alvo*. O que o cliente está realmente pedindo? O que ele espera que aconteça, acima de tudo o mais, como resultado do seu aconselhamento? Enquanto escuto os meus pacientes e faço uma introspecção sobre os meus próprios alvos ao lutar com um problema pessoal, parece-me que o objetivo comum que tão apaixonadamente desejamos é fundamentalmente egocêntrico: “Quero sentir-me bem” ou então “Quero ser feliz”.

Não existe nada de errado em querer a felicidade. Porém uma preo-

cupação obsessiva com a felicidade pessoal, muitas vezes, obscurece a nossa compreensão do caminho bíblico para o gozo profundo e duradouro. O Senhor nos disse que existem prazeres para sempre à Sua destra. Se desejamos esses prazeres, precisamos aprender o que significa estar à destra de Deus. Paulo nos diz que Cristo foi exaltado à destra de Deus (Efésios 1: 20). Segue-se naturalmente que, quanto mais eu permanecer em Cristo, mais gozarei os prazeres provenientes da comunhão com Deus. Se quero experimentar verdadeira felicidade, devo desejar acima de tudo tornar-me mais como o Senhor, viver em sujeição à vontade do Pai, conforme Ele fez.

Muitos de nós estabelecemos como prioridade, não o ser como Cristo no meio dos nossos problemas, mas o encontrar a felicidade. Quero ser feliz, mas a verdade paradoxal é que nunca serei feliz se minha preocupação primordial for a busca da felicidade. Meu alvo supremo tem que ser, em todas as circunstâncias, reagir de acordo com os ensinamentos bíblicos, colocar o Senhor em primeiro lugar, procurar comportar-me como Ele desejaria de mim. A verdade maravilhosa é que, enquanto devotamos nossa energia à tarefa de tornarmo-nos no que Cristo quer que sejamos, Ele nos enche de gozo indizível e paz que sobrepuja tudo o que o mundo possa oferecer. Devo firme e conscientemente, por um ato de minha vontade, rejeitar o alvo de tornar-me feliz e adotar o alvo de tornar-me mais como o Senhor. O resultado será felicidade para mim, enquanto habito à mão direita de Deus em comunhão com Cristo. Nossa ênfase moderna em integridade pessoal, potencial humano e liberdade para sermos nós mesmos, tem-nos desviado sorrateiramente dum ardente empenho para tornarmo-nos mais como o Senhor, fazendo-nos ter um interesse primordial no nosso desenvolvimento como pessoas, o que, como nos é implicitamente prometido, nos levará à felicidade.

Veja os títulos de tantos livros cristãos da atualidade: “O segredo cristão duma vida feliz”; “Desenvolva todo o seu potencial”; “A mulher total”; “A mulher completa”. Muitos contêm conceitos excelentes e verdadeiramente bíblicos, mas sua mensagem, clara ou implícita, às vezes nos dirige mais à preocupação com a auto-expressão e menos a um interesse em conformar-nos com a imagem de Cristo. A Bíblia, porém, ensina que, se eu permanecer em obediência na verdade, a fim de tornar-me mais como Deus e assim torna-lo mais conhecido, o resultado será finalmente a minha felicidade. Mas nem o alvo da vida cristã, nem o alvo do conse-

lhamento cristão poderão constituir a felicidade do indivíduo. Buscar a felicidade é como procurar dormir: enquanto uma pessoa se aplica consciente e zelosamente a esse alvo, jamais o alcança.

Paulo disse que sua ambição (seu alvo) não era ser feliz, mas agradar a Deus a cada momento. Que pensamento transformador! Quando estou dirigindo o carro para o trabalho e alguém corta a minha frente, quando meus filhos se comportam mal durante o culto na igreja, quando a máquina de lavar quebra, minha responsabilidade principal é **agradar a Deus!** Hebreus 13: 15, 16 diz que os crentes-sacerdotes (todos nós somos sacerdotes) têm uma função dupla: (1) oferecer o sacrifício de louvor a Deus e (2) oferecer o sacrifício do serviço aos outros. Se quero agradar a Deus a cada momento, devo ocupar-me primordialmente da adoração e do serviço. Parece-me que uma verdade seriamente negligenciada na maior parte dos esforços de aconselhamento cristão é esta: **a razão bíblica básica de querer resolver o seu problema pessoal, deveria ser seu desejo de entrar num relacionamento mais profundo com Deus, agradá-lo mais efetivamente através do louvor e do serviço.**

Abundantes e recompensadores dividendos nos são oferecidos. Paulo foi grandemente fortalecido em suas aflições pela perspectiva do céu. Ele ansiava pelo descanso maravilhoso e pela alegria sem perturbação que neste momento ele experimenta. Imagino que ele esteja se regozijando grandemente nestes últimos dezenove séculos, conhecendo melhor ao Senhor e tendo agradáveis conversas com Pedro, Lutero e os meus avós, entre outros. Ele é sumamente feliz. Mas a felicidade pessoal deve ser vista como consequência, não como alvo. Devo glorificar a Deus e, *enquanto o fizer*, me deleitarei nEle. Não devo reescrever o Catecismo Menor de Westminster para ler que devo glorificar a Deus *a fim de* gozar dEle. Este alvo, a felicidade, é sempre fugidio, não importa que estratégia se empregue. Ela está maravilhosamente à disposição daqueles cujo alvo é agradar a Deus em todos os momentos.

Na próxima vez que você deparar com um problema pessoal (talvez agora mesmo), pergunte-se: “Por que eu quero resolver este problema?”. Se a resposta honesta for “Para que eu seja feliz”, você está muito longe da solução bíblica. O que fazer então? adotar, por um ato consciente, definido, tremendamente decisivo da vontade, um alvo diferente: **“Quero resolver este problema de modo a tornar-me mais semelhante ao Senhor. Então poderei louvar a Deus mais plenamente e servi-LO mais efeti-**

vamente''. Escreva isto num cartão. Leia a toda hora. Reafirme regularmente essa decisão, mesmo que ela pareça artificial e mecânica. Ore para que Deus a confirme dentro de você enquanto você continua, por um ato da vontade, a asseverá-la. Ponha em prática este seu alvo de modo definido. Comece a adorá-LO dando a Ele graças pelo que mais o perturba. Procure maneiras criativas de servi-LO.

Os conselheiros cristãos devem ser sensíveis à profundidade do egoísmo que reside na natureza humana. É assustadoramente fácil ajudar uma pessoa a atingir um alvo não bíblico. É nossa responsabilidade, como membros do mesmo Corpo, continuamente recordar e exortar uns aos outros a fim de manter em vista o alvo de todo verdadeiro aconselhamento: libertar as pessoas para que possam melhor adorar e servir a Deus, ajudando-as a tornarem-se mais semelhantes ao Senhor. Em suma, o alvo é maturidade.

Maturidade Espiritual e Psicológica

Paulo escreveu, em Colossenses 1: 28, que sua interação verbal com as pessoas (aconselhamento?) sempre teve por objetivo promover a maturidade cristã. Somente o crente que está amadurecendo está entrando mais profundamente no propósito último de sua vida, isto é, adoração e serviço. O aconselhamento bíblico, portanto, adotará como estratégia principal a promoção da maturidade espiritual e emocional. Quando falamos com outros crentes, devemos ter sempre em mente o propósito de auxiliá-los a tornarem-se mais maduros para que possam melhor agradecer a Deus.

A maturidade envolve dois elementos: (1) obediência imediata em situações específicas e (2) crescimento do caráter a longo prazo. Para compreender o que quero dizer com maturidade e ver como estes dois elementos contribuem ao seu desenvolvimento, primeiro temos que entender o ponto de partida bíblico em nossa busca da maturidade. Nada é mais importante para uma vida cristã efetiva do que uma consciência clara de seu fundamento. A experiência cristã começa com a *justificação*, o ato pelo qual Deus declara que sou aceitável. Se quero ser psicologicamente íntegro e espiritualmente maduro, tenho que entender claramente que a minha aceitabilidade por Deus não se baseia no meu comportamento, mas no comportamento de Jesus (Tito 3: 5). Ele foi (e é) perfeito. Porque Ele nunca pecou, jamais mereceu a morte. Mas Ele

voluntariamente foi à cruz. Sua morte foi o castigo que meus pecados mereciam. No Seu amor Ele ofereceu uma troca. Quando eu dou a Ele os meus pecados, Ele os paga a fim de me perdoar justamente, e então Ele me oferece o dom da Sua justiça. Deus me declara justo com base no que Jesus fez por mim. Fui declarado justo. Sou justificado. É um dom que Deus não coloca dentro de mim (ainda sou pecador), mas que Ele declara agora ser meu. Não posso perdê-lo. Sou aceito como eu sou porque a minha aceitabilidade nada tem a ver com como eu sou ou como fui ontem ou como serei amanhã. Depende exclusivamente da perfeição de Jesus.

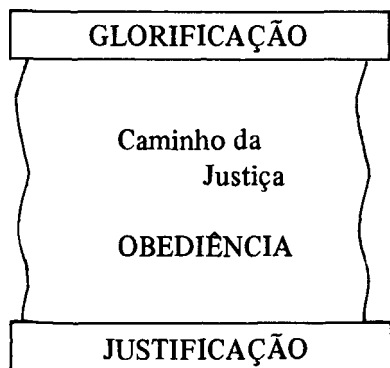
Este ponto não pode ser relegado ao âmbito sêco da teologia. Está no cerne de todo crescimento cristão e no entanto, muitos que entendem a doutrina da expiação vicária, deixam de ver sua aplicação tremendamente prática às nossas vidas. Toda a nossa motivação para todo o nosso comportamento está ligada a esta doutrina. Os esforços para agradar a Deus, vivendo conforme devemos, e para resistir à tentação são frequentemente motivados pela pressão. Sentimos alguma espécie vaga de compulsão que nos força à obediência. E assim obedecemos sob ameaça de algum castigo. Temos medo da ira divina? “Agora, pois, já *nenhuma condenação* há para os que estão em Cristo Jesus”. Estamos preocupados com o fato de sermos ou não aceitos? Mas a nossa aceitação depende da obra expiatória de Cristo. Talvez tenhamos que seu amor seja impedido? “Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus?” Nada “poderá separar-nos do amor de Deus em Cristo Jesus nosso Senhor”. Porque nos preocupamos com estas coisas, não crendo realmente nas Escrituras, tendemos a procurar em outros cristãos a confirmação da nossa aceitabilidade. Sua aprovação torna-se por demais importante, e assim sentimos pressão por parte deles para agir segundo eles esperam. Quando não satisfazemos o que acreditamos serem as suas expectativas, sentimo-nos culpados e os evitamos ou os enganamos. A comunhão é quebrada. Quando fazemos o nosso melhor esforço e eles demonstram desaprovação ou deixam de louvar os nossos esforços, ficamos irados com eles.

Grande parte de nossa atividade cristã é motivada por um desejo pessoal de ganhar aprovação de alguém e assim tornarmo-nos aceitáveis! Toda a dor, e os problemas resultantes dessa espécie de motivação, são desnecessários por causa da doutrina da justificação pela fé. Já sou aceito.

Não preciso da aprovação dos outros. Deus já me declarou apto. Quando eu entendo que, mesmo fraco, esta é minha situação, minha resposta inevitável é: “Obrigado, Senhor – quero agradar a Ti”. Paulo disse que era constrangido não pela pressão para ser aceitável, mas pelo amor insondável de Cristo (2 Coríntios 5: 14). Sua motivação básica era o amor. Ele queria agradar a Deus e servir aos homens não para tornar-se aceitável, mas porque já era aceito. O fundamento de toda a vida cristã é, portanto, uma compreensão certa da justificação.

Um dia eu serei glorificado. Estarei no céu. Até então as minhas imperfeições não serão de todo removidas. O que Deus declarou ser verdade, que eu sou totalmente aceitável, Ele um dia tornará verdadeiro no meu ser total – serei completamente livre de todos os desejos, atos e pensamentos pecaminosos. Até então (o que geralmente denominamos glorificação), Deus está no processo de me santificar, de me purificar, de, pouco a pouco, me ajudar a ser mais um pouco do que Ele já declarou que eu sou. Ele me deu a posição de aceitabilidade. Agora Ele me instrui a crescer na minha posição, a comportar-me cada vez mais aceitavelmente. A motivação para tanto é o amor. Ele me deu o Espírito Santo, que me diz como viver e me capacita a viver do modo como devo. Porque eu sou justificado, a minha glorificação é certa. Eu revelarei o caráter de Deus quando O vir, porque então serei como Ele é. Mas Deus me disse que no tempo entre a minha justificação e a minha glorificação, devo trilhar o caminho da obediência. A maturidade cristã implica em que devo tornar-me cada vez mais semelhante ao Senhor Jesus, através de maior obediência à vontade do Pai.

A ilustração abaixo mostra o que foi dito até aqui.



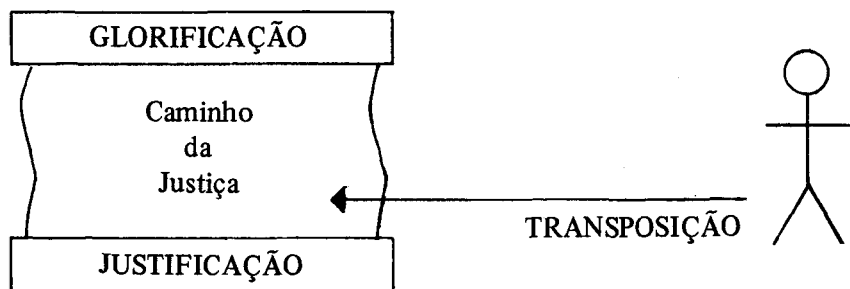
Serei tornado perfeito,
Deus assim predestinou.

Em vista da minha justificação
e da minha futura glorificação,
eu desejo agradar ao Senhor.

Sou aceitável a Deus.
Ele o declarou.

Todos os que estão justificados um dia serão glorificados. A nossa justificação (passada) e glorificação (futura) dependem totalmente de Deus. Neste ínterim, no entanto, todos enfrentamos muitas dificuldades para obedecer. Facilmente nos desviamos do caminho da justiça e nem sempre seguimos os moldes bíblicos de comportamento. O aconselhamento cristão ocupa-se da seguinte questão: está ou não o cliente respondendo obedientemente a qualquer circunstância que esteja enfrentando? Frequentemente, no aconselhamento, ficará claro que o aconselhado não está respondendo de maneira bíblica às circunstâncias que o pressionam. Ele poderá estar sob tremenda tensão; talvez haja um histórico que torna perfeitamente natural e compreensível o seu comportamento; e podemos simpatizar profundamente com estes problemas. Contudo, temos que insistir em que, sejam quais forem as circunstâncias ou a história da vida do cliente, a fidelidade de Deus nos assegura que ele tem todos os recursos necessários para aprender a se comportar de modo bíblico dentro da presente situação. Deus jamais permitirá que se desenvolva na vida de qualquer crente uma situação a que ele não possa responder de modo bíblico. Conforme eu entendo a realidade de “Cristo em mim” através do seu Espírito, nunca poderei dizer “Mas eu não posso agir conforme Deus quer que eu aja. As circunstâncias são demais!”. Um conselheiro precisa ajudar seu cliente a mover-se para o caminho da obediência. Chamo a isso alvo de TRANSPOSIÇÃO.

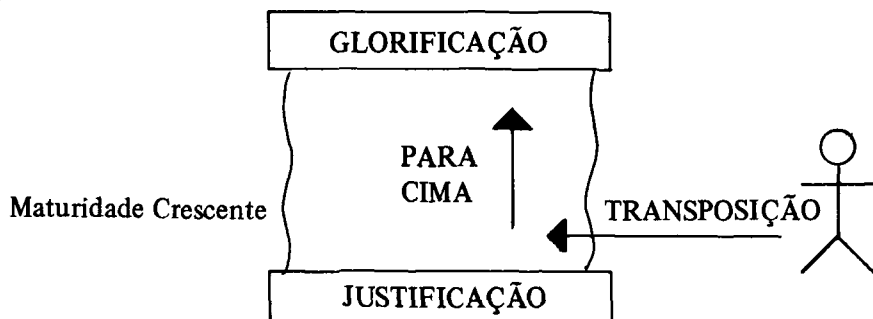
Somando o alvo de TRANSPOSIÇÃO ao nosso desenho, agora parece assim:



Grande parte do aconselhamento consiste em remover bloqueios tais como “não posso”, “não quero”, “não sei como lidar com isto”. Tentações às quais o cliente frequentemente cede são, muitas vezes, o problema. Estas exigem mais do que exortações para “fazer à maneira de Deus”.

Métodos específicos para resistir à tentação que dependem de recursos tanto psicológicos como espirituais serão debatidos mais adiante. Qualquer que seja a abordagem, o alvo é ajudar o cliente a responder biblicamente às circunstâncias problemáticas, a “transpor-se”.

A obediência, porém, é apenas parte do alvo. Um cristão tem que fazer mais do que modificar seu comportamento. As atitudes têm que mudar, os desejos devem pouco a pouco conformar-se mais ao plano de Deus, deve haver um novo estilo de vida que represente mais do que uma coleção de respostas obedientes. A mudança tem que ser não só obediência externa, mas um novidade interior, um modo renovado de pensar e perceber, um novo conjunto de alvos, uma personalidade transformada. Chamo a este segundo objetivo, mais amplo, alvo PARA CIMA. As pessoas precisam não apenas mudar de lado, transpondo-se, mas também PARA CIMA.



Paulo se refere a cristãos imaturos que realmente não entendem de modo prático a cada momento a realidade do senhorio de Cristo. Vivem de modo não muito diferente dos incrédulos. Brigam, irritam-se facilmente, expressam invejas e ressentimentos. Não se dão bem uns com os outros. Os que são maduros (ou melhor, os que estão se tomando cada vez mais amadurecidos) são os que entendem verdadeiramente o que significa a vida cristã. Nos seus corações, nada mais querem do que adorar e servir a Cristo. Entendem o alvo final da vida cristã. Tropeçam e caem, mas se arrependem facilmente, levantam e voltam para o caminho certo..

Gene Getz escreveu um importante livro denominado *A Medida de um Homem Espiritual*, (Editora Vida). O conteúdo representa essencial-

mente uma definição operacional da maturidade cristã. Quando Paulo instruiu Timóteo e Tito a procurar homens para posições de liderança, disse-lhes que buscassem certas características observáveis que, no conjunto, refletem a maturidade. Getz faz uma lista de vinte medidas de maturidade e discorre sobre o que cada uma é realmente, sugerindo muitas idéias práticas de como desenvolvê-las. Estas descrições são úteis para o conselheiro como guia para promover e avaliar a maturidade. Mais adiante discutirei pormenorizadamente a noção de que, para se desenvolver a maturidade, da espécie que agüenta tempestades violentas, certas partes integrantes do sistema de crença do cliente têm de ser identificadas e mudadas diretamente. A mudança de comportamento (o alvo de TRANSPOSIÇÃO) é um pré-requisito necessário para a maturidade, porém mudanças mais fundamentais nas pressuposições do cliente quando ao que satisfaz as necessidades básicas tais como valor, importância e segurança sempre são úteis e geralmente são exigidas para que se desenvolva uma estável maturidade cristã.

Deve-se notar que o alvo de TRANSPOSIÇÃO e PARA CIMA é radicalmente diferente dos alvos usuais traçados por conselheiros seculares. Ulman e Krasner, conhecidos psicólogos comportamentistas, definiram o humanismo como “qualquer sistema ou modo de pensar ou agir em que prevalecem os interesses, valores e dignidade humanos”. A maioria das teorias psicológicas aceita implícita ou explicitamente a doutrina humanista como fundamental para seu pensamento. Um sistema em que “interesses, valores e dignidade humanos predominam” é, descaradamente, um sistema centralizado no homem, sem dar lugar à direção santa de um Deus objetivo e pessoal. Se, no julgamento dos terapeutas, os interesses humanos entram em conflito com as ordens bíblicas, as Escrituras são displicentemente colocadas de lado em favor do alvo mais alto. Para o não cristão (e, como já notamos anteriormente, muitas vezes para o cristão), e felicidade do cliente é suprema. O que promove uma sensação pessoal de bem-estar é o desejável. Lazarus³, num livro excelente e útil, de modo geral, adota como seu sistema de valores um preceito moral único, com que a maioria dos não cristãos provavelmente concordaria: “Você tem o direito de fazer, pensar e sentir qualquer coisa que quiser, desde que ninguém se machuque durante o processo”. Questões de moralidade são resolvidas rapidamente de acordo com esse preceito, sem

qualquer consideração para com o caráter de Deus e Sua lei revelada. Permitam-me dizer rapidamente, porém, que terapeutas seculares sensíveis *não* procuram, necessariamente, mudar o sistema de valores de uma pessoa para concordar com o deles e podem ser muito úteis ao lidar com crentes, desde que os alvos da terapia coincidam, ou pelo menos não entrem em conflito, com o alvo geral de TRANSPOSIÇÃO e PARA CIMA.

Deve-se dizer ainda, porém, que a psicologia secular funciona a partir de um conjunto de pressuposições radicalmente diferentes do que o Cristianismo advoga e os alvos para um cliente individual poderão ser afetados por essas diferenças. Por exemplo, um ajustamento matrimonial que contradiga o ensinamento bíblico sobre os papéis de marido e mulher poderia satisfazer o secularista, mas não o cristão. Tal ajustamento não violenta a preocupação limitada do humanista pelos interesses, valores ou dignidade pessoais, e certamente não fere, de forma alguma, as outras pessoas. Mas o alvo de TRANSPOSIÇÃO para uma conformidade com a Bíblia não foi alcançado e o alvo de ir PARA CIMA em direção a uma atitude de submissão como a de Cristo à vontade do Pai, não foi nem considerado (e, na maioria dos casos, seria tido como objeto de riso por sua irrelevância).

Resumo

O alvo do aconselhamento bíblico é promover a maturidade cristã, ajudar as pessoas a entrar numa experiência mais rica de adoração e numa vida mais efetiva de serviço. Em termos gerais, a maturidade cristã se vai adquirindo: com (1) a defrontação de quaisquer circunstâncias problemáticas imediatas de modo coerente com as Escrituras: TRANSPOSIÇÃO; (2) com o desenvolvimento de um caráter interior que se conforme com o caráter (atitudes), crenças e propósitos) de Cristo: PARA CIMA.

Notas

¹ Frequentemente usamos as palavras “glorificar”, “glória”, “glorioso” sem parar para defini-las claramente. Devo a meu pai a sugestão de que glorificar a Deus é revelar o Seu Ser essencial: “Pai, é chegada a hora; glorifica (revela) a Teu Filho, para que o Filho Te glorifique (revele) a Ti” (João 17: 1). Eu glorifico a Deus à medida que o revelo andando conforme Ele andou.

² Ullman, L. e Krasner, L. *Case Studies in Behavior Modification*. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1965.

³ Lazarus, A. *Behavior Therapy and Beyond*. New York, McGraw-Hill, 1971.

Capítulo 2

Cristianismo e Psicologia: inimigos ou aliados?

Antes de discutirmos a estratégia envolvida em ajudar as pessoas a TRANSPOR-SE e ir PARA CIMA, talvez seja importante compartilhar o meu pensamento quanto ao problema espinhoso, calorosamente debatido e longe de estar resolvido, da integração do cristianismo com a psicologia. Ao promover a maturidade cristã através do aconselhamento, é-nos permitido recorrer à teoria e aos métodos psicológicos seculares? É permissível que o pensamento de um conselheiro cristão seja moldado ou de qualquer modo, influenciado pelo trabalho de psicólogos incrédulos? Certas abordagens seculares, como a Análise Transacional¹, tornaram-se populares em círculos evangélicos. Como um cristão deve encarar tais posições? Elas oferecem esclarecimentos válidos dos quais um crente pode tirar proveito ou são totalmente inaceitáveis?

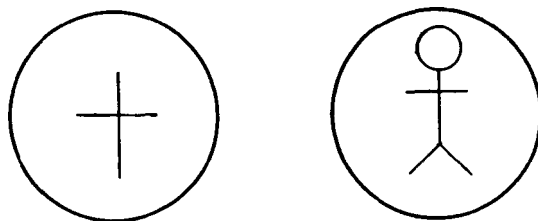
Talvez muitos problemas trazidos pelas pessoas aos conselheiros, nada tenham a ver com questões espirituais; para estas, será que os objetivos de TRANSPOSIÇÃO e PARA CIMA não seriam um tanto irrelevantes? Como se promove a obediência e o crescimento do caráter em alguém que se queixa de forte medo de cobras, que interfere com os acampamentos que a família faz? Você discute as responsabilidades bíblicas que ele tem para com a família e exorta-o a ir apesar do seu temor, confiando na proteção e paz divinas? Ou você emprega a técnica comportamentista de dessensibilização sistemática, uma técnica secular de eficácia razoavelmente comprovada? Alguns considerariam que problemas tais como este, são como uma cárie dentária que requer os serviços de um bom dentista. As crenças deste são bem menos importantes para o paciente cristão do que as suas habilidades profissionais. Será que os diver-

soos problemas experimentados pelas pessoas precisam realmente ser tratados como problemas médicos ou psicológicos por psicoterapeutas profissionais ou, em algum ponto, representam um desvio ou uma compreensão inadequada de alguma verdade espiritual?

Estas perguntas são importantes. Se a psicologia oferece recursos que agucem nossas habilidades de aconselhamento e aumentem nossa eficiência, queremos conhecê-los. Se todos os problemas são, em seu âmago, questões espirituais, não queremos negligenciar os recursos extremamente necessários colocados à nossa disposição pelo Senhor por uma ênfase errada na teoria psicológica. Porque o meu próprio pensamento sobre a integração se reflete em muitos conceitos que desenvolverei mais adiante, parece-me apropriado resumir a minha perspectiva de um relacionamento aceitável entre a psicologia secular e a verdade bíblica.

Lendo as obras de psicólogos cristãos, parece-me que existem muitas posições diferentes nessa questão de integração. A situação assemelha-se um pouco à que prevalece entre várias denominações protestantes, em que cada grupo diz ser a sua posição a verdadeiramente bíblica. O problema que crentes evangélicos enfrentam ao lutar com a integração é suficientemente aberto para que o possamos descrever. Existe um corpo de verdade revelada de forma proposicional ao qual todos os evangélicos aderem como a Palavra de Deus, inerrante e inspirada. Existe ainda outra literatura que representa as teorias diversas, por vezes contraditórias, e observações às quais denominamos simplesmente psicologia secular. Vamos simbolizar cada um por um círculo. O círculo da verdade revelada tem ao centro a pessoa de Cristo e Sua obra expiatória na cruz.

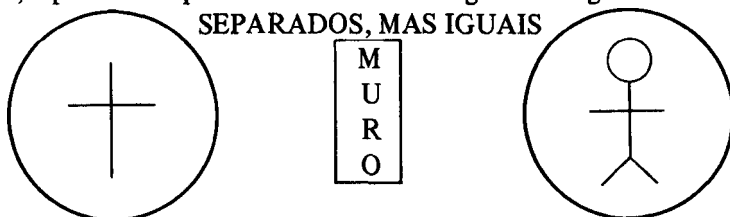
Buswell, em sua *Teologia Sistemática*, declara que o postulado central do cristianismo é Jesus Cristo como segunda pessoa da Divindade Soberana, triúna, conforme apresentado na Bíblia, Sua Palavra infalível. A psicologia secular está comprometida com o postulado radicalmente oposto do humanismo, doutrina que insiste veementemente em que o homem é o ser supremo, o evento central de toda a história. Tudo gira em torno do homem e é avaliado em termos de suas vantagens para o homem. A pergunta com que deparam os que querem enfrentar de modo significativo a questão da integração é: qual a relação entre os dois círculos?



As várias tentativas de integrar os círculos e, assim, oferecer uma estrutura para o desenvolvimento de uma estratégia de aconselhamento verdadeiramente bíblica poderá se reduzida, talvez, a quatro abordagens distintas.

Separadas, Mas Iguais

A primeira abordagem poderá ser denominada “separadas, mas Iguais”, e pode ser representada como no diagrama a seguir:



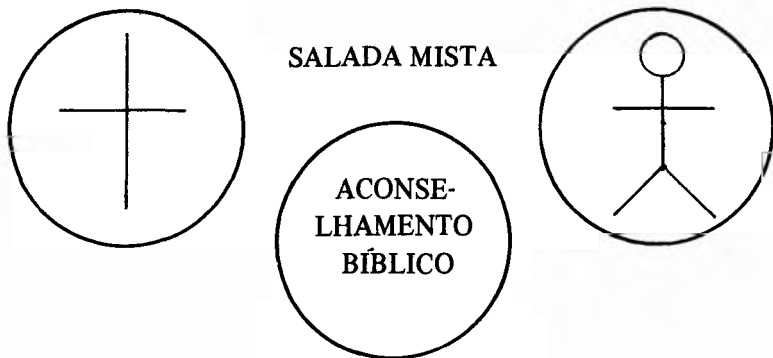
Os que advogam esta posição acreditam que a Escritura trata apenas de problemas espirituais e teológicos que envolvem a crença e a prática cristãs. Consideram que muitas áreas de interesse legítimo, tais como desordens médicas, odontológicas e psicológicas, estão fora do âmbito da responsabilidade única dos cristãos e devem ser cuidadas por profissionais competentes. A Escritura, dizem, não foi feita como livro texto médico ou guia para qualquer tipo de tratamento de saúde, assim como não foi escrita como relato abrangente da história da antigüidade ou um tratado científico. Se uma pessoa tem pneumonia, mande-a ao médico, não ao pastor. Se ela quer construir uma casa, consulte um arquiteto e um construtor. Se tem dinheiro para fazer investimentos, recomende um consultor financeiro. E, continuando de modo paralelo, se tem problemas psicológicos, se está mentalmente doente, tenha a sabedoria para conduzi-lo a um conselheiro profissional altamente treinado.

Pastores com pouco preparo ou experiência em aconselhamento e ainda menos inclinação para isto devem encaminhar pessoas com problemas a um conselheiro competente, *mas não porque problemas psicológicos pertençam a uma esfera não relacionada com o cristianismo*. Muitos presumem que a Escritura não tem mais a ver com problemas emocionais do que com pneumonia. A dificuldade apresentada por esta idéia comum surge quando nos detemos no que se chama de doença mental. Disfunções psicológicas geralmente consistem em problemas tais como culpa, ansiedade, ressentimentos, apetites descontrolados, falta de auto-aceitação, sentimentos de desvalorização pessoal, insegurança, prioridades erradas e egoísmo, ou são deles decorrentes. Mesmo a leitura mais superficial da Escritura revela rapidamente que ela tem muito a dizer a respeito destas coisas.

Talvez uma compreensão detalhada de como estes problemas interagem e assim produzem sintomas psicológicos, seja algo que a psicologia possa ajudar-nos a entender melhor. Sem dúvida, porém, a espécie de problemas que constituem o cerne das desordens emocionais são dificuldades das quais a Bíblia fala. Criar um muro entre a Escritura e a psicologia e presumir que as duas disciplinas sejam Separadas, mas Iguais, cada qual lidando com áreas de problemas diferentes, deve ser firmemente rejeitado como um reflexo impreciso do conteúdo bíblico.

Salada Mista

Uma segunda abordagem à integração assemelha-se ao processo que se segue para preparar uma salada mista: misturar vários ingredientes juntos numa só tigela e criar uma miscelânea gostosa.



A fraqueza da primeira abordagem é corrigida por esta. Como a Escritura encara tantos problemas que são tratados nos consultórios de aconselhamento, o conselheiro cristão irá querer somar ao seu arsenal de terapia um conhecimento operante de conceitos bíblicos relevantes e versículos que sustentem o que ele propõe. Quentin Hyder, no seu bem-aceito livro *Christian's Handbook of Psychiatry* (Manual de Psiquiatria do Cristão), ilustra esse pensamento. Ele discorre sobre o valor de doutrinas bíblicas como o perdão ao lidar com o problema de culpa. Sua tese parece ser que a teoria secular não exauriu os meios disponíveis para ajudar as pessoas a viver vidas produtivas e íntegras. O cristianismo, ele ressalta, oferece recursos imensos e por vezes indispensáveis (por exemplo, fé, amor, esperança, confiança, propósito) que um terapeuta cristão com conhecimento, pode utilizar conforme a necessidade.

É minha impressão que a maioria dos profissionais cristãos adota esta abordagem à integração: combinam a iluminação e os recursos da Escritura com a sabedoria da psicologia e esperam que emergja uma psicoterapia verdadeiramente cristã e sofisticada. Integracionistas cristãos tendem a alinhar as duas ciências, teologia e psicologia, determinando onde o assunto em pauta se sobrepõe, e então misturam as idéias de ambas. O processo é muito semelhante ao de se juntar duas metades completas de um quebra-cabeças para completar o quadro. Por exemplo, a hamartiologia, ou seja, o estudo teológico do pecado, e a psicopatologia, o estudo psicológico dos desvios mentais, ambos lidam, sob perspectivas diferentes e a grosso modo, com o mesmo assunto: a angústia humana. A integração num modelo “Salada Mista” poderá ser atingida colocando-se hamartiologistas e psicopatologistas juntos numa mesma sala para comparar estudos e chegar a uma visão abrangente, sintetizada da situação humana.

O problema crítico com o modelo “Salada Mista” é a falta de ênfase na necessidade de um exame eliminatório cuidadoso de todo conceito secular à luz dos princípios cristãos. Visto que a psicologia advém de um conjunto de pressuposições violentamente antagônicas às Escrituras, um modelo que deixa de escrutinizar os conceitos seculares abre a porta para uma síntese de idéias contraditórias. A Bíblia pressupõe que existe uma verdade absoluta. Qualquer coisa que contradiga a verdade é falsa. Ela se recusa terminantemente a acomodar conceitos que de alguma forma sejam incoerentes entre si. Sempre que misturamos conceitos provenientes

de posições filosóficas opostas, estamos em perigo de sair de nossa base teórica.

Toda a verdade certamente é verdade de Deus. A doutrina da revelação geral oferece garantia para passarmos da revelação da Escritura para o mundo secular do estudo científico, com a esperança de se encontrarem conceitos verdadeiros e usáveis. Mas temos que tomar cuidado. Deixe-me explicar os motivos, especialmente quando procuramos ajuda na psicologia. E aqui me torno um tanto técnico. A psicologia lida em grande parte com estruturas hipotéticas ou inobserváveis. Embora tenham sido delineados processos engenhosos de medição destes conceitos inobserváveis, uma abordagem estritamente empírica tem roubado da realidade não observada muito do seu sentido lógico, do seu bom senso. O positivismo lógico e o empirismo são posições que exigem que todo termo significativo seja definido exaustivamente em termos de um referencial empírico observável. Noutras palavras, nada é significativo a menos que possamos vê-lo. Estas abordagens do conhecimento têm sido consideradas estéreis. Mais e mais pessoas na comunidade científica estão reconhecendo que não podemos reduzir palavras como amor, alma ou beleza a uma realidade tangível. Muitas vezes a realidade importante não é vista com os olhos. Uma ciência que se limite ao estudo das realidades que podem ser discernidas palpavelmente com os nossos cinco sentidos, rapidamente se tornará uma investigação precisa de trivialidades.

Para que a psicologia seja relevante às preocupações reais das pessoas, tem que ir além do empirismo restrito e lidar com conceitos que não podem ser medidos diretamente. Tão logo a psicologia começou a fazer mais do que relatar dados observáveis, suas conclusões necessariamente passaram a exigir muita interpretação subjetiva. Aquilo a que nós gratuitamente nos referimos como verdades ou descobertas da psicologia são na realidade uma mistura de dados e interpretações pessoais. Aqui está o cerne. A interpretação reflete os princípios. As descobertas da psicologia representam tipicamente *dados interpretados* e portanto, refletem em algum grau um conjunto errado de princípios. É impossível à psicologia permanecer metafisicamente neutra e puramente descritiva quando lida com coisas que não se podem ver. Devemos, portanto, mover-nos com extrema cautela na aceitação das conclusões da psicologia secular no nosso pensamento cristão. Talvez estejamos absorvendo idéias que contradigam sutilmente a nossa posição bíblica. Mais uma vez, permita-

me insistir que a psicologia de fato oferece ajuda real ao crente na busca da compreensão e resolução de problemas pessoais. Contudo, a primeira prioridade do esforço de integração responsável é desenvolver uma estratégia para a avaliação da psicologia secular á luz da Escritura.

Buswell faz uma boa colocação ao dizer que a pessoa e a obra de Cristo são "... a verdade central de todo o sistema de verdade e da realidade no universo, a verdade tão integrada a toda outra verdade a ponto de sustentá-la e nela ser revelada"². Assim, a integração torna-se uma questão de determinar quais os conceitos psicológicos que fluem com graça dos princípios cristãos centrais. Temos que fazer mais do que preparar uma "salada mista" em que se combinem conceitos de duas ciências numa síntese que permita a cada conceito manter fidelidade à sua própria pressuposição. O modelo "Salada Mista", embora muitas vezes praticado inadvertidamente por cristãos que tenham um alto conceito da Escritura, pode resultar em pensamentos que se afastam sutilmente do cristianismo em direção ao puro humanismo.

Deixe-me ilustrar como uma abordagem "Salada Mista" pode colocá-lo em dificuldades com a verdade cristã. A análise transacional oferece uma teoria bem formulada, simples, da personalidade e da dinâmica interpessoal, que ganhou ampla popularidade em muitos círculos evangélicos. Seu ensinamento básico de que as pessoas que têm convicções negativas sobre si mesmas geralmente criam problemas, é perfeitamente aceitável para os cristãos. A divisão clara, facilmente entendida da personalidade em três partes (Pai, Adulto, Criança) corresponde a grosso modo às descrições bíblicas da consciência (Pai), ego (Adulto) e natureza pecaminosa (Criança). A análise transacional envolve basicamente um estudo de encontros interpessoais, ou transações, a fim de determinar qual parte da personalidade estava envolvida em determinado intercâmbio. O aconselhamento torna-se então uma questão de ajudar as pessoas a reconhecer quando o seu comportamento surge de uma consciência opressora (Pai) ou de uma infantilidade egoísta (Criança) e propõe que se esforce deliberadamente a responder com maturidade, realismo e racionalidade, ou seja, como adultos.

Até aqui, nada é ofensivo para os cristãos. É certo que devemos comportar-nos com maturidade, e não com tirania ou infantilidade. Por ser o sistema relativamente fácil de compreender e por causa de sua aparente compatibilidade com o pensamento cristão, alguns adotaram

a A.T. como um modelo útil para o aconselhamento cristão. Mas existem problemas. Observe os pressupostos especificados como base da Análise Transacional no conhecido livro *Eu estou Ok, você está Ok*, de Tom Harris.

1. Deus é uma força impessoal (Harris aceita a teologia de Tillich).

2. O homem é basicamente bom. O pecado nada mais é do que a infeliz convicção aprendida de que “eu não sou OK”. Não há lugar na análise transacional para a culpa moral objetiva.

3. A redenção é o processo da descoberta de que minha dolorosa auto avaliação negativa não é e nunca foi verdadeira. Eu realmente sou bom (sou “OK”), aceitável exatamente como sou. A posição é paralela ao universalismo, com o seu ensino de que todas as pessoas são “OK”, embora algumas sofram o medo de não ser.

4. O homem é auto-suficiente.

Minha preocupação é que a teoria da análise transacional reflete as suas pressuposições. Uma aceitação sem censura dos conceitos e práticas da A.T. no aconselhamento cristão pode ter efeitos devastadores. Nunca se fala em pecado. Não faz parte do sistema. Fé como meio básico para se apropriar dos recursos divinos é irrelevante, pois não precisamos de ajuda sobrenatural. Questões de moral são obscurecidas por (1) uma insistência em comportamento adulto racional, (2) a inclusão do pecado como parte de nossa infantilidade e (3) o tratamento do conteúdo da nossa consciência (Pai) como suspeito. A retirada do velho homem é reduzida a desligar-se da Criança ou do Pai. O revestir-se do novo homem é redefinido como reagir de maneira adulta. A idéia de que agora as pessoas podem escolher comportar-se de modo aceitável pelas suas próprias forças não reflete e é terrivelmente incoerente com a revelação de Jesus Cristo. A obra do Espírito na motivação e capacitação para a transformação, são totalmente negligenciadas.

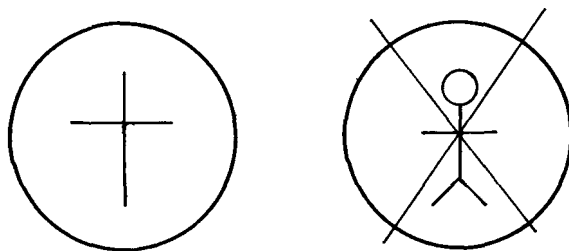
Quando sistemas são misturados sem preocupação definida com seus princípios diferentes, com o passar do tempo um sistema “engolirá” o outro. Se um conselheiro integrar procedimentos de A.T. ao seu trabalho sem muita cautela, o conteúdo cristão poderá logo desaparecer ou talvez permanecer apenas com um recurso. O problema central com uma integração “Salada Mista” não é que a psicologia secular não tenha nada a oferecer, mas sim que uma aceitação descuidada de idéias seculares pode levar a uma transigência não planejada das doutrinas bíblicas. A integra-

ção não é principalmente uma questão de alinhar a teologia com a psicologia relevante. A primeira tarefa do integracionista é passar os conceitos seculares pelo crivo da Escritura: Então poder-se-ão alinhar os conceitos resultantes com a matéria teológica apropriada e tentar assimilá-los num todo abrangente. O modelo “Salada Mista” falha por não enfatizar suficientemente a tarefa crítica e anterior de discernir, de passar pelo crivo todas as idéias.

Nada Mais

Uma terceira abordagem à integração parece ser uma reação exagerada mas bem-intencionada às duas primeiras. “Separados, mas iguais” não reconhece a relevância da Escritura para os problemas psicológicos. “Salada Mista” soma conceitos das Escrituras ao pensamento psicológico, ao invés de começar com a Escritura e analisar cuidadosamente os conceitos psicológicos à luz dos princípios bíblicos. Os proponentes de “Nada Mais” (e isso inclui tanto teólogos como psicólogos) asseadamente lidam com o programa de integração, deixando totalmente de lado a psicologia. Sua doutrina básica é “nada além da graça”, “nada além de Cristo”, “nada além da fé”, “nada além da Palavra”. Podemos ilustrar facilmente esta abordagem da seguinte maneira:

NADA MAIS



Permitam-me responder em poucas palavras a esta posição antes de discuti-la mais detalhadamente. Eu também creio na suficiência de Cristo para toda necessidade do homem, mas não creio que a estejamos negando quando aceitamos os pensamentos seculares que não contradizem de forma alguma a revelação de Cristo na Sua Palavra. Na linguagem de Buswell, conceitos são aceitáveis se Cristo os sustenta e é neles revelado. A utilização de conceitos que passem por este teste não contradiz a verdade de que Jesus é tudo de que precisamos e nem rouba do Senhor a Sua posição de preeminência.

A filosofia da abordagem “Nada Mais” parece incluir várias idéias, muitas das quais corrigem os erros implícitos nas primeiras duas, tais como:

1. A Escritura não pretende oferecer direção detalhada sobre questões físicas externas (a cura da pneumonia, a construção de uma casa, etc.). Enquanto nós permanecermos cuidadosamente dentro dos princípios bíblicos amplos, será válido buscarmos na medicina, na engenharia, na arquitetura e em outras ciências “seculares” a assistência que elas oferecem, sem comprometermos a nossa posição cristã.

2. Tudo que precisamos saber para viver efetivamente está incluído na Escritura, de forma direta e específica, pelo ensino, ou indireta e generalizada, pelo exemplo. Os problemas pessoais que afligem a tantos (não incluindo aqueles causados por disfunções físicas) sempre são provenientes de pecado, definido simplesmente como uma falha em seguir os princípios de Deus para a vida, um desvio do alvo, das intenções e dos padrões de Deus. Os promulgadores da idéia de “Nada Mais” insistem em que as desordens psicológicas são melhor compreendidas como um conjunto de problemas causados diretamente por viver de modo pecaminoso ou anti-bíblico. Psicólogos de destaque tais como Thomaz Szasz e O. Herbert Mowrer, rejeitam firmemente a idéia, implícita em muito do nosso pensamento, de que doença mental representa uma invasão de germes mentais ou um assalto de uma infância traumatizante, que tenha debilitado ou deformado nossas estruturas psíquicas interiores.

3. Como a Bíblia inclui a revelação de como Deus trata o pecado e uma declaração de princípios piedosos para a vida, um conselheiro precisa conhecer “nada além” da Escritura a fim de lidar efetivamente com *todo* problema não causado por disfunção orgânica.

4. Uma ênfase importante entre os proponentes de “Nada Mais” é que as pessoas são responsáveis pelo seu comportamento. Eles passam a enfatizar que problemas psicológicos são causados, *não* pelo que acontece com a pessoa, mas pelo modo como ela reage àquilo que acontece. E a pessoa é responsável por (e, por implicação, capaz de) *reagir conforme a Bíblia requer em qualquer situação*.

5. À luz desses conceitos, o aconselhamento envolve essencialmente dois passos: (1) identificação do modelo pecaminoso que se presume estar por baixo de qualquer problema superficial e (2) exortação e direção

para enfrentar o modelo pela confissão (tirando do velho homem) e um arrependimento definitivo.

A meu ver, o ponto de vista de “Nada Mais” é altamente recomendável ao cristão consagrado. No mundo eventualmente secularizado daquilo que passa por psicologia cristã, é alentador ouvir uma insistência tão forte sobre a autoridade e centralidade da Escritura. A ênfase sobre a responsabilidade pessoal, é um alívio bem-vindo em contraste com aqueles que justificam o comportamento pecaminoso como sintomas de doença mental. Li em algum lugar que o psicólogo de Richard Speck explicou o assassinato a sangue frio cometido por Speck contra oito enfermeiras, como uma “necessidade psicológica”. Skinner nos faria pôr a culpa no meio ambiente. Freud apontaria o dedo acusador para a perturbação psíquica interna. Rogers empatizaria com uma pessoa reprimida à qual foi negado direito de auto-expressão. Em todo caso, a pessoa como agente responsável é perdida. A responsabilidade não existe e, nas mentes de muitos, não existe também o corolário da responsabilidade, a culpa. Elimina-se a responsabilidade e acaba-se com a culpa. Acaba-se com a culpa e o pecado deixa de existir. Com a eliminação do pecado, a cruz de Cristo torna-se um martírio religioso ao invés de base para a redenção. Marca-se mais um ponto positivo para Satanás. Os proponentes do “Nada Mais” nos fazem voltar à responsabilidade, culpa, pecado e obra expiatória de Cristo. Por isto temos prazer em agradecê-los.

Neste ponto do meu raciocínio começo a discordar de meus colegas da teoria “Nada Mais” em dois aspectos principais: (1) Sua insistência em que a psicologia nada tem a oferecer e (2) no fato do aconselhamento segundo o modelo deles, facilmente reduz-se a identificar o pecado e ordenar a mudança. A implicação é de que o aconselhamento não passa de identificar comportamentos errados, instruir as pessoas sobre o que deve mudar e planejar, exortar e exigir as mudanças apropriadas.

O primeiro ponto já foi discutido quando escrevi sobre o modelo “Salada Mista”. Declarei que temos que tomar cuidado ao aceitar os pensamentos psicológicos na nossa filosofia secular pelo crivo dos princípios bíblicos, encontraremos algumas idéias (talvez muitas) que são coerentes com a Escritura e de fato somam à nossa compreensão do funcionamento humano. Por exemplo: em Gênesis 3, Adão enfrentou o seu problema de pecado pela racionalização e projeção; desculpou o seu comportamento (racionalização) colocando a culpa sobre Eva (projeção). Ele real-

mente enganou a si mesmo negando responsabilidade pessoal pelo seu pecado. Jeremias nos diz que somos por natureza propensos ao auto-engano (“Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto, quem o conhecerá?” Jeremias 17:9). Certamente um psicólogo cristão desejaria estudar esta característica do auto-engano e entender os muitos modos específicos por que nós o praticamos. Anna Freud, filha de Sigmund, escreveu uma obra clássica sobre os mecanismos de defesa do ego, as estratégias para nos ajudar a evitar o confronto com as realidades desagradáveis sobre nós mesmos. Ela observou uma variedade de maneiras pelas quais as pessoas enganam a si mesmas. Seus escritos são, portanto, apropriados e úteis como leitura para um cristão. Logo discorrerei mais sobre a validade da psicologia secular quando discutir a quarta abordagem à integração.

O segundo aspecto que me preocupa na abordagem do “Nada Mais” é que o considero um modelo simplista de aconselhamento. Este seria nada mais do que ouvir até detectar um padrão pecaminoso de comportamento e então atacá-lo autoritariamente, instruindo as pessoas a conformar com os modelos bíblicos. Ao examinar minha própria vida, a dinâmica fundamental de qualquer crescimento espiritual tem sido um senso profundo do amor incondicional de Deus, Sua aceitação, tornados possíveis através da obra expiatória de Cristo na cruz. Quando experimento a maravilha inexprimível da *aceitação*, sou motivado a amar a Deus na adoração e no serviço. O aconselhamento que se intitula de cristão não pode contradizer o caráter de Deus e nem a eficácia da cruz. Deus é santo, justo e reto. Toda a Sua ira foi derramada sobre Jesus, quando Ele levou o castigo que meus pecados mereciam. Como disse um escritor, “Ele sorveu até as últimas gotas do cálice da ira de Deus; não sobrou nada a não ser o Seu amor por mim”. Porque eu sou justificado, nunca experimentarei a ira do Deus santo. Por causa da cruz, eu agora estou pouco a pouco explorando o alcance infinito do Seu amor. Por toda a eternidade, jamais conhecerei os limites do Seu amor. Não existem.

Por ser tão difícil às pessoas apropriar-se da total aceitabilidade em Cristo o aconselhamento precisa refletir, em todos os aspectos, a aceitação do pecador justificado por Deus. A reprovação e o confronto têm lugar real e muitas vezes necessário no aconselhamento, mas devem sempre ocorrer dentro do contexto da verdadeira aceitação. Um modelo que enfatiza a exortação e correção pode facilmente negligenciar a dinâ-

mica essencial da aceitação. Sem estabelecer um relacionamento no qual a aceitação genuína seja comunicada, a correção autoritária produzirá rebeldia ou conformidade sob pressão. Nenhuma dessas promove maturidade espiritual.

Um problema relacionado com o modelo simplista de “identificar e exortar” é o seu sabor mecanicista. Carl Rogers tem documentado de maneira impressionante, em centenas de horas de aconselhamento, que as variáveis dos relacionamentos são altamente eficientes na melhoria do comportamento. As pessoas são seres sociais. Fomos criados assim por Deus. O aconselhamento tem que levar em conta a forte influência da dinâmica interpessoal. Desvalorizar a relação entre o conselheiro e o cliente em favor dum modelo de prestação de informações (Como tendem a fazer os proponentes de “Nada Mais”) é reduzir o encontro pessoal a uma interação mecânica. Consertar um carro não requer mais do que entender os princípios de funcionamento do motor e fazer com que ele funcione em conformidade com esses princípios. “Consertar” uma pessoa é bem diferente. Além dum conhecimento dos princípios de vida efetiva, é *imprescindível* que se comunique uma profunda e genuína preocupação pelo indivíduo se se pretende atingir verdadeiro crescimento do caráter.

Outra dedução questionável do modelo simplista de aconselhamento é a insistência dos “Nada Maisistas” em que todos os problemas pessoais são resultado do pecado. Isto é irrefutável, em certo sentido. Não haveria problema de nenhuma espécie em toda a criação de Deus se o pecado não tivesse operado o seu efeito corruptor. Os proponentes do “Nada Mais” parecem ir adiante, insistindo em que um pecado pessoal definido é imediatamente responsável por qualquer problema que uma pessoa esteja experimentando. Embora tal pensamento seja atraente para aqueles que estão cansados de desculpar o comportamento pecaminoso como reações incontroláveis às doenças mentais, o modelo não pode ser sempre implementado no mundo real.

Pense na criança que desde seus primeiros dias foi surrada ou negligenciada, dependendo do estado de espírito de seu pai alcoólatra. Durante anos ela foi submetida a um mundo em que não existe nada a não ser dor. Aos dezesseis anos, é enviada a um psicólogo por um assistente social. Ela não responde, é retraída, e quase não consegue desempenhar sequer funções essenciais de comer e evacuar. Às vezes fica parada sem se

mexer por horas a fio. Um terapeuta secular rotula de esquizofrenia catatônica, prescreve um tratamento à base de drogas, seguindo a noção freudiana de que pacientes psicóticos desprovidos de ego são fracos candidatos para a psicoterapia. Se o terapeuta fosse de orientação comportamentista, talvez desenvolvesse um programa de manipulação de contingências, reforçando comportamentos apropriados com dinheiro, doces ou símbolos que pudessem comprar outras coisas que o paciente viesse a desejar. Esperar-se-ia que a associação de amor e atenção com os reforçadores mais primários criasse um desejo de variáveis de relacionamento, que poderiam ser então empregados no seu desenvolvimento.

Suponhamos que um conselheiro cristão com inclinações “Nada Maisistas” tivesse que cuidar deste caso. Com o clangor soando em seus ouvidos de que “não existe doença mental, mas somente padrões pecaminosos de vida”, ele atacaria rapidamente os muitos padrões errados que fazem parte de todo o estilo de vida do garoto? Exatamente onde cabe a questão de pecado pessoal? Certamente o paciente não está exercendo fé num Deus soberano e amoroso; ele não está produzindo fruto para o Senhor mas está encolhido num canto, controlado não pelo Espírito Santo, mas pelo medo. Mas o que se faz de concreto? Identifica-se o pecado e ordena-se uma mudança?

A pessoa não desenvolvida, escondida sob as camadas da alienação defensiva se retrairia ainda mais se percebesse que o terapeuta a confrontava criticamente com suas respostas pecaminosas às circunstâncias lastimáveis da sua vida. Sua necessidade primária é aceitação. Não seria melhor prover um novo mundo de amor, procurando comunicar verdadeira aceitação de algum modo que atingisse essa pessoa? Talvez um programa de terapia comportamentista fosse útil para se estabelecer o contato, um canal para a comunicação. As drogas talvez ajudassem a reduzir a ansiedade ou, se necessário, ativassem um sistema nervoso fechado. Em alguns casos *talvez* o confronto seja a melhor maneira de transmitir respeito pela pessoa como indivíduo de valor capaz de responder de modo apropriado. A insistência em mudança a baixo nível frequentemente é uma manobra terapêutica efetiva. Qualquer que for o processo, o alvo imediato é criar uma atmosfera de aceitação, um novo mundo no qual o garoto se arriscará a enfiar a cabeça. Nalgum ponto uma insistência em que ele responda apropriadamente seria conveniente, mas não até que a criança tenha recebido razão sufi-

ciente para crer que alguém lá fora no mundo real se importa.

Permitam que eu resuma meu pensamento sobre este ponto. Muitas das pessoas com quem lidamos no aconselhamento estão se escondendo sob toda espécie de escamas defensivas a fim de proteger um frágil senso de auto-aceitação ou evitar maior rejeição ou fracasso em atingir uma auto-identidade já aleijada. O aconselhamento envolve um despojamento das escamas, às vezes com mansidão, outras vezes forçosamente, a fim de alcançar a pessoa verdadeira que está por baixo. O contexto de todos esses esforços deve ser a verdadeira aceitação ou, conforme Rogers o coloca, encarar de modo incondicionalmente positivo o valor do indivíduo. Quando a pessoa lá dentro for alcançada, as verdades da Escritura precisam ser apresentadas de modo próprio à condição do indivíduo. Parafraseando Paulo em 1 Tessalonicenses 5: 14, se ele é rebelde e voluntariamente errado, confronte e repreenda; se ele está fraco, assustado, inseguro mas se esforça, ofereça a força e assistência que você puder. (Os recursos de um corpo local de crentes devem ser especialmente valiosos em tais casos). Com todos, não obstante o seu estado, seja paciente e amorosamente receptivo.

Asseverar que o aconselhamento seja simplesmente uma questão de descobrir o pecado e exortar à mudança, transmite uma abordagem simplista que não reflete a dinâmica essencial do cristianismo e não se enquadra na demanda realista das situações de aconselhamento. O conselheiro bíblico altamente qualificado é aquele que se baseia no verdadeiro conhecimento de onde ele possa encontrá-lo e sabe como abordar o indivíduo em sua singularidade e alcançá-lo com a verdade. Assim eu questiono os proponentes de “Nada Mais” em duas áreas: (1) Eles descredita de todo o conhecimento de fontes seculares como impuro e desnecessário e (2) tendem a reduzir a complexa interação de duas pessoas a um modelo simplista do tipo “identifique-confronte-mude”.

Despojando os Egípcios

Há uma terceira abordagem da integração que a meu ver atinge um equilíbrio necessário entre o descuido não-intencional da “Salada Mista” e a reação exagerada de “Nada Mais”. “Salada Mista” presume corretamente que a psicologia secular tem algo a oferecer mas não presta atenção suficiente na possível mesclagem de pressuposições contraditórias. Os de “Nada Mais” corretamente exigem que todo o aconselhamento cristão

seja completamente coerente com a revelação bíblica mas jogam fora toda a psicologia, inclusive aqueles elementos que são (talvez acidentalmente) coerentes com a Escritura.

O modelo que estou propondo pode ser denominado “Despojar os Egípcios”. Quando Moisés levou os filhos de Israel para fora do Egito e da escravidão, eles levaram livremente dos bens dos egípcios para sustentar o povo de Deus na sua viagem à Terra Prometida. Deus não só aprovou este “despojamento” (tirar de), como também planejou-o e interveio para que acontecesse. Agora, havia coisas que os israelitas levaram com eles que deveriam ter deixado para trás. Êxodo 12:38 fala do “misto de gente” que subiu com os israelitas. Este grupo de pessoas aparentemente tinha outro conjunto de valores do que os israelitas (eles negavam a pressuposição cristã de um único Deus verdadeiro e ainda se apegavam aos deuses falsos do Egito), mas queriam participar da bênção esperada. A maneira deles encarar as coisas é paralela à versão moderna do cristianismo que não exige consagração a Cristo como Senhor mas encoraja uma atitude de “consiga o que você puder de Jesus — Ele fará com que você se sinta bem”. Um escritor chama isto de teologia do Papai Noel. “Não estou especialmente interessado no seu Papai Noel mas gosto muito daquilo que ele pode me dar”.

A Escritura relata que foi esta multidão mista não consagrada, a primeira a reclamar da falta de provisões no deserto e levaram os israelitas a se rebelar. A rebeldia tornou-se tão arraigada que todos os israelitas, exceto dois (Josué e Calebe) agiram como pagãos incrédulos e morreram no deserto. Despojar os Egípcios é portanto uma tarefa delicada e arriscada, apropriada para o cristão e sancionada por Deus, mas de modo algum livre de perigo real. Como já mencionei quando falava sobre a abordagem “Salada Mista”, quando nós misturamos conceitos baseados em pressuposições antagônicas, um sistema “engolirá” o outro até que não sobre conteúdo cristão e a psicologia cristã morre no deserto, nunca chegando à terra prometida. Mas podemos tirar proveito da psicologia secular se tivermos cuidado de passar os conceitos pelo crivo das pressuposições cristãs a fim de determinar se são compatíveis com elas.

A tarefa de escolher cuidadosamente não é fácil. Apesar das melhores intenções de permanecer bíblico, é assustadoramente fácil admitir conceitos que transigem o conteúdo bíblico. Os psicólogos gastam até nove anos entre o bacharelado e pós-graduação, estudando psicologia na

faculdade e são pressionados a gastar boa parte do seu tempo de leitura dentro do seu campo a fim de manterem-se atualizados. É inevitável, portanto, que nós desenvolvamos uma certa maneira de pensar. O resultado por demais comum e desastroso é que tendemos a encarar a Escritura através dos óculos da psicologia, quando a necessidade imprescindível é de encarar a psicologia com os óculos da Escritura.

Nos anos recentes alguns psicólogos membros de organizações de psicologia cristãs têm sugerido abertamente que interpretemos a Escritura à luz da psicologia. Um homem chegou ao ponto de reinterpretar os relatos dos evangelhos sobre atividade demoníaca em termos psicológicos, insistindo que os psicólogos têm que aderir à pesquisa empírica moderna no lugar das suposições culturalmente condicionada refletidas na Bíblia. Em contraste, McQuilkin declarou bem ao dizer que "... se a hermenêutica da Escritura, a base para a interpretação da Escritura, provém da perspectiva da antropologia cultural ou psicologia naturalista, então a Escritura não é mais a autoridade final. Relativismo cultural, determinismo ambiental e outros conceitos anti-bíblicos permearão e aos poucos tomarão o controle".³

Estou cômico de que o esforço para "Despojar os Egípcios" poderia facilmente degenerar e tornar-se nada mais do que outra salada mista que soe como bíblica, na qual o conteúdo essencial da Escritura é inadvertidamente comprometido. Para minimizar essa possibilidade, quero propor que qualquer pessoa que pretenda se esforçar no sentido de uma verdadeira integração evangélica do cristianismo e da psicologia deverá cumprir as seguintes qualificações:

1. Ele concordará que a psicologia tem que se colocar sob a autoridade da Escritura. McQuilkin define este conceito como segue: "Por 'sob a autoridade' quero dizer que quando o ensino da Escritura entra em conflito com qualquer outra idéia, o ensino da Escritura será aceito como verdade e a outra idéia não será aceita como verdadeira".⁴ Devo dizer ainda que a outra idéia, *não obstante sua sustentação pela pesquisa empírica*, não será aceita como verdade.

2. Ele deve insistir fervorosamente que a Bíblia é a revelação inspirada, infalível e inerrante de Deus de forma proposicional. Ninguém que discorda desta doutrina deveria, a meu ver, chamar-se evangélico.

3. Ele terá que concordar que a Escritura tenha "controle funcional" sobre o seu pensamento. Mais uma vez, cito o artigo profundo de

McQuilkin: “Por ‘controle funcional’ quero dizer que os princípios de prioridade bíblica sobre as opiniões contrárias e não bíblicas não são apenas doutrina que se afirma crer mas têm que ser colocados em prática plena e consistente”.⁵ O controle funcional da Escritura será menos aparente em campos tais como a arquitetura e a engenharia, sobre os quais a Escritura pouco fala, mas muito mais importante e óbvio na disciplina da psicologia, porque seu assunto em grande parte aborda o conteúdo bíblico.

4. Para que se atinja esse controle funcional da Escritura sobre uma abordagem à psicologia, os integracionistas deverão demonstrar genuíno interesse pelo conteúdo da Escritura evidenciado através de:

a. Gastar pelo menos tanto tempo no estudo da Bíblia quanto no estudo da psicologia.

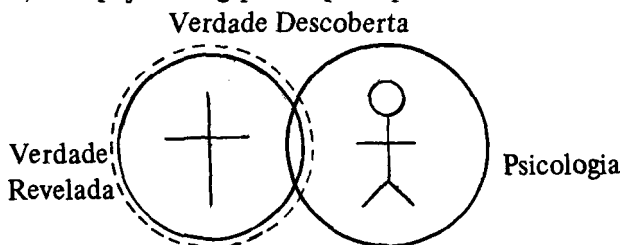
b. O estudo bíblico deverá ser regular e sistemático, resultando em

c. uma compreensão geral da estrutura e do conteúdo de toda a Escritura e

d. um conhecimento operante da doutrina bíblica básica.

e. A oportunidade de tirar proveito dos dons do Espírito pela comunhão regular com outros crentes numa igreja local verdadeiramente evangélica.

Passemos agora à discussão do modelo que proponho. Em forma esquematizada, “Despojar os Egípcios” pode parecer assim.



O círculo pontilhado em volta do círculo da verdade revelada ou demonstrada inclui todos os dados naturais ou descobertos que são verdade pela natureza de sua coerência com a revelação.⁶ Note que o círculo da psicologia se sobrepõe um pouco ao círculo da verdade revelada. Ao recordar as posições de um número de teóricos seculares, ocorreu-me que cada teoria se centralizava num princípio de comportamento humano ensinado na Escritura. No apêndice deste capítulo eu escrevi nove princípios bíblicos com uma breve descrição de cada. Em seguida fiz

uma lista de alguns dos principais livros de secularistas que edificam sobre aquele princípio e o desenvolvem de maneira úteis para um cristão. Uma palavra de cautela também é dada quanto a possíveis interpretações do conceito derivadas de pressuposições não bíblicas.

Alguma parte da psicologia oferece idéias e conceitos (ou, como antes os descrevi, “dados interpretados”) que não contradizem a posição cristã. No diagrama isto se representa pela parte do círculo da psicologia que se sobrepõe ao círculo interrompido maior da verdade descoberta. Os livros que relacionei no apêndice contém algumas informações que estariam nesta categoria. Entretanto, devido a pressuposições erradas, muitas de suas idéias vão contra o cristianismo e têm que ser rejeitadas. Erich Fromm oferece uma discussão útil de amor no seu livro, *A Arte de Amar*. O princípio sobre o qual ele baseia seu pensamento é bíblico: as pessoas precisam de amor. Alguns dos seus esclarecimentos são úteis, como sua idéia de que o amor não se define em termos de seu objeto mas sim por uma faculdade que nos capacita a amar. Mas ele está longe do alvo quanto à sua compreensão do amor de Deus. Como para ele Deus é uma fonte de energia impessoal e panteísta, pode-se aprender a amar de verdade aos outros buscando recursos já existentes na natureza humana. Sua ênfase de que as pessoas precisam de amor faz parte da verdade revelada. Alguma parte do seu pensamento cairia na sobreposição entre a psicologia e a verdade descoberta. Grande parte do seu pensamento, porém, é incoerente com a Escritura e tem que ser encarado como fora do círculo da verdade descoberta, sendo assim indigno de atenção por parte de um cristão.

Outra forma de colocar a questão é declarar que os psicólogos descobriam idéias úteis mas por vezes as empregam de acordo com pressuposições erradas. Albert Ellis, psicólogo e ateu declarado, observou que as sentenças que uma pessoa diz a si mesma tem muito a ver com a maneira como ela pensa e sente. Esta idéia é coerente com a ênfase da Escritura sobre a renovação da mente a fim de agir de modo diferente (ver Romanos 12: 1). Num de seus artigos, Ellis propõe que o medo da morte (uma emoção desagradável) pode ser reduzido através do convencimento da pessoa de que não existe vida após a morte. A medida que se repete conscientemente a sentença “não existe vida após a morte, portanto não existe futuro incerto e potencialmente doloroso que temer”, sua emoção de medo se aplacará. O modo como ele usa o princípio bíblico

de que “a mente influencia os sentimentos” é obviamente contrário às Escrituras. Apesar do modo errado como ele usa sua idéia, seus escritos ajudam a demonstrar um princípio bíblico.

Um cristão que tenha “despojado os egípcios” da psicologia secular, tirando cuidadosamente os elementos que se opõem a seu compromisso com a revelação da Escritura, estará melhor equipado a aconselhar do que o conselheiro “Salada Mista” que mescla conceitos como lhe parece melhor ou o “Nada Maisista” que se recusa a aproveitar da percepção ganha pelo estudo secular.

Apêndice

(1) *Responsabilidade pelo comportamento (Atos 5: 1-11)*

A. Conceito: as pessoas têm que ser responsabilizadas por aquilo que fazem e não colocar a culpa do seu comportamento de pecado sobre a doença mental.

B. Autores:

Menninger – *Whatever Became of Sin?* (O que aconteceu com o pecado?)

Mowrer – *The Crisis in Psychiatry and Religion* (A crise na psiquiatria e na religião)

Glasser – *Reality Therapy* (Terapia da realidade)

C. Cuidado: O pecado é definido como ofensa social ou simples irresponsabilidade.

(2) *O pensamento influencia o nosso comportamento e nossos sentimentos (Romanos 12: 2)*

A. Conceito: Aquilo com o qual enchemos nossas mentes em qualquer dado momento influenciará fortemente como nos sentimos e o que fazemos.

B. Autores:

Lazarus – *Behavior Therapy and Beyond* (Terapia de comportamento e além)

Ellis e Harper – *A Guide to Rational Living* (Um guia para a vida racional).

Maltz – *Psycho-Cybernetics* (Psicocibernética)

C. Cuidado: O conteúdo certo do pensamento tem que ser determinado pela Escritura, mas nestes livros não é assim. O que Ellis denomi-

na “crença racional” inclui o ateísmo. Se você pensa “não há Deus” você não sente culpa.

(3) *Necessidade de significado e esperança* (Atos 17: 22-34)

A. Conceito: O homem não pode funcionar efetivamente sem encarar sua atividade atual como de verdadeiro significado e sua condição futura como desejável.

B. Autores:

Frankl — *Man's Search for Meaning* (A busca do homem por significado)

Sartre — resumido em *O Deus que Intervém* de Francis Schaeffer (Brasília, Refúgio Editora, 1985, 2ª edição)

C. Cuidado: O significado é criado artificialmente em vez de ser ligado ao serviço a Deus; a esperança é um otimismo infundado, ou, na falta de otimismo, um salto em qualquer coisa que aos sentimentos *parece* bom a fim de evitar o desespero.

(4) *Necessidade de amor e relacionamento social* (Romanos 8:35-39)

A. Conceito: O homem pode funcionar efetivamente só quando ele tem relações sociais; portanto ele depende delas e seu comportamento é compreensível apenas em termos do seu contexto social.

B. Autores:

Adler — *Superiority and Social Interest* (Superioridade e interesse social)

Sullivan — *The Interpersonal Theory of Psychiatry* (A teoria interpessoal da psiquiatria)

Fromm — *The Art of Loving* (A arte de amar)

C. Cuidado: Definição inadequada de amor; nenhuma ligação com a fonte de amor: Deus; nenhum contexto moral, nenhuma diretriz bíblica; nenhuma base para verdadeira comunidade (ou seja, o corpo de Cristo).

(5) *A maioria das coisas que fazemos leva em direção a um alvo* (Mateus 11: 28)

A. Conceito: As pessoas escolhem fazer o que percebem que virá de encontro às suas necessidades. Todo o nosso comportamento é governado por essas escolhas. As escolhas erradas dependem de idéias ou crenças erradas. Paulo estava disposto a viver (“Para mim o viver é Cristo”) e também disposto a morrer (“morrer é lucro”). Ele prosseguia para o alvo que Deus colocara diante dele — conformidade com a imagem de Cris-

to — crendo que esse alvo realmente era mais compensador. Compreender o comportamento, identificar o seu alvo — perguntar, “não de onde, mas para onde”.

B. Autores:

Adler — *Superiority and Social Interest* (Superioridade e interesse social)

Dreikurs — *Logical Consequences* (Consequências lógicas)

C. Cuidado: O alvo certo nunca é descrito como maturidade em Cristo. Os Adlerianos ajudam os seus pacientes a prosseguir em qualquer direção que o terapeuta e o paciente concordarem ser a mais sensata, geralmente envolvendo elementos de interesse social humanista e auto-aceitação sem base.

(6) *Nosso desempenho no grupo é geralmente baseado em nossas necessidades (não-supridas) de aceitação* (Gálatas 2: 11-13).

A. Conceito: Precisamos aceitar a nós mesmos. A maioria de nós não o faz. Muito do nosso comportamento social é determinado por nossos sentimentos de inaceitabilidade, nossos ressentimentos contra os outros por não nos aceitarem, nossa inveja dos outros que têm aquilo que nós queremos e nosso desejo de fazer com que os outros nos aceitem.

B. Autores:

Berne — *Games People Play* (Jogos que as pessoas jogam)

Harris — *I'm Ok — You're Ok* (Eu estou Ok — Você está Ok)

Rogers — *On Becoming a Person* (Tornar-se Pessoa) e *Carl Rogers on Encounter Groups* (C. Rogers sobre grupos de encontro)

C. Cuidado: Base errada para a aceitação, sem justificação em Cristo.

(7) *As pessoas estão basicamente só pensando em seu próprio benefício, mas detestam admitir isso para si mesmos ou para os outros* (Jeremias 17: 5-10, especialmente o versículo 9).

A. Conceito: As pessoas são essencialmente motivadas por um desejo de auto-gratificação. Tanto não-crentes como cristãos “carnais” são caracterizados pelo interesse em si mesmos. Poucos confessam isso. Muitos cristãos disfarçam o viver para si mesmo com frases religiosas. Os modos de esconder seus verdadeiros motivos de você mesmo são discutidos nos seguintes livros.

B. Autores:

Brenner — *Freud, An Elementary Textbook of Psychoanalysis*

(Freud, um livro-texto elementar de psicanálise)

Fine — *Freud: A Critical Re-Evaluation of his Theories* (Freud: Uma Reavaliação Crítica de Suas Teorias) — Resume de modo adequado os pontos de vistas analíticos básicos e o importante conceito dos mecanismos de defesa.

C. Cuidado: Estes autores esposam a teoria de que os problemas podem ser resolvidos através de uma vida auto-suficiente de uma maneira socialmente aceitável.

(8) *Autenticidade pessoal: Seja você mesmo (Romanos 12: 6)*

A. Conceito: Existe necessidade real de honestidade consigo mesmo, uma consciência plena dos seus sentimentos e uma expressão não fingida do seu Eu verdadeiro.

B. Autores:

Jourard — *The Transparent Self* (O ser transparente)

Perls — *Gestalt Therapy Verbatim* (Terapia Gestalt literal)

Rogers — *On Becoming a Person* (Tornar-se pessoa)

Coulson — *Groups, Gimmicks and Instant Gurus* (Grupos, truques e gurus instantâneos — um bom livro de resumo)

C. Cuidado: O “verdadeiro ego” envolve um lodaçal de sentimentos, uma imaginação capaz de tramar pecados hediondos e uma motivação básica de egocentricidade. A Escritura ensina que o “novo homem” em Cristo deve encontrar realidade emocional através da comunhão, realidade no comportamento através do ministério e realidade no pensamento através do aprendizado.

(9) *Somos sujeitos à influência ambiental* (Gênesis 1: 28 fala do domínio sobre o ambiente. Gênesis 1: 17-19 sugere que a Queda interferiu com o domínio do homem; agora ele é parcialmente sujeito à natureza).

A. Conceito: Aprendemos a ter medo de alturas por causa do condicionamento: vemos alguém cair na televisão, falam-nos sobre ossos quebrados, etc.

B. Autores:

Skinner — *Beyond Freedom and Dignity* * (Além da liberdade e da dignidade)

Wolpe — *Psychotherapy by Reciprocal Inhibition* (Psicoterapia pela inibição recíproca)

C. Cuidado: Somos totalmente controlados pelo ambiente. A

Escritura fala de nova vida em Cristo que não nos capacita a parar de fazer com que cresçam as ervas daninhas no nosso jardim mas que nos capacita a arrancá-las sem reclamar. A cura de problemas pessoais não é refazer as circunstâncias mas sim realinharmo-nos com a Palavra de Deus.

Em Suma

O homem é responsável (Glasser) por crer na verdade que resultará em comportamento responsável (Ellis) que providencie a ele significado, esperança (Frankl) e amor (Fromm), e servirá como direção (Adler) para a vida efetiva com os outros na qualidade de pessoa que aceite a si mesmo e aos outros (Harris), que compreende a si próprio (Freud), que se expressa de forma apropriada (Perls) e que sabe como se controlar (Skinner).

Notas

¹ Uma abordagem moderna do aconselhamento que se discute mais completamente adiante neste capítulo.

² BUSWELL, J. A. *A Systematic Theology of the Christian Religion*. Grand Rapids, Zondervan, 1962.

³ MCQUILKIN, J. R. *The Behavioral Sciences Under the Authority of Scripture*. Trabalho lido na Evangelical Theological Society, Jackson, Mississippi, 30 de dezembro de 1975.

⁴ *Behavioral Sciences*

⁵ *Behavioral Sciences*

⁶ Devo a Donald Tinder a sugestão de usar os termos “verdade revelada” e “verdade descoberta”.

* Nota do editor – Veja o que o Dr. Francis A. Schaeffer tem a dizer em seu livro *Back to Freedom and Dignity* (De volta à liberdade e dignidade), publicado em inglês por Hodder Stoughton.

**SEGUNDA PARTE: CONCEITOS BÁSICOS: O QUE É
NECESSÁRIO SABER A RESPEITO DAS PESSOAS
A FIM DE ACONSELHAR EFETIVAMENTE?**

- 3. NECESSIDADES PESSOAIS: DO QUE AS PESSOAS NECESSITAM
PARA VIVER EFETIVAMENTE?**
- 4. MOTIVAÇÃO: POR QUE FAZEMOS O QUE FAZEMOS?**
- 5. ESTRUTURA DA PERSONALIDADE: DESMONTAR O RELÓGIO
PARA VER O QUE O FAZ FUNCIONAR**

Capítulo 3

Necessidades Pessoais: Do que as pessoas necessitam para viver efetivamente?

Certa vez conversei com um Sr. A. que acabara de comprar uma casa muito cara para sua família. Ele estava começando a ganhar um salário substancial mas ainda não se recobrava de uma outra dívida bem séria. Parecia-me que se ele comprasse uma casa menos dispendiosa e pagasse alguns dos empréstimos atrasados teria tido uma atitude mais responsável. Essa espécie de comportamento era um dos muitos atos de igual irresponsabilidade que ele praticava. Perguntei-lhe por que ele havia comprado uma casa tão grande, buscando uma explicação pela sua irresponsabilidade, e ele me disse que gostava muito de convidar as pessoas e ouvi-las admirar a sua casa. Isto o fazia sentir-se bem consigo mesmo. Porque que ele se sentia bem? Que *necessidade* o Sr. A. estava tentando suprir com uma casa luxuosa?

A Sra. B. sentia frieza para com o seu marido e era fortemente atraída por outro homem. Ela era uma mulher cristã e sentia-se tremendamente culpada pelos seus sentimentos. Eu perguntei a ela no que os dois homens eram diferentes um do outro, e a Sra. B. realmente não podia lembrar de nenhuma diferença importante entre os dois homens exceto uma: ela deveria ter um compromisso com seu marido mas o seu relacionamento com o pretenso amante não envolvia compromisso algum. Que *necessidade* estava sendo ameaçada pelo compromisso?

O Sr. C. disse-me que era um mentiroso patológico e eu acreditei nele. Parecia que suas mentiras sempre o colocavam numa posição favorável com respeito ao sucesso nos negócios. Ele diria à sua mulher que tinha ganho um dinheirão naquele dia e queria sair com ela para um restaurante de categoria a fim de celebrar. A verdade era que acabara de per-

der seu emprego. Se amigos queriam fazer um programa com eles, que ele e sua esposa não tinham condições financeiras de fazer, ele emprestava dinheiro de alguém, dizia à mulher que tinha ganho o dinheiro, e saíam para se divertir. Por que o Sr. C. mentia? Dizer que ele é pecador seria verdade, mas não explica completamente as mentiras. Que *necessidade* a mentira do Sr. C. procurava suprir?

Uma senhora de meia idade (Sra. D.) entrou em depressão profunda depois que seus filhos saíram de casa. Seu marido acabara de aceitar um emprego que o levava a viajar bastante. Agora ela tinha mais tempo sozinha do que nunca antes em sua vida. Sua depressão parecia ter começado com uma decisão importante que ela tomara por conta própria e que não deu certo. Por que a Sra. D. estava deprimida? Para compreender a sua depressão, é necessário responder outra pergunta. Qual a *necessidade* de que estava sendo protegida pela depressão da Sra. D.?

No fundo de cada uma dessas pessoas rugia uma exigência persistente, exigência que elas mesmas não podiam ouvir ou falar, mas que as impelia impiedosamente em direções desastrosas. Se pudéssemos ouvir as murmurações tênues mas poderosas de suas mentes inconscientes, ouviríamos algo assim:

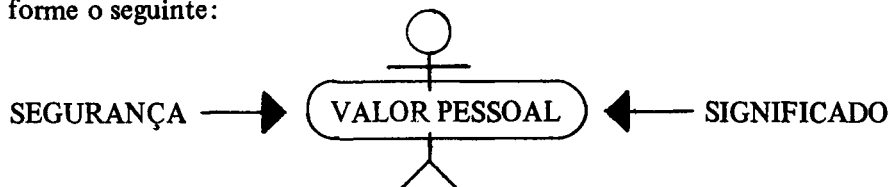
Preciso respeitar a mim mesmo como pessoa de valor. Por vezes eu nem me sinto uma pessoa. Preciso sentir-me completo. Preciso gostar de mim mesmo, aceitar a mim mesmo. Para realmente me aceitar, preciso ser alguém. Não posso me aceitar se não tenho importância para ninguém ou nada. Tenho que me considerar importante; devo ter valor em algum lugar; tenho que me ver capaz de fazer alguma coisa significativa para alguém. Mas mesmo se eu tiver conseguido isso, não basta. Se realmente quero me sentir como pessoa de valor, tenho que ser amado por outra pessoa, amado incondicionalmente, aceito exatamente como eu sou sem exigências ou pressões. Se eu for amado só porque me comportei bem, estarei sob pressão de continuar a me comportar daquela forma. Sei que é possível que eu não consiga. Nesse caso eu poderia perder o amor. Tenho que ser amado com uma aceitação que eu não possa perder, não importa o que eu fizer.

Escolhendo através desse “ribeiro do inconsciente”, uma organização simples emerge: as pessoas têm uma necessidade pessoal básica que requer duas espécies de “input” para sua satisfação. A necessidade mais básica é

um senso de valor pessoal, uma aceitação de si mesmo como pessoa completa e real. As duas espécies de “input” exigidas são *significado* (propósito, importância, adequação a uma tarefa, valorização, impacto) e *segurança* (amor incondicional e coerentemente expresso; aceitação permanente).

Creio que antes da Queda, Adão e Eva tinham, ambos, significado e segurança. Desde o momento de sua criação suas necessidades eram plenamente supridas num relacionamento com Deus não maculado pelo pecado. O significado e a segurança eram atributos ou qualidade já residentes em suas personalidades, e assim eles nem se preocupavam com essas coisas. Quando o pecado acabou com sua inocência e quebrou o seu relacionamento com Deus, as coisas que antes eram atributos passaram a ser agora necessidades. Depois da Queda, Adão escondeu-se de Deus, temendo Sua rejeição. Os dois culpavam um ao outro pelo pecado, com medo do que Deus poderia fazer. Agora estavam inseguros. A terra foi amaldiçoada e Adão foi instruído a trabalhar com o suor do seu rosto. Havia agora uma luta entre o homem e a natureza. Adão teria a força necessária para a tarefa? Ele agora estava lutando contra a ameaça da insignificância.

A estrutura de necessidade da pessoa poderá ser esquematizada conforme o seguinte:



Minha experiência sugere que embora homens e mulheres tenham os dois tipos de necessidades, para o homem o caminho *principal* para o valor pessoal é o significado e para a mulher o caminho *principal* é a segurança. Considere os exemplos no início do capítulo. O Sr. A. queria dinheiro e o reconhecimento que este traz. O essencial para compreendê-lo corretamente é enxergar, entretanto, que nem dinheiro e nem reconhecimento eram o seu principal alvo. Eram apenas meios pelos quais ele buscava alcançar um fim. Seu alvo verdadeiro era significado como base para um sentimento de valor-próprio. Ele precisava considerar-se significativo. Permita que eu insista, ainda um pouco, que não devemos confundir o pecado do orgulho (eu quero dirigir o espetáculo, eu quero da mi-

nha maneira) com a necessidade de significado. O significado é uma necessidade normal, parte intrínseca do homem como ser pessoal, necessidade que somente o próprio Deus pode suprir, necessidade que Ele quer preencher. O problema do Sr. A. não era que ele precisava de ter significado. Todos nós temos esta necessidade. Seu problema real era que ele tinha uma *crença errada* sobre o que lhe proporcionaria esse significado. Ele tinha caído pelo mito diabólico de que o dinheiro e o prestígio fazem com que se venha a ser alguém e ele tinha rejeitado totalmente o ensinamento do Senhor de que, para encontrar a si mesmo (ter verdadeiro significado, ser portanto valioso), é necessário render a si mesmo em total submissão ao propósito de Deus na sua vida.

O problema da Sra. B. era devido, em parte, à ameaça a seu significado, no entanto mais basicamente relacionado com um profundo medo de rejeição. Era valiosa sua necessidade de segurança. Um relacionamento de compromisso exigia uma maturidade que ela nunca desenvolvera. Como menina ela fora mimada ao ponto de crer que o amor era uma rua de mão única. Ela só precisava, docemente, tornar conhecidas as suas necessidades. E se não houvesse resposta, choraria, ficaria amuada ou sorriria com charme todo especial, e um amoroso benfeitor viria apaziguar os seus desejos, cedendo a todas as suas exigências. O resultado deste treinamento era (em termos de Adler) um interesse social não-desenvolvido, uma incapacidade sentida de dar. O primeiro ano do seu casamento foi um despretensoioso divertimento. Marido e mulher estavam agora enfatuados um com o outro, eram atraentes, saudáveis, sexualmente alertas, tinham bastante dinheiro e nenhum problema com os sogros. Mas as realidades de dois seres humanos distintos vivendo juntos logo os pegou de surpresa. Tornou-se claro que o casamento para a vida inteira exigiria um compromisso maduro além daquilo que a lua-de-mel do primeiro ano exigiria. A Sra. B. sentia-se ameaçada. “Será que eu consigo fazer isso? Eu nunca tive de dar. Talvez eu não consiga agradá-lo. Estou acostumada a ser amada sem ter que dar nada em troca. Mas o amor no casamento vai em duas direções e eu tenho que me dedicar a isso”.

Enquanto conversávamos, ficou claro que, nas poucas ocasiões em que ela recebera alguma desaprovação na sua infância, eram casos em que ela falhara em atingir os padrões de comportamento que outros haviam delineado. Embora criança (um amor indulgente era constantemente

te oferecido sempre que requeresse) ela tinha leve consciência da possibilidade de rejeição no caso de falhas em merecer esse amor. Agora ela se perguntava como seu marido reagiria quando a visse tal como ela realmente era, quando a olhasse por baixo do rosto bonito e da personalidade divertida. Ela temia que, mesmo que se compromettesse responsabilmente ao casamento e tentasse ser boa esposa, poderia mostrar-se incapaz para a tarefa (ameaça à necessidade de significado) e seria, portanto, rejeitada (ameaça à necessidade de segurança).

Um padrão tipicamente humano é a tendência de se fugir para um lugar seguro quando as necessidades estão sendo ameaçadas. Ela sabia que poderia ganhar aceitação num relacionamento imaturo que nada exigisse dela além de ser atraente e divertida. Um relacionamento de compromisso em que ela tivesse que dar de si mesma como pessoa e, em que com maturidade, tentasse satisfazer a outro ser humano, consistia em uma oportunidade para a rejeição. O risco envolvido no compromisso era tremendo. Ela me disse que mesmo suas fantasias adúlterinas nunca incluíam qualquer relacionamento mais sério com outro homem. Para ela era seguro borboletar de uma relação não-comprometedora a outra, sem jamais enfrentar a terrível possibilidade de que ela realmente pudesse ser rejeitada por alguém. Note que o dilema da Sra. B. torna-se compreensível quando nós discutimos a sua necessidade de segurança ameaçada.

O Sr. C., o mentiroso perpétuo, tinha um problema semelhante ao do Sr. A.. Ele acreditava que significado dependia de sempre poder viver conforme uma certa imagem. Ele era um bonachão, um “cara legal”, um da turma. Todo mundo gostava do Sr. C. exceto sua esposa. Ela sabia que ele era falso. Como ele se tornou assim? Por que ele mentia tanto? O Sr. C. relatou a lembrança de uma ocasião quando ele era menino e queria ir com o grupo de amigos da vizinhança a um circo que passava pela sua cidadezinha rural. Mas ele precisava de dois dólares e meio, e não tinha esse dinheiro. Ele se lembrava de ter procurado um membro da família após outro, depois os vizinhos, esperando que alguém lhe desse o dinheiro de que ele precisava. Mas ninguém o fez. Sentado no meu escritório, ele recordou vividamente os sentimentos de desespero (que ele realmente experimentou) — seria um horror ter de confessar aos amigos que ele não tinha dinheiro suficiente para ir. Embora criado num lar de rígida moral, sua consciência cedeu sob o peso de sua necessidade de ser alguém aos

olhos de seus colegas. Ele roubou o dinheiro de um armazém local. Outros fatores de fundo, inclusive um pai que nunca provia adequadamente e uma mãe que constantemente reclamava isso, ensinaram-no um meio de suprir suas necessidades de significado, o qual produziu muitos problemas.

Na mente do Sr. C., sua profunda necessidade de significado só podia ser suprida se ele nunca tivesse que admitir incapacidade financeira aos amigos ou familiares. Enfrentar a esperada rejeição, o escárnio e as críticas representava uma tortura a ser evitada a todo custo. A maioria de seus problemas pessoais girava em torno dessa pressuposição errada do que ele necessitava e do que teria que evitar a fim de ser alguém. Na sua vida de adulto ele sempre tinha que ser o primeiro em qualquer negócio que iniciava. Ele tinha que provar o seu sucesso. Nunca havia capital suficiente para cobrir os gastos exorbitantes e desnecessários que ele fazia em sua busca de significado. Como resultado, empreendimentos sucessivos, os quais poderiam provavelmente ter sido lucrativos, caíram um a um na falência. Um psiquiatra rotulara este modelo como um medo do sucesso. Eu penso que representava um medo de estar numa situação em que o sucesso era esperado. A maioria dos comportamentos neuróticos são tentativas de dar desculpas para a falta de sucesso. O Sr. C. precisava desesperadamente de sucesso financeiro para estimular sua auto-estima, mas tinha pavor de estar numa posição em que ele deveria ser capaz de ganhar dinheiro. Naquela situação ele poderia falhar e esse fracasso destruiria por completo o seu senso de valor pessoal. Assim, ele criava problemas (inconscientemente) nos seus negócios e aí poderia culpar estes problemas da empresa pela sua falta de sucesso. Se ele ganhasse um bom dinheiro ele poderia dizer-se bem sucedido em face da adversidade. Se ele falhasse ele poderia colocar a culpa do fracasso sobre os problemas, afastando-a de si mesmo, protegendo assim sua auto-estima.

Como era previsível, os problemas, criados por ele mesmo, levaram a repetidas falências nos negócios. Embora empurrar a responsabilidade do colapso dos empreendimentos sobre as circunstâncias o ajudasse a proteger seu frágil senso de valor pessoal, a situação o deixava na posição insuportável de não ter dinheiro suficiente para manter o mesmo nível de seus amigos e sustentar sua família. Qualquer pergunta de sua esposa sobre questões financeiras, não importa quão inocente fosse ("será que temos dinheiro para comprar um par de sapatos para o Joãozinho?")

era sentida como uma crítica e provocava profunda mágoa e por vezes explosões de ira. Sem dinheiro suficiente para impressionar os amigos e a família, a mentira tornou-se o único meio disponível para manter algum senso de auto-estima. Quando as pessoas investigavam por trás das mentiras e o apertavam com a verdade, ele simplesmente passava a culpar os problemas externos pela sua situação financeira calamitosa. Admitir que “eu não tenho dinheiro e a culpa é minha” seria para ele equivalente a declarar que era uma nulidade, um ser totalmente desprovido de qualquer valor pessoal, de qualquer importância.

Uma atitude típica que se encontra numa personalidade imatura é “não é minha culpa. Eu não vou admitir que falhei”. Admitir as falhas seria botar a perder o propósito para o qual a pessoa está totalmente dedicada: protege sua auto-estima, pois é uma mercadoria frágil. O seu compromisso é evitar o compromisso; é nunca assumir realmente a responsabilidade. Sempre deixa uma saída para si mesmo: “Farei isso se... mas se outra coisa acontecer, eu não me responsabilizarei”. Enquanto o imaturo puder evitar a responsabilidade, ele poderá evitar o fracasso pessoal. A auto-aceitação, para muita gente, depende de desempenho. Que tragédia, à luz do fato de que a morte de Cristo oferece base para Deus nos aceitar a despeito do nosso desempenho.

Toda a teia enganosa do Sr. C. estava baseada numa suposição errada: “Para ter significado, tenho que evitar o desrespeito e o deboche mantendo-me financeiramente ao nível das expectativas do meu grupo social e da minha família”. A pressão para o desempenho produzida por esse tipo de pensamento está por trás de muitas úlceras.

Considere a Sra. D. Ela tinha ficado seriamente deprimida depois que aconteceram as seguintes coisas: os filhos saíram de casa, o marido assumiu um trabalho que incluía viagens extensivas. E uma decisão importante que ela teve que tomar enquanto seu marido não estava, deu errado. O último acontecimento parece ter precipitado a depressão.

A Sra. D. sempre fora uma mulher competente, capaz, criada numa família amorosa em que suas habilidades eram reconhecidas e apreciadas. Como tantas outras crianças ele inconscientemente achava que a competência e o amor eram de algum modo relacionados. Casou-se com um homem excepcionalmente forte, ternamente autoritário. Com o passar dos anos do casamento, ela veio a depender de sua liderança ao ponto em que, sem perceber, perdeu um pouco da confiança em sua própria capaci-

dade de cuidar das situações. Mas esses sentimentos nunca vieram à tona, porque ela sentia-se bastante apta para agir com competência desde que seu marido estivesse lá para apoiá-la, aconselhá-la e desembaraçá-la de quaisquer problemas que pudessem surgir.

Seu papel como mãe oferecia verdadeira satisfação. Embora ela cometesse os erros que todos os pais cometem, seus filhos aceitavam-na como parte integrante do time efetivo dos pais. Entretanto ela permitiu que a força silenciosa de seu marido pouco a pouco diminuísse a sua confiança em si mesma e viesse a depender cada vez mais dele. Quando os filhos saíram de casa, ela perdeu uma fonte de aceitação. Seu marido aceitou o novo emprego que o mantinha viajando por semanas a fio. Um dia ele estava fora, ela acordou sentindo tensa. O nervosismo aumentou até que ela ficasse visivelmente agitada. Embora tentasse não dar importância a isso, os sentimentos continuaram por alguns dias. As pessoas começaram a comentar o seu nervosismo e perguntaram-lhe o que havia de errado.

Aparentemente o problema foi precipitado por uma decisão que ela teve que tomar no dia em que começou o seu nervosismo. Sua base de segurança sempre fora aparentar competência e capacidade. Devido ao fato de que ela nunca tivera que ser independentemente competente dentro do seu casamento, sua confiança em suas próprias capacidades tinha sido vagarosamente erodida.

Agora as circunstâncias exigiam uma decisão que ela tinha certeza que poderia tomar com sabedoria. Sua segurança, que dependia da competência e do seu bom desempenho, estava sendo ameaçada. Ela hesitantemente tomou a resolução e foi em frente aos tropeções, com sentimentos de ansiedade, com medo de que a qualquer momento sua incompetência se revelasse e as pessoas ficassem profundamente decepcionadas com ela. Quando chegou o momento inevitável e ela falhou numa responsabilidade, se encontrou então face a face com seus piores temores. Ela sempre acreditara que a aceitação era condicional ao bom desempenho, por isso estava certa de que ninguém a aceitaria, especialmente a sua família. Quando o marido voltou, uma leve crítica deixou-a totalmente arrasada. Ela desmoronou — não porque ele a criticasse, mas porque ela se sentia totalmente sem valor e inaceitável, incapaz de ser amada. “Sou aceitável se desempenho bem. Não desempenhei bem segundo o que se

esperava de mim, portanto, não sou aceitável. Não posso ser amada. Sou, portanto, um ser humano sem valor”.

Num esforço de proteger-se de maiores baques contra sua segurança, ela se retraiu numa depressão inerte, na qual obstinadamente se recusava a fazer coisa alguma. Seu pensamento parecia ser: nenhuma decisão, nenhum fracasso; nenhum fracasso, nenhuma rejeição; nenhuma rejeição, nenhuma dor maior. A depressão era sua zona de segurança. Sentimentos persistentes de culpa (“Eu não presto; Eu feri as pessoas pela minha decisão errada”) não só apoiavam a sua fuga de outras possíveis falhas, mas serviam também como meio sutil de expressar antagonismo para com um mundo que a ferira tanto. Suas auto-acusações e seu desprezo por si mesma tornaram-se um verdadeiro fardo para sua família, especialmente para seu marido, que era incapaz de dar-lhe segurança ou confortá-la. Adler fala do “opponente” na neurose, sugerindo que sintomas neuróticos são frequentemente dirigidos contra alguém, talvez para ganhar atenção ou para exprimir ressentimento.

A depressão da Sra. D. incluía portanto dois elementos: (1) desculpa por evitar mais erros e mais críticas que juntos machucariam ainda mais a sua auto-estima e (2) uma expressão de hostilidade para com um marido que sem perceber havia diminuído a sua auto-confiança pelo seu estilo de vida forte, dominante. Note que a necessidade pessoal que ela tinha era de sentir-se valiosa com base em sua segurança de ser aceita pelos outros. A aceitação, em sua mente, era ganha através de comportamento competente. Como o seu alvo de viver acima de qualquer crítica era inatingível, ela escolheu não viver de maneira nenhuma. Ela se retraiu totalmente. A depressão era o resultado natural de cortar todos os contatos com a vida e também, mais importante, era uma desculpa para a inatividade. “Como posso tomar decisões quando estou tão deprimida assim? Eu não posso fazer nada. Se pudesse apenas estar livre dessa depressão, poderia agir de novo”.

* * *

A razão deste capítulo é ilustrar e clarificar as duas necessidades básicas das pessoas. Todos nós precisamos de significado e de segurança se queremos funcionar efetivamente. Se pudermos nos considerar como significativos e seguros, seremos valorizados como pessoas. Provérbios

18: 14 pergunta: “Um espírito abatido, quem o pode suportar?”. Quando uma pessoa se sente sem valor, ela fará questão, com prioridade máxima, de se proteger de um aumento desses sentimentos insuportáveis e de aliviar os sentimentos que já estão presentes.

Freud, no começo, ensinava que as necessidades libidinosas de poder e de prazer eram primárias e que os sintomas neuróticos se desenvolviam quando essas necessidades não eram gratificadas. Muitos conselheiros hoje operam sobre a pressuposição de que quando as necessidades egoístas de exercer poder ou de experimentar prazer não são supridas, uma pessoa deve então encontrar algum meio de satisfazer tais necessidades. O aconselhamento muitas vezes passa a ser apenas um esforço de ajudar as pessoas a se liberar, a conseguir fazer o que elas sentem vontade de fazer, aquilo que sentem-se bem em fazer. “Seja você mesmo, seja autêntico, expresse tudo que você é”, são expressões comuns no aconselhamento. “Supra suas necessidades de poder e de prazer de modo a não chamar sobre si a ira da sociedade. Seja um auto-gratificador socializado”.

Outros conselheiros procuram conflitos ocultos que estejam impedindo a satisfação das necessidades. “Qual é o trauma pairando sobre o inconsciente que impede o crescimento para com a personalidade genital?” (o termo de Freud para uma maturidade caracterizada pela satisfação das necessidades). A terapia torna-se então uma busca exploradora de problemas escondidos que, quando descobertos, libertarão a pessoa dos seus problemas. A doença mental é definida como conflitos inconscientes não-resolvidos.

Terapeutas diretivos tendem a crer que se uma pessoa simplesmente se comportasse de maneira responsável, tudo estaria bem. O aconselhamento torna-se pouco mais do que a identificação de padrões irresponsáveis de comportamento e exortações para que se passe a adotar um comportamento responsável.

Minha tese é que os problemas se desenvolvem quando as necessidades básicas de significado e de segurança estão sendo ameaçadas. As pessoas seguem modos de vida irresponsáveis como meio de se defender contra sentimentos de insignificância e insegurança. Essas pessoas na maioria dos casos, concluíram uma idéia errada do que constitui seu significado e segurança. E estas idéias falsas estão no âmago dos seus problemas. *Padrões errados de vida se desenvolvem de filosofias erradas de*

vida. “Como o homem imagina em sua alma, assim ele é” (Provérbios 23: 7). Quando o plano de atingir valor pessoal não dá certo, uma pessoa desenvolve sintomas como proteção para não sentir-se mal em relação a si mesma. Ela logo encontra maneiras de se esconder, de fugir, de se omitir. Seus modelos neuróticos produzem verdadeira dor emocional mas ela acredita que isso seja menos doloroso do que o sofrimento que teria que suportar se seus sintomas protetivos não estivessem ali e ela tivesse que reconhecer plenamente sua própria falta de valor. É melhor sofrer profundamente por outras razões e manter algum senso de valor (de acordo com uma base errada para sentir-se valiosa) do que ser liberta do sofrimento que a neurose traz e sentir-se totalmente sem valor algum. A escolha é entre o “diabo” e o profundo “mar azul”. O tratamento terá que incluir a correção da base errada usada por uma pessoa para sentir-se significativa e segura, e ajudá-la a ver qual o caminho verdadeiro para o valor pessoal. Enquanto alguém acredita que poderá sacrificar, ou pelo menos arriscar o seu senso de valor, através duma vida responsável, esta pessoa escolherá viver irresponsavelmente. Não se pode corrigir o problema através da exortação a um comportamento responsável. É necessário uma mudança de pensamento.

Muitos púlpitos evangélicos complicam o problema por fazer nada mais que dar uma lista do que se pode e do que não se pode dentro da responsabilidade cristã. As pessoas que têm medo de viver responsabilmente, porque poderão fracassar, são assim ensinadas a sentir-se culpadas pelo seu comportamento irresponsável. O ensino bíblico não deve apenas insistir em comportamento responsável, obediente e que agrade a Cristo, mas também deve incluir explicações claras da base cristã para significado e segurança.

No meu primeiro livro desenvolvi a idéia de como um crente pode acertadamente se considerar valioso. Permitam-me um breve resumo: O significado depende de compreender quem eu sou em Cristo. Eu virei a me considerar significativo à medida que tiver um impacto eterno sobre as pessoas que me cercam, ministrando a elas. Se eu falhar nos negócios, se minha mulher me abandonar, se o número de membros de minha igreja diminuir, se meu trabalho não tiver importância, se só puder morar numa casa pequenina e tiver um carro velho, eu ainda posso gozar a significância empolgante de pertencer ao Rei do Universo, o qual tem uma tarefa para eu desempenhar. Ele me equipou para a tarefa. Enquanto eu

amadureço através do desenvolvimento de características como as de Cristo, compreendo mais inteiramente o significado de pertencer e servir ao Senhor.

Minha necessidade de segurança exige que eu seja amado incondicionalmente, aceito e cuidado, agora e para sempre. Deus já me viu quando estava no pior momento e ainda assim me amou ao ponto de entregar Sua vida por mim. Eu nunca poderei perder essa espécie de amor. Sou completamente aceitável para Ele, não importa o meu comportamento. Não estou pressionado a ganhar ou manter o Seu amor. Minha aceitação por parte de Deus depende apenas da aceitação de Jesus por parte de Deus e do fato de que a morte de Cristo foi contada como pleno pagamento por meus pecados. Agora que conheço este amor eu posso descansar, seguro no conhecimento de que o Deus eterno da criação se comprometeu a empregar o Seu infinito poder e Sua completa sabedoria para assegurar o meu bem-estar. Isso é segurança. Nada poderá me acontecer sem a permissão do meu Deus amoroso. Eu não experimentarei coisa alguma que Ele não me capacite a suportar. Quando os problemas aumentam e me sinto só inseguro e com medo, devo preencher minha mente com a bem edificada verdade de que neste momento um Deus soberano, pessoal, amoroso e infinito está totalmente no controle. Neste conhecimento eu descanso seguro.

Devo mencionar de passagem que a minha aceitabilidade em Cristo não é garantia para uma vida displicente. A Escritura ensina também que sou responsável para com Deus pelo modo como eu vivo. Se entendo essa responsabilidade, mas não a aceitabilidade, viverei sob a pressão de comportar-me bem para que eu seja aceito. Se eu compreendo essa aceitabilidade, mas não entendo a responsabilidade, torno-me indiferente para com a vida de pecado. Quando eu entendo primeiramente a minha aceitabilidade e então a minha responsabilidade, serei constrangido a agradar Àquele que morreu por mim, temeroso de entristecê-lo, e não desejando entristecê-lo porque eu O amo.

O verdadeiro significado e a verdadeira segurança estão à disposição apenas do Cristão, daquele que confia na vida perfeita de Cristo e na Sua morte vicária como base única para a aceitação perante um Deus santo. Quando, devido à incredulidade, os recursos de Deus não estão disponíveis, o indivíduo fica sem esperança de *verdadeiros* significados e segurança. A vida não tem propósito e nem amor incondicional a não ser

com o Senhor. As pessoas então desenvolvem métodos alternativos para aprenderem a sentir-se significativas como puderem. Dado a que estes métodos nunca funcionam de verdade e também porque elas frequentemente encontram obstáculos, as pessoas não gozam de significado ou de segurança, dois elementos que todos nós necessitamos desesperadamente para viver vidas efetivas, produtivas, ricamente criativas e realizadas.

Fico perplexo ao observar a conclusão de Freud de que os dois impulsos básicos por trás de comportamento humano sejam poder e prazer, ou, nos seus termos *thanatos* e *eros*. Freud empregou a palavra *thanatos*, que significa “morte”, para se referir ao desejo de morte, a expressão final de poder sobre a natureza. *Eros* se refere simplesmente ao prazer hedonista. Fico a pensar se estes dois impulsos não são realmente formas degeneradas das necessidades criadas por Deus de significado e de segurança. Numa vida sem Deus talvez o poder e o prazer sejam tudo que se pode esperar com realismo.

Nosso mundo, e de modo particular o nosso país, são caracterizados por dois problemas principais: violência e imoralidade. Será que o resultado inevitável de uma sede pelo poder é a violência? **A destruição é o objetivo final do poder.** Quando o prazer torna-se o maior alvo, não é previsível que o produto final seja a imoralidade e a perversão difundidas? Quando a violência e a imoralidade chegaram ao seu apice, caiu sobre Sodoma e Gomorra o juízo de Deus. Os israelitas só foram enviados para destruir os cananeus quando a “iniquidade dos amorreus estava plena”. Deus disse especificamente aos judeus que eles iriam conquistar Canaã, não por causa de sua justiça própria, mas por causa da maldade dos cananeus. (Deuteronômio 9: 4, 5). A terra se caracterizava pela violência e pela imoralidade. É isso que significa “plena iniquidade”?

Em Romanos 1: 21 Paulo declara que as pessoas conheciam a Deus, mas recusaram glorificá-lo como Deus, não dobrando o joelho ao senhorio e ao propósito de Deus, elas perderam toda esperança de verdadeiro significado. Paulo diz ainda “E nem lhe deram graças”. Ao invés de descansar no amor de Deus salvador e viver em atitude de gratidão pelo Seu cuidado e proteção, eles tentaram viver por si mesmos, desprezando assim qualquer verdadeira segurança. O resto do capítulo documenta a espiral descendente das pessoas que tentam se afirmar sem Deus. O resultado final é a violência (difamadores, assassínios, etc.) e imoralidade (homossexualidade, sexo fora do casamento). É tristemente interessante

notar o desejo cada vez maior de sexo pervertido na sociedade moderna. O sadomasoquismo parece sintetizar o máximo na degeneração do significado e da segurança: poder violento total contra outra pessoa (sadismo) e submissão absoluta, sem resistência, a outra (masoquismo). Talvez minha idéia fique mais clara com um diagrama.

ESTÁGIO A	ESTÁGIO B	ESTÁGIO C
Necessidades básicas humanas podem ser supridas somente por Deus ↓	Sem Deus as mais altas necessidades que podem ser supridas ↓	Consequências inevitáveis a longo prazo de uma vida sem Deus ↓
SIGNIFICADO —————→ SEGURANÇA —————→	PODER —————→ PRAZER —————→	VIOLÊNCIA IMORALIDADE

O cristão tem todos os recursos necessários para viver no Estágio A. Quando ele nega a Deus, engolindo o sistema de valores do mundo (vive por dinheiro, reconhecimento, diversão), ele muda para o Estágio B em que o melhor que ele faz é obter prazer ou poder. Mas poder e prazer não satisfazem as necessidades básicas humanas de valor. O cristão pode se arrepender e voltar ao verdadeiro significado, à verdadeira segurança. Separado dum relacionamento pessoal com Deus através da salvação em Cristo, ninguém pode passar do estágio B para o Estágio A. O vagar inevitável, às vezes com o passar das gerações, não frequentemente numa vida de apenas uma pessoa, é em direção ao Estágio C. Quando se atinge o Estágio C, o fedor do pecado alcança as narinas de Deus e provoca o julgamento. Toda a esperança se vai, Deus os “entregou” (Rom. 1: 28) a seus próprios desejos como forma de juízo. O inferno será um lugar em que as necessidades de significado e segurança serão sentidas de forma aguda, mas para sempre não supridas. Como será horrível! Contudo é a consequência natural de escolher uma vida sem Deus, porque somente em Deus podemos suprir as nossas necessidades. O céu será um perpétuo Estágio A, em que a necessidade de valor continuará sendo real, mas será perfeitamente suprida, a cada momento, eternamente, por uma percepção consciente do significado e da segurança disponíveis na relação com Cristo. Gozaremos aquilo que Adão experimentou antes da

Queda, mas com uma diferença importante: não poderemos perder aquela comunhão. A base do nosso relacionamento perfeito com Deus não será nossa inocência, mas sim a expiação suficiente e eterna de Cristo. Que esperança bendida! Gozo eterno! Valor pessoal eterno em comunhão perfeita com Aquele que é o único capaz de suprir nossas necessidades.

Capítulo 4

Motivação:

Por que fazemos o que fazemos?

Muitas pessoas estão terrivelmente confusas quanto a seu próprio comportamento. Por que nós fazemos aquilo que fazemos? Paulo expressou estarrecimento pelo seu próprio comportamento em Romanos 7. Ele nos diz que se encontrava regularmente fazendo exatamente o contrário daquilo que, com toda sinceridade, ele desejava fazer. Ao observar perplexo seu modelo de comportamento, ele só podia concluir que havia alguma espécie de lei operando dentro da estrutura de sua personalidade, que se oponha completamente às suas intenções conscientes e sinceras. A maioria de nós pode facilmente se identificar com o dilema de Paulo.

— Um homem com gênio estourado pretende sinceramente não mais perder o controle. Dentro de instantes, ele está berrando com sua mulher, às vezes até batendo nela. (Bater na mulher, por sinal, é uma prática cada vez mais comum, não só entre os lares de baixa renda, mas também nos lares de classe média e alta considerados “respeitáveis”).

— Dois jovens juram com profunda sinceridade amar, honrar e cuidar um do outro até que a morte os separe. Alguns anos mais tarde eles estão deitados na cama de costas um para o outro, perguntando-se por que seu casamento está morto.

— Uma esposa resolve não permitir que o comportamento de seu marido a deixe visivelmente amolada, mas, antes do fim da noite, ela já expressou a sua irritação de modo mordaz.

— Depois de gritar com seu filho, uma mãe jura nunca mais levantar a sua voz. O garotinho obstinadamente se recusa a guardar os seus brinquedos ou seu filho adolescente arrogantemente dá uma resposta atravessada, e o voto que ela fez é quebrado com um grito de estouro dos tímpanos.

— Um homem de meia idade obcecado com uma fantasia sexual pervertida sente culpa cada vez que ele vive seu mundo particular de prazer erótico. Certos filmes e certas revistas oferecem tentações tão fortes que ele sucumbe. Destroçado por profundo remorso, ele promete a Deus que nunca mais permitirá que sua mente se desvie para essas fantasias sexuais. À noite, na cama, ele relembra com detalhes excitantes outra fantasia.

Por que? por que, a despeito de nossas melhores intenções, nós falhamos em cumprir resoluções tão sinceras? Não é incomum, ao fazermos esta pergunta, ouvir uma variedade de lugares-comuns evangélicos tais como “Você não está confiando no poder do Senhor, está dependendo de si mesmo” ou “Deixe estar e deixe Deus fazer” ou então “Você não está considerando morta a sua velha natureza” ou “Ore sinceramente para a libertação, e então repita frases que incluam ‘o sangue de Jesus Cristo’ — o seu problema desaparecerá”. Mas os problemas continuam. Muitas pessoas que conscientemente tentam mudar para melhor, experimentam sérios problemas de culpa que só atrapalham mais as suas dificuldades de auto-controle. Qual é a resposta para o problema? Por que fazemos aquilo que fazemos mesmo quando conscientemente não desejamos isso? A resposta não é facilmente expressa em poucas palavras. As pessoas que procuram respostas simples, lugares-comuns, ou um conjunto rígido e autoritário de princípios talvez se desiludam com a minha resposta, mas não acredito que qualquer coisa menos que uma resposta bem-pensada poderá ajudar. Neste capítulo e no próximo, quero descrever o que creio ser uma teoria de motivação humana coerente com um ponto-de-vista bíblico do homem.

Como ponto de partida quero dar uma lista de cinco proposições básicas sobre a motivação. Leia devagar e com cuidado. Discussões posteriores presumirão o conhecimento desses princípios.

Proposição 1: A motivação depende tipicamente de um estado de necessidade, ou em linguagem mais simples, somos motivados a suprir nossas necessidades.

Proposição 2: A motivação é uma palavra que se refere à energia ou força que resulta em comportamento específico. Antes que ela se torne em comportamento específico, a energia motivacional é canalizada através da

mente. É ali que a energia assume sua direção. Sou motivado a suprir uma necessidade fazendo certas coisas que, *eu creio em minha mente*, suprirão essa necessidade.

Proposição 3: O comportamento motivado é dirigido sempre para um alvo. Se creio que *algo* suprirá a minha necessidade, este algo torna-se meu alvo.

Proposição 4: Quando o alvo não pode ser alcançado (ou quando o indivíduo percebe que ele não pode ser alcançado), existe um estado de desequilíbrio (sentido subjetivamente como ansiedade). A necessidade a qual é negada satisfação torna-se fonte de emoções negativas. Em termos mais simples, quando eu não posso ter aquilo que acho que preciso para que eu tenha significado ou segurança, sinto-me sem valor. Sou, então, motivado a proteger minha necessidade de valor, a fim de impedir futuros sofrimentos, minimizando os sentimentos de insignificância ou de insegurança.

Proposição 5: Todo comportamento é motivado. Não existe uma pessoa totalmente sem motivação. A preguiça, a procrastinação, a alienação, são frequentemente motivados por um desejo de proteger o ser de sentimentos cada vez maiores de falta de valor. Ao analisar o comportamento nunca se deve dizer "Não há razão para isso. Isso é totalmente sem sentido". Todo comportamento tem sentido. Pode ser pecaminoso, ineficaz ou bizarro, mas faz sentido. Para compreender qualquer unidade de comportamento, é necessário saber que necessidade está motivando o comportamento, as idéias da pessoa sobre o que supriria esta necessidade, o alvo que o seu pensamento determinou como desejável, e o sucesso ou fracasso da pessoa em atingir o alvo.

Permita que eu clarifique estas proposições ilustrando como elas podem explicar certos comportamentos. Preciso sentir que tenho significado e sou motivado a suprir esta necessidade de alguma forma (Proposição 1). Fui ensinado por um falso sistema de valores do mundo que para ser

importante eu tenho que ter dinheiro. Suponho, portanto, que riqueza financeira faz uma pessoa ter significado (Proposição 2). Meu alvo portanto torna-se ganhar o quanto dinheiro eu puder (Proposição 3). Eu escuto o pregador dizer que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males, que eu não posso servir a Deus e ao dinheiro, que devo buscar primeiramente o reino de Deus e ter em vista juntar tesouros celestiais, e que devo desistir do alvo de enriquecer. Porque eu sou cristão e porque creio que a Bíblia é Palavra inspirada de Deus, concordo plenamente com o que o pregador está dizendo, mas ainda sinto uma compulsão interior de ganhar dinheiro. Tento desvencilhar-me disso mas não consigo. Oração, arrependimento, dedicação, tudo me faz sentir melhor por algum tempo, mas a fome de dinheiro permanece forte. Meu problema real não é meu amor ao dinheiro mas uma crença errada, uma suposição errada aprendida de que o significado depende de ter dinheiro. *Até que essa idéia seja deliberada e conscientemente rejeitada, eu sempre desejarei dinheiro*, não importa quantas vezes eu confesse a Deus o meu pecado da avareza.

Se eu ganho dinheiro, poderei sentir-me culpado porque sei que meus desejos são errados, mas muito provavelmente sentirei bem por dentro. Certamente eu atinjo algum grau de significado de acordo com minha pressuposição errada, mas firmemente arraizada. Se não ganhar dinheiro, sinto-me sem valor (Proposição 4). Talvez eu largue um emprego lucrativo para entrar no serviço cristão de tempo integral, mas não encontrarei verdadeira realização até que eu mude o meu pensamento acerca daquilo que torna a pessoa significativa. Se eu continuar nos meus esforços de ganhar bastante dinheiro, mas experimentar revezes financeiros, poderei então redobrar os meus esforços de me livrar deste desejo esmagador. Mas novamente, enquanto eu inconscientemente acreditar que o dinheiro é igual a significado, nunca deixarei de cobiçar o dinheiro, porque serei sempre motivado a suprir minhas próprias necessidades (Proposição 1). Paulo diz que a transformação depende da renovação de nossas mentes. Noutras palavras, nossa energia motivacional pode ser canalizada em direções diferentes se nós mudarmos nosso pensamento quanto ao que suprirá as nossas necessidades. Os meus esforços de mudança não devem se focalizar sobre o comportamento, mas sobre os meus pensamentos errados.

Se eu não atingir o meu alvo de enriquecer e não corrigir os meus pensamentos, poderei recorrer a estratégia contra a ética, a fim de atingir

o meu alvo. Eu saberei que estou errado e me odiarei por isso, mas o farei assim mesmo. A motivação de suprir necessidades pessoais é tremendamente forte. Eu poderei desenvolver uma consciência cauterizada para proporcionar-me alguma medida de paz. Ou poderei passar a criar uma série de manobras a fim de proteger um senso de valor ferido (Proposição 4). Talvez eu desenvolva uma fadiga psicossomática, ou tonturas, ou enxaquecas. Talvez eu experimente problemas psicológicos tais como depressão, ataques de ansiedade, ou insônia. Estes problemas terão uma função ao mitigar a dor de sentir-me desprovido de valor. Poderei me confortar acreditando que, não fôsse por esse problema infeliz, eu provavelmente poderia ser muito bem sucedido. Meu valor é portanto salvaguardado em face do fracasso financeiro. Embora os sintomas que eu desenvolva possam não ser fabricados conscientemente e nem deliberadamente intencionados para servir uma função psicológica útil, contudo eles são efetivos em prevenir contra a dor maior possível; a admissão consciente de que eu não tenho valor (Proposição 5). Até que eu chegue a este ponto, qualquer noção que eu tenha de suicídio será basicamente manipulativa, projetada de algum modo a proteger ainda mais o meu senso de valor. Quando eu não puder mais evitar a admissão de que eu não tenho valor, o suicídio torna-se uma alternativa racional. (Devo mencionar que qualquer das duas dinâmicas do suicídio poderá resultar numa consumação).

Quero ainda declarar, em outras palavras, o pensamento emitido sobre a motivação, de uma perspectiva um tanto diferente. A hierarquia da necessidade de Abraham Maslow, um clássico, sugere que os seres humanos tenham cinco necessidades básicas. A mais baixa na hierarquia deverá ser suprida antes que a pessoa seja motivada a suprir a segunda necessidade e assim por diante.

As cinco necessidades da lista de Maslow, começando com a mais primária e básica, são:

1. *Físicas* (alimento, água, etc., elementos necessários para se manter a vida física).
2. *Segurança* (Maslow se refere à segurança física; alguma certeza razoável de que as necessidades físicas serão supridas amanhã).
3. *Amor* (o que eu denominaria de segurança).
4. *Propósito* (o que eu denominaria de significado).
5. *Auto-realização* (a expressão das mais altas qualidades da carac-

terística de ser humano – desenvolvimento de si mesmo em uma pessoa plena, criativa, que expresse a si própria).

O fator essencial da teoria de Maslow é que as pessoas não são motivadas a suprir as necessidades “mais altas” até que as mais “baixas” ou básicas estejam supridas. Se eu não tiver comida agora mesmo, estarei menos preocupado com a refeição de amanhã do que com a de hoje. Se eu estiver profundamente preocupado em morrer de fome amanhã, não estarei interessado em assistir uma palestra sobre “O sentido da vida”. A lista de Maslow sugere ainda (e eu concordo) que a segurança ou o amor é uma necessidade mais básica do que propósito ou significado. Porém, ambos são necessários antes que eu seja motivado a expressar verdadeiramente quem eu sou, simplesmente porque até que eu goze de segurança e significado, eu realmente não acredito que sou alguém.

Como Deus é um ser infinito e pessoal segue que o homem feito à Sua imagem é um ser finito e pessoal. Como ser finito, ele depende de recursos externos para suprir as suas necessidades: ele é um ser contingente. Suas necessidades como criatura finita *física* correspondem às primeiras duas necessidades de Maslow: necessidades físicas supridas hoje e a confiança de que elas serão supridas amanhã. A terceira e a quarta necessidade de Maslow (amor e propósito) correspondem ao que denomino necessidades *pessoais* do homem: segurança e significado. A auto-atualização, a mais alta necessidade no sistema de Maslow, chega perto do conceito bíblico de maturidade em Cristo, desenvolvendo em nós os atributos que caracterizam o Senhor e então expressando o nosso valor, dado por Deus, através da livre adoração de Deus e no serviço aos outros pelo exercício de nossos dons espirituais.

Note que as primeiras quatro necessidades são essencialmente centradas no eu. Envolvem uma tomada para dentro, e não uma entrega para fora. “Eu preciso recorrer a recursos fora de mim para suprir minhas necessidades físicas e experimentar amor e propósito na vida”. A motivação para suprir qualquer dessas quatro necessidades poderá ser chamada de *Motivação por Déficit, ou Necessidade*, um desejo gerado por uma falta sentida e com o propósito de suprir aquilo que está faltando. Somente a última necessidade, de auto-atualização, permite outra motivação não egocêntrica, centrada em outra pessoa, de dar em vez de receber. É interessante notar que Adler media a saúde em termos do desenvolvimento do que ele denomina “interesse social”, uma preocupação ativa

com o bem-estar dos outros. De modo semelhante um presidente recente da Associação Psicológica Americana questionou um modelo de saúde mental que enfatize a auto-gratificação. Ele ressaltou que nossa forte ênfase no individualismo tem gerado a suposição de que estar livre de conflitos depende de obtermos aquilo que queremos quando o queremos. Em sua palestra a uma importante convenção de psicologia, ele sugeriu que talvez o elemento importante no ajustamento humano não seja o que nós obtemos e sim aquilo que nós damos: uma preocupação pelo bem social medido por uma adesão responsável, que negue o eu, a padrões morais. Esta idéia parece coerente com o ensino de Cristo “Aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á”.

Se for verdade que a saúde mental é melhor definida em termos do interesse genuíno duma pessoa em se expressar a favor do bem dos outros, e se é impossível atingir este estágio de auto-realização até que as primeiras quatro necessidades egocêntricas estejam supridas, então existem algumas implicações surpreendentes para aqueles de nós que levamos a sério a Escritura. No meu primeiro livro eu explico porque as necessidades pessoais de significado e de segurança só podem ser plenamente supridas num relacionamento com o Deus Pessoal. Segue-se portanto que só um cristão tem os recursos necessários para tornar-se verdadeiramente auto-realizado. Permita que eu apresente este argumento de forma lógica.

(1) Para ser bem ajustado, é necessário chegar ao estágio de auto-realização.

(2) Para atingir esse estágio é necessário passar primeiro pelos outros quatro estágios; suas necessidades físicas e pessoais deverão ser supridas antes que você esteja em posição de tornar-se auto-realizado.

(3) Se as necessidades *pessoais* só poderão ser supridas num relacionamento com um Deus pessoal, *então somente um cristão tem os recursos para atingir o quinto estágio, para se atualizar, e portanto ser verdadeiramente bem-ajustado.*

Os não cristão poderão, é claro, suprir suas necessidades físicas num dado momento sem depender conscientemente do Senhor. A necessidade de ter certeza de que as necessidades físicas serão supridas amanhã nunca poderá, em face da incerteza do bem-estar físico e econômico, ser verdadeiramente suprida. Mas se a saúde for boa e se houver bastante dinheiro no banco, as pessoas aparentemente podem continuar a ser motivadas

pelas necessidades de significado e de segurança. É nesses estágios que o não-cristão fica enroscado. Sem o Senhor é possível atingir um fac-símile de segurança no amor do cônjuge ou de amigos e sentir um senso de significado verdadeiro ao dedicar-se a um propósito que muitos concordariam ser importante. Baseado em fontes falsas mas subjetivamente satisfatórias de significado e segurança, algumas pessoas chegam ao que a maioria dos observadores concordam seria um nível saudável de auto-realização. Mas, se é verdade que toda tentativa de suprir necessidades pessoais, à parte de um relacionamento consagrado a Cristo, deverá pela lógica ficar aquém do seu alvo, então todo não-cristão deve, em algum sentido, sentir-se preso para sempre nos estágios 3 e 4. Devido a que ele não é e não poderá ser plenamente satisfeito em suas necessidades pessoais mais básicas, sempre haverá uma corrente subjacente de motivação a fim de encontrar significado e segurança em todo o seu comportamento. Ele está fadado ao egocentrismo até que possa progredir além dos estágios 3 e 4, o que ele realmente não poderá fazer sem tornar-se cristão.

Muitos não-crentes demonstram interesse humanitário recomendável por outras pessoas. Essa não seria uma expressão duma pessoa verdadeiramente realizada? Não, porque por baixo de qualquer motivação consciente, por mais digna que seja, há o chamado exigente de necessidades insatisfeitas de significado e de segurança. Se não houver esses apelos, então deve ser possível tornar-se uma pessoa verdadeiramente íntegra sem Deus. Se isso for verdade, o inferno será um lugar um tanto agradável, onde as pessoas que encontraram amor e significância sem Deus poderão gozar a presença umas das outras. Mas Deus é absolutamente indispensável para o suprimento das necessidades pessoais. Portanto, não importa quão realizado ou altruísta um não-cristão possa parecer, ele ainda estará funcionando por necessidade, por déficit. A essência motivacional do seu comportamento tem necessariamente que estar manchada com um desejo de suprir suas próprias necessidades. Ele ainda é fundamentalmente egocêntrico, insigado pela motivação por necessidade a suprir para si mesmo aquilo que falta. Deus, que vê as profundezas mais íntimas dos nossos corações, não pode compensar ou aceitar comportamento que é de alguma maneira egoisticamente motivado.

Se o meu raciocínio for correto, os cristãos deveriam ser as pessoas mais auto-realizadas que existem, as mais cheias de compaixão e cuidado pelos outros, os mais livres de egocentrismo e mesquinhez, das rixas e

amuações que resultam da preocupação com o suprimento das próprias necessidades egoísticas. Teoricamente, a posição dos cristãos é de pessoas livres de motivação por necessidade. Poderíamos estar vivendo coerentemente além dos Estágios 1 a 4, no Estágio 5, usando nossas vidas como instrumentos de Deus em favor dos outros. Contudo, frequentemente, não há nenhuma diferença entre nós e o homem segundo este mundo, que busca seus próprios interesses e se preocupa em suprir suas próprias necessidades. Paulo repreendeu os cristãos por viverem como pessoas comuns.

Não é difícil decifrar a razão desse comportamento carnal. Numa palavra, o problema é incredulidade (ou, como eu prefiro dizer, *crenças erradas*). Examine sua Bíblia e procure versículos que falam que Deus tem prometido suprir cada necessidade da lista de Maslow. O que nos resta é “tomar posse da nossa herança” agressivamente e, persistentemente, crer que Ele está cuidando integralmente de nossas necessidades, e assim, viver no Estágio 5. O cristão deve passar pelos estágios 1 a 4 sobre as rodas da fé. Considere estes versículos conhecidos como base para sua fé. Existem, é claro, muitos mais.

Deus supre as nossas necessidades físicas.

“Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mateus 6: 33).

Deus supre a nossa necessidade de saber que amanhã as nossas necessidades físicas serão satisfeitas.

“Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã” (Mateus 6: 34).

“Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas posições, pela oração e pela súplica, com ações de graça... E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus cada uma de vossas necessidades” (Filipenses 4: 4, 19).

Deus supre a nossa necessidade de segurança (amor).

“Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação?... nada poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Romanos 8: 35, 39).

Deus supre a nossa necessidade de significado (propósito).

“Para mim o viver é Cristo; e o morrer é lucro” (Filipenses 1: 21).

“Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus preparou de antemão para que andássemos nelas” (Efésios 2: 10).

“(Deus) quem da cova redime a tua vida, e te coroa de graça e misericórdia” (Salmo 103:4).

Na medida em que o cristão crê nestas palavras, ele é liberto duma vida de preocupação egocêntrica quanto ao suprimento ou não de suas próprias necessidades, e é capaz de ir adiante até a verdadeira auto-realização, sabendo confiantemente (não necessariamente “sentindo” sempre) que as suas necessidades físicas serão supridas conforme os propósitos de Deus e que suas necessidades pessoais são supridas agora e eternamente. Crer nisto em face das tremendas pressões para concordar com o falso sistema de valores do mundo, de viver por dinheiro, prazer ou fama, exige um forte compromisso para com a autoridade da Escritura. Fico entristecido ao ouvir alguns dos meus colegas de psicologia cristã tratar a Bíblia como útil mas não autoritativa. Alguns parecem considerar a Escritura como acertada no seu ensino sobre coisas espirituais mas passível de erros no âmbito de coisas científicas. Os evangélicos, se pretendem permanecer como evangélicos no sentido verdadeiro, terão que insistir dogmaticamente que onde a Escritura fala, ela fala com autoridade infalível. Se a Bíblia diz que minhas necessidades psicológicas são supridas, então elas são supridas. Mesmo que todo o meu ser pessoal se rebele e grite dentro de mim, “Eu não me sinto significativo e nem seguro, não tenho valor”, tenho que forçosamente, por um ato de minha vontade, me curvar ante a Palavra e admitir que em algum lugar eu não estou percebendo as coisas corretamente. A psicoterapia em sua forma mais sofisticada lida com aquelas percepções erradas e ajuda a pessoa a mudá-las a fim de que elas se enquadrem nas Escrituras.

Os cristãos nunca operam por necessidades, mas, sim, por expressão de satisfação. Nossas vidas devem expressar essa plenitude na adoração e no serviço. Refiro-me aqui à motivação apropriada da pessoa plenamente realizada como *Motivação por Expressão*. Contudo a maioria de nós sente um déficit e age procurando preencher o vazio. Um coisa é dizer que podemos, pela fé, declarar que as nossas necessidades já estão supridas em Deus e, assim, vivermos no Estágio 5 com a Motivação por Expressão. Outra coisa é desembaraçar-nos completamente com sucesso, da teia pegajosa da motivação por necessidade ou déficit. No próximo capítulo discutirei como funciona a personalidade humana, num esforço para chegar a uma estratégia de progredir da motivação por necessidade para a motivação por expressão, atingindo assim o alvo da maturidade cristã.

Resumo

As pessoas são motivadas a suprir suas necessidades. Se estão com fome, agem de modo projetado para conseguir alimento. Se são inseguras, procuram encontrar amor. Até que as necessidades da pessoa sejam supridas ela age por déficit, por necessidade. Sua motivação pode ser caracterizada como buscando para o seu eu. Ela estará tentando suprir suas próprias necessidades.

A motivação pode melhor ser entendida como uma energia para se fazer alguma coisa que a pessoa acredita que leve à gratificação de sua necessidade. As pessoas desenvolvem suas idéias através da interação com falso sistema do mundo, acerca daquilo que se requer para suprir suas necessidades pessoais de significado e de segurança. Suas crenças determinam então os alvos pelos quais elas vivem. Aquele alvo (seja dinheiro ou poder ou filhos obedientes ou um marido amoroso) nunca será deixado de lado até que se reconheça que as necessidades pessoais são supridas somente num relacionamento com Cristo.

A fim de entender por que nós fazemos aquilo que fazemos, precisamos observar que a maioria de nós age motivado por déficit, procurando obter alguma coisa que sentimos que virá de encontro às nossas necessidades pessoais. Quando os alvos desejados não são alcançados, somos motivados a nos proteger dos sentimentos dolorosos de insignificância e de insegurança. Alcoolismo, gastos compulsivos, comer em exagero, dar desculpas por tudo, muitos males psicossomáticos, algumas formas de esquizofrenia¹ e uma infinidade de outros comportamentos são frequentemente meios de procurar anesteziar ou compensar pelas dores emocionais de sentir-se sem valor.

Notas

¹ Ver o artigo de Paul McReynold em *The Etiology of Schizophrenia* por Don Jackson para uma excelente discussão deste assunto.

Capítulo 5

Estrutura da Personalidade: Desmontar o relógio a fim de ver o que o faz funcionar

No último capítulo sugeri que, se desejamos compreender por que nós fazemos coisas que sinceramente sentimos que não queremos fazer, devemos entender que somos motivados a suprir nossas necessidades de significado e de segurança de maneiras que inconscientemente acreditamos que darão certo. Uma esposa diz que ela não consegue se entregar sexualmente, com liberdade a seu marido. Conscientemente ela quer fazê-lo e se esforça por entregar-lhe o seu corpo em obediência a 1 Coríntios 7: 1-5, mas fica tão tensa que se retrai. Por que? Talvez ela sinta que precisa do amor de seu marido para ser segura. Como ele a machucou no passado, ela pode ter medo agora de tornar-se vulnerável a maiores ferimentos pela aproximação dele. Portanto ela se fecha e se retrai do sexo, a expressão mais íntima de proximidade. Talvez ela também tenha ressentimentos contra ele por tê-la ferido e, além de não confiar nele o suficiente para ficar bem próxima, ela se retrai a fim de retribuir na mesma moeda.

Um conselheiro que chega a estas conclusões ainda não ajudou o seu cliente. Ele agora terá que ajudar essa senhora a mudar de motivação por necessidade (comportamento que objetiva suas próprias necessidades não-supridas) para a motivação por expressão (comportamento que expressa sua integridade dada por Deus de modo coerente com a direção da Escritura). Se ele vai ser capaz de ajudá-la a efetuar esta mudança e ainda lidar com sucesso com uma ampla variedade de casos, ele terá que compreender alguns princípios básicos do funcionamento da pessoa.

Neste capítulo quero desenhar um retrato da pessoa. Os artistas retratam o exterior da pessoa, a aparência física externa. Professores de

anatomia delineiam o interior físico da pessoa, mostrando os ossos e os órgãos que se encontram sob a pele. Quero ir além da cobertura externa, mas em vez de detalhar a parte física das pessoas, quero captar no papel algo intangível, esquivo. Os médicos falam da anatomia fisiológica. Eu estou preocupado com a anatomia da pessoa, nas partes constituintes que fazem a pessoa mais que uma coleção funcional de partes físicas. Quero desenhar uma *pessoa*. Em termos apropriados ao psicólogo, quero traçar o perfil da psicoanatomia do indivíduo. Quais são as partes interiores duma pessoa? Com o que nós pensamos? O que nos faz sentir como sentimos? Como os nossos pensamentos, nossos, sentimentos e nossos comportamentos escolhidos interagem?

Antes de começar a desenhar pessoa, quero ressaltar dois pontos importantes. (1) Não sou o que os psicólogos chamam de reducionista fisicalista. Creio que existem “partes” intangíveis numa pessoa que não são reduzíveis ao corpo físico. A emoção é mais do que simples funcionamento glandular. O pensamento é mais do que atividade neurológica do cérebro. Embora haja uma conexão delicada entre o funcionamento físico e o funcionamento pessoal, não creio que o modo como pensamos, agimos e sentimos como pessoas possa ser completamente explicado em termos de correlações físicas. (2) Sempre que dissecamos um organismo a fim de examinar suas partes constituintes, corremos o perigo de perder de vista o funcionamento total do organismo. Um cirurgião poderá aprender a pensar no “objeto” deitado sobre sua mesa como uma coleção de partes que inclua coração, fígado, pulmões, cérebro e assim por diante. Creio que uma pessoa é uma entidade funcional que age como uma unidade. Enquanto eu discorro sobre as partes que compõem nesta pessoa total, poderei dar a impressão de que penso na pessoa como nada mais que uma variedade de partes. Permita que eu declare claramente que creio na pessoa como um todo indivisível. Meu esforço neste capítulo é compreender melhor como este todo indivisível funciona, examinando os elementos chaves do funcionamento dentro da personalidade humana.

Ao discutir as partes da pessoa muitos cristãos começam falando sobre o corpo, alma e espírito. No meu pensar, como já deixei subentendido, é mais prático pensar nos seres humanos como compostos de duas partes: o físico e o pessoal, ou material e não-material. O corpo pertence ao lado físico do homem, e espírito e alma ao pessoal. Embora os termos para espírito e para alma por vezes sejam intercambiáveis na Escritura,

muitos estudiosos têm tentado fazer uma distinção entre eles. Minha tendência é concordar com os dicotomistas que sentem que espírito e alma não são separáveis, a não ser de modo funcional. Sugiro que os termos possam ser entendidos mais simplesmente, não como entidades materiais ou partes literais da personalidade, mas como termos descritivos que identificam se a personalidade como um todo é orientada primordialmente em direção a Deus ou em direção a outras pessoas. Quando eu devoto minhas energias pessoais a Deus na adoração, na oração ou na meditação, pode-se dizer que o meu espírito está se interagindo com Deus. Quando dirijo a minha personalidade a outra pessoa, quando eu funciono horizontalmente em vez de verticalmente, então estou relacionando a minh'alma com a sua.

Se espírito e alma são realmente termos descritivos que se referem apenas à direção do funcionamento pessoal, devemos nos perguntar exatamente o que queremos dizer por funcionamento pessoal. A maneira como funciona uma personalidade humana talvez seja melhor compreendida quando olhamos as suas partes funcionais.

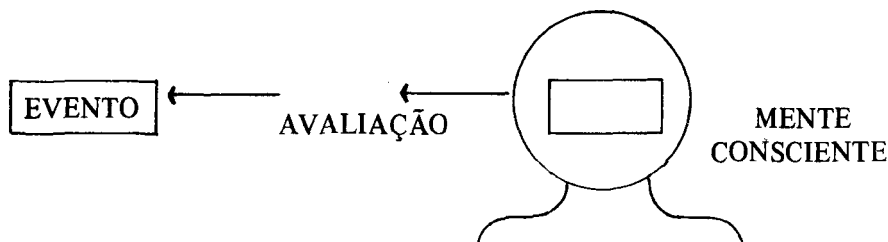
A Mente Consciente

O primeiro elemento no funcionamento pessoal é a mente consciente. As pessoas possuem consciência de si mesmas; podemos conversar conosco mesmos em sentenças. Com a capacidade de dizer coisas a nós mesmos de forma proposicional (isto é, vestimos as impressões com palavras), nós avaliamos o nosso mundo. Quando um evento externo ocorre e prende a minha atenção, eu respondo a ele primeiro falando comigo mesmo a respeito desse evento. Pode ser que nem sempre eu note as sentenças que estou me dizendo, mas estou respondendo de forma verbal e se eu prestasse atenção a minha mente, poderia observar quais as frases que estou empregando para avaliar esse evento. Por exemplo, se eu acordo com uma tempestade numa manhã em que planejava jogar golfe, posso avaliar mentalmente o ocorrido com sentenças tais como “Meu colega de golfe é um cliente em potencial que irá viajar amanhã e talvez eu esteja perdendo a grande chance de ganhar um bom dinheiro. Essa chuva veio atrapalhar terrivelmente”. Minha reação emocional seria bastante negativa. Se minha mulher me perguntasse por que eu me sentia deprimido eu poderia responder “porque está chovendo lá fora”. Mas isso não seria bem exato. Uma chuva forte não tem o poder de me deprimir, mas uma

avaliação fortemente negativa da chuva tem esse poder. Em outras palavras, os eventos não controlam os meus sentimentos. A minha *avaliação* mental dos eventos (as frases que digo a mim mesmo) é que realmente afeta o meu sentimento. Suponhamos que eu mudasse a minha avaliação de “Esta tempestade é horrível” para “O dinheiro é importante mas confio em Deus para suprir minhas necessidades. Portanto, mesmo que eu quisesse jogar golfe hoje, não é tão horrível o fato de não poder fazê-lo”. Com esta frase em mente, minha reação emocional incluiria desapontamento real mas também um sentimento calmo de paz.

Para àqueles que estudam a teoria da personalidade, será óbvio que aqui estou descrevendo um ponto de vista subjetivo, fenomenológico, ao invés de algo objetivo e positivista.¹ Freud e Skinner ambos ensinavam que aquilo que *acontece* com uma pessoa é responsável pelos seus problemas. Junto com Adler, Ellis, Rogers e outros, estou sugerindo que o modo como a pessoa *percebe* o que acontece com ela tem muito a ver com sua reação emocional e comportamental. Se ela percebe o que lhe acontece como uma ameaça às suas necessidades pessoais, experimentará fortes sentimentos negativos e encarará o evento de modo pessoalmente defensivo. Talvez ela lance um ataque emocional sobre o evento numa tentativa de mudá-lo. (Marido e esposas são especialistas em tentar mudar um ao outro a fim de suprir melhor suas necessidades pessoais). Ou então ela poderá se retrair do evento com o intuito de evitar maior dor. Se, porém, o evento for percebido como pessoalmente recompensador (“para ter significado, preciso de reconhecimento; meu chefe acaba de me elogiar por minha capacidade de gerência”), a pessoa sentirá bem-estar. Se ela percebe o que acontece como irrelevante às suas necessidades *pessoais* (“os mineiros de carvão fazem greve na Inglaterra”), provavelmente ela não terá uma reação emocional *profunda*. Como a pessoa *avalia* mentalmente um evento assim se *sente* a respeito desse evento e se *comportará* em resposta à avaliação.

O retrato que descrevi até aqui poderá ser desenhado assim:



A palavra grega traduzida por mente que corresponde mais de perto ao que eu denominei de mente consciente é *nous*. Vine define *nous* como “... o centro da consciência refletiva, compreendendo as faculdades da percepção e da compreensão e aquelas dos sentimentos, juízos e das determinações”.² Poderei defini-la simplesmente como a parte da pessoa que faz avaliação conscientes, inclusive julgamentos morais. Paulo usa a palavra com frequência, notadamente em Romanos 12: 2 onde ele nos diz que a transformação segundo a semelhança de Cristo depende da renovação de nossas mentes. Considero que isto signifique que o meu crescimento espiritual depende diretamente de como eu percebo e avalio o meu mundo, ou, noutras palavras, quais as sentenças que eu uso para encher minha mente em resposta a uma dada situação. Se isso for verdade, torna-se importante saber o que determina as sentenças com as quais conscientemente eu falo comigo mesmo em meu *nous*. Para compreender por que avalio os eventos como os avalio, tenho que somar outro elemento ao meu esboço de psico-anatomia.

A Mente Inconsciente

Nas Escrituras a palavra grega *phronema* por vezes é traduzida por “mente”, por exemplo, em Romanos 8: 15. Recentemente fiz uma lista de todos os versículos em que esta palavra (ou seu derivado) é empregada. Do meu estudo destas passagens, parece que o conceito central expresso pela palavra é uma parte da personalidade que se desenvolve e mantém profundas suposições refletivas. Por exemplo, “Os que são da carne *se preocupam com* as coisas da carne” sugere que as pessoas que não levam em consideração a Deus são totalmente permeadas com a idéia de que a busca de coisas carnis leva à felicidade pessoal. Quero sugerir, a título de experiência, que este conceito corresponde de perto ao que os psicólogos denominam de “mente inconsciente”. Unindo estes dois conceitos, temos a sugestão da definição da parte inconsciente do funcionamento mental como sendo *o reservatório de suposições básicas que as pessoas mantêm firme e emocionalmente, sobre como suprir as suas necessidades de significado e segurança*.

Cada um de nós foi programado em sua mente inconsciente a crer que a felicidade, o valor, o gozo — todas as coisas boas da vida — dependem de outra coisa que não Deus. A nossa carne (aquela disposição nata de

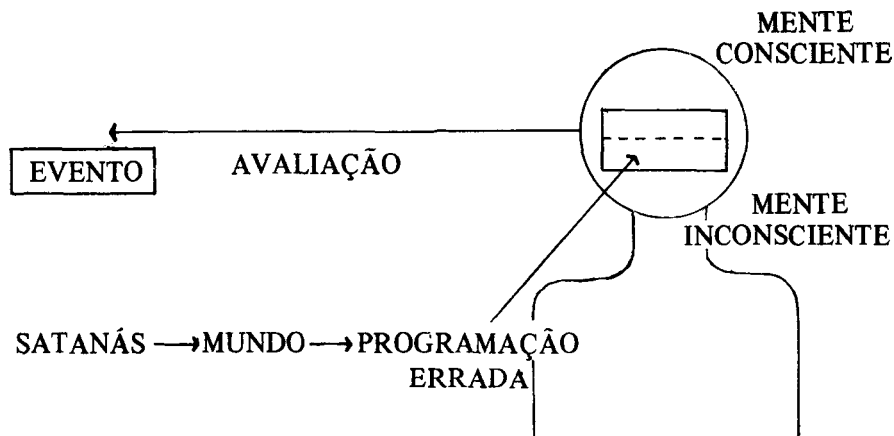
se opor a Deus) responde com alegria ao ensinamento falso do mundo de que somos suficientes para nós mesmos, que podemos descobrir um caminho para atingir verdadeiro valor pessoal e harmonia social sem primeiro nos ajoelharmos à cruz de Cristo. Satânas tem estimulado o desenvolvimento duma crença de que poderia suprir nossa necessidade se apenas tivéssemos _____. (O espaço é preenchido de maneira diferentes, de acordo com o temperamento particular da pessoa, e seu ambiente familiar e cultural). Um sistema mundial incrédulo, fortalecido por Satânas e apelando às nossas naturezas carnis, tem nos moldado, fazendo-nos supor que algo que não seja Deus oferece realidade e realização pessoais.

Se meu pai por um acaso for músico profissional, poderei aprender a supor que meu significado depende do desenvolvimento de talento ou talvez do reconhecimento das outras pessoas pelo meu talento ou desempenho. Todos nós desenvolvemos *suposições erradas* sobre como obter a satisfação de nossas necessidades. Adler perspicazmente chama esta suposição básica de “ficção diretriz” da pessoa, uma crença não-verdadeira que determina muito do nosso comportamento e dos nossos sentimentos. Na primeira parte deste capítulo eu disse que as frases que dizemos conscientemente a nós mesmos influem fortemente quanto à maneira como sentimos e aquilo que fazemos. Podemos ver agora onde se originam essas sentenças. O conteúdo das frases que dizemos em nossas mentes conscientes provém das suposições errôneas que mantemos em nosso inconsciente. Frequentemente não estamos cômicos de nossa crença básica errada de como suprir as nossas necessidades. Contudo essa crença ímpia determina como nós avaliamos as coisas que acontecem conosco em nosso mundo, e essa avaliação por sua vez controla os nossos sentimentos e o nosso comportamento. A batalha hoje é pelas mentes das pessoas. Se influenciarmos o que a pessoa *crê*, teremos influenciado a pessoa em sua totalidade.

Voltando ao meu exemplo anterior, se creio profundamente que meu significado depende de um maior grau de talento desenvolvido, então depois de treinar no violino por anos e ainda produzir apenas guinchos como aluno principiante, é provável que eu avalie o meu fraco desempenho (o Evento) como algo muito mau *porque é pessoalmente ameaçador*. Então me sentirei insignificante e (1) redobrarei os meus esforços de dominar o instrumento, ou (2) desenvolverei uma desculpa que salvguarde a mim (por exemplo, “por acidente” quebro o meu pulso),

e com a qual poderei proteger o meu valor de maiores ferimentos dizendo “Que azar. Agora que eu estava prestes a tornar-me famoso” ou então (3) me retrairei em inatividade deprimida ocasionada por um profundo senso de falta de valor e sustentada pela segurança que ela oferece contra maiores fracassos.

O retrato pode parecer assim:



Embora a forma exata da programação errada varie com cada pessoa, existem talvez algumas idéias mais comuns que nos são ensinadas, tais como:

- “Tenho que ser financeiramente bem-sucedido a fim de ter significado. O valor financeiro é igual ao valor pessoal”.
- “Não posso ser criticado se quero ser seguro. Todo mundo tem que me aprovar e aceitar tudo que eu faço”.
- “Os outros precisam reconhecer as minhas habilidades para que eu tenha segurança”.
- “A minha segurança depende da minha maturidade espiritual”.
- “O meu significado depende do sucesso do meu ministério”.
- “Não posso falhar (chegar aquém de um padrão arbitrariamente definido de sucesso, geralmente próximo da perfeição) se eu quiser com toda honestidade considerar-me valoroso”.

Se nossa avaliação dos eventos que nos acontecem depende de idéias assim, não é de se admirar que muitas pessoas estejam ansiosas, cheias de culpas ou ressentidas. Uma senhora cuja segurança depende de ausência

de críticas não receberá bem os comentários negativos de seu marido a respeito de sua capacidade como dona de casa. Seus ressentimentos naquele momento não são uma resposta direta às críticas que ele fez, mas uma resposta à sua necessidade de segurança que está sendo ameaçada. Se ela aprendesse a separar o seu valor como pessoa da aprovação de seu marido, a mesma crítica provocaria uma reação muito mais calma. Se o pastor *precisa* que sua congregação reconheça a sua habilidade na pregação como meio de se estabelecer seu significado, então qualquer indicação da igreja de que eles não estejam gostando dos seus sermões será entendida como uma ameaça ao seu valor pessoal. Ele poderá responder com *ansiedade* (“Será que eu realmente posso pregar de modo aceitável? Se não, que mais posso fazer? Não tenho mais valor algum”), *culpa* (“Eu sempre faço um trabalho inferior. Talvez Deus esteja me castigando. Eu simplesmente não consigo atingir o alvo”), ou *ressentimento* (“Como ousa criticar a minha pregação? Você está me roubando o significado e isso me deixa irado”).

Para compreender por que o pastor começa a demonstrar nervosismo no púlpito, ou por que ele fica apático, sem interesse no seu trabalho, ou por que ele toma uma atitude fria de ignorar os seus críticos, é necessário estudar a sua resposta proposicional à crítica, isto é, quais as sentenças que correm por sua cabeça enquanto ele considera o evento da crítica. Então é necessário procurar a fonte dessas sentenças numa suposição que ele tem inconscientemente a respeito do significado. Ele permitiu que seu valor como pessoa fôsse envolvido pela sua aceitação como pregador. Ele tem uma crença errada sobre como tornar-se significativo.

Para um conselheiro explorar o “sistema de suposição” duma pessoa (o termo é de Jerome Frank no seu excelente livro *Persuasion and Healing* (Persuasão e cura), há que se empregar uma luz brilhante sobre o pensamento que até este ponto esteve ocultado pelas trevas. Os conselheiros precisam compreender que poucas pessoas acatam revelações desagradáveis a respeito delas próprias. É difícil um homem admitir que os seus alvos de negócios representam uma ambição totalmente egocêntrica de encontrar valor pessoal. As esposas que por anos têm procurado agradar a seus maridos e em sinceridade achavam que o seu comportamento era generoso, não aceitam facilmente que na realidade elas têm tentado manipular os seus maridos a serem carinhosos porque elas acreditam que sua segurança pessoal depende do amor de seus maridos.

A resistência em reconhecer a “ficção diretriz” que uma pessoa possui toma várias formas desde a negação completa até a vaga confusão. É difícil não tornar-se frustrado com um cliente que responde a tudo que digo com “Pode ser, mas acho que não — estou muito confuso”. Nada é mais fácil do que enganar a si mesmo. A descoberta de si mesmo é tão dolorosa: fere o nosso orgulho e macula a boa opinião que prezamos de nós mesmos. A Escritura nos ensina que somos mestres no auto-engano e que precisamos de ajuda sobrenatural para nos ver como realmente somos (Jer. 17: 9, 10). A exploração honesta e acurada das câmaras interiores do nosso ser pessoal é prerrogativa especial de Deus. O aconselhamento cristão aqui depende imprescindivelmente da obra iluminadora do Espírito Santo. Sem Sua ajuda, ninguém perceberá nem aceitará a verdade sobre sua abordagem egocêntrica e errada da vida.

Os psicólogos há muito lutam com o problema da resistência, que pode ser definido como o esforço do paciente de evitar que material inconsciente doloroso se torne consciente. Do ponto de vista psicológico, parece-me que a resistência pode ser explicada de duas formas. Primeiro, uma idéia que foi fortemente reforçada e aplicada por anos, será muito dura de ceder. A crença tem sido parte da pessoa por tanto tempo que parece confortável, como um par de sapatos velhos. Qualquer mudança dessa posição conhecida, mesmo que a posição seja dolorosa, é ameaçadora.

Segundo, é importante reconhecer que as suposições básicas são mais do que crenças meramente tidas como lógicas. Se, com nossa mente consciente, nós mantemos pressuposições avaliativas, então com as nossas mentes inconscientes nós mantemos atitudes. As atitudes tem componentes afetivos (emocionais) além de componentes cognitivos. Estes são desenvolvidos na atmosfera emocionalmente carregada do desejo sincero e forte da pessoa de suprir as suas necessidades. “Tenho que ter meu valor. Como consigo?” O mundo ensina então à pessoa emocionalmente faminta o que ela precisa. Quando ela aceita uma certa crença e adota uma estratégia para assegurar esse seu valor, ela manterá essa crença errada com feroz intensidade. Desacreditar daquilo que ela aceita é cortar a corda de salvamento na qual ela se agarra. O aconselhamento que tenta ensinar de maneira lógica novas verdades, sem se importar com a ameaça emocional que está envolvida na mudança da abordagem que se tem do suprimento das necessidades pessoais, se defrontará com resistência. Mais

uma vez quero ressaltar a importância central do *relacionamento* no aconselhamento. Somente numa atmosfera de segurança é que uma pessoa olhará para si abertamente e considerará a mudança de crenças que por anos tem determinado a sua rota em direção ao valor pessoal. O escritório de aconselhamento tem que ser um lugar seguro onde o cliente sabe que é aceito como uma pessoa não obstante os seus problemas. Os cristãos fariam bem em ler Carl Rogers sobre a necessidade de aceitar profundamente o cliente como ser humano de valor. Num lugar Rogers disse: “Eu me lanço no relacionamento terapêutico, tendo uma hipótese, ou fé, que a minha amabilidade, a minha confiança, a minha compreensão do mundo interior da outra pessoa levará a um processo significativo de mudança ... entro no relacionamento como uma pessoa”.³

Nessa espécie de relacionamento, as pessoas são capacitadas a enfrentar melhor a si mesmas e mudar.

Pense por um momento. Onde você se sente seguro? Com quem você poderia se abrir totalmente sem medo de críticas ou rejeição, confiante de que seria aceito e de que a outra pessoa fará uma tentativa sincera de compreendê-lo? É essa espécie de relacionamento que o aconselhamento deveria providenciar para facilitar a mudança nas crenças erradas profunda e emocionalmente mantidas.

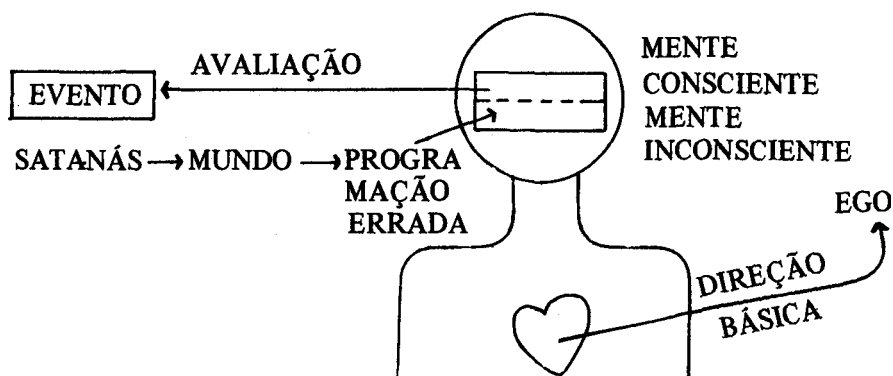
Direção Básica (Coração)

Um terceiro elemento na personalidade humana envolve a direção básica que uma pessoa escolhe para si. A Escritura fala frequentemente do coração do homem. A palavra grega *Kardia* é empregada de tantas maneiras variadas que é difícil dar um significado central. Literalmente, é claro, significa o órgão principal da vida física. A Escritura ensina que “... a vida da carne está no sangue” (Lev. 17: 11) e o coração cumpre a função de manter o corpo suprido de sangue, que dá a vida. Vine declara que “Por uma transição fácil a palavra veio a significar toda a atividade mental e moral do homem, tanto os elementos racionais como também os emocionais. Em outras palavras, o coração é usado figurativamente para as fontes escondidas da vida *pessoal* (meu grifo)”.⁴

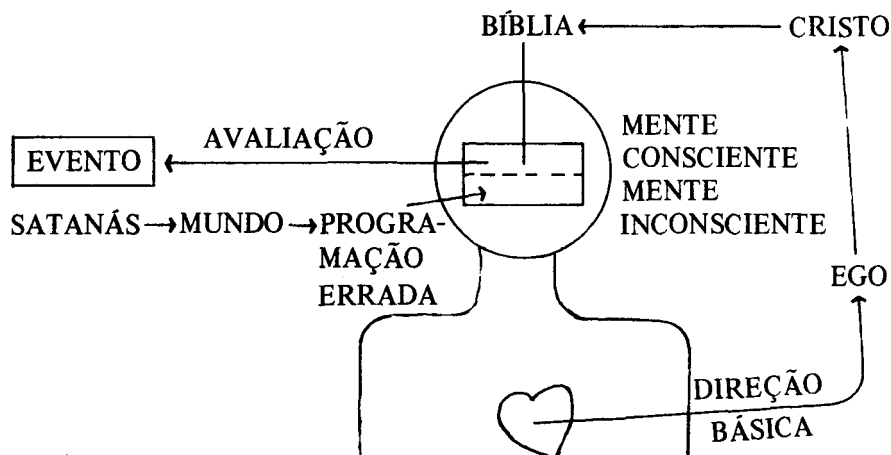
Por baixo dos pensamentos errados na mente inconsciente esta o fato de que a personalidade humana como um todo está indo na direção errada. Se não fosse pela obra soberana de Deus, todas as pessoas estariam enfim buscando sua própria gratificação. Todas as suas capacidades

(racionalidade, julgamento moral, emoções, vontade) trabalhando juntas vão em direção ao alvo pecaminoso da auto-exaltação: “Quero servir a mim mesmo; quero o que eu quero e quando eu o quero; quero as coisas do jeito que eu gosto”. Se o coração é um termo lato que inclui toda a nossa natureza pessoal e se ele se refere às “... fontes escondidas da nossa vida pessoal”, então talvez o coração, como usado na Escritura, é aquela parte essencial da pessoa que escolhe sua direção básica na vida. Dito de outro modo, estou sugerindo que o coração representa as intenções fundamentais duma pessoa: para quem ou para que eu escolho viver?

Alguém já disse que quando o âmbito das respostas possíveis já foi cuidadosamente repensado, torna-se um tanto estreito. Duma perspectiva bíblica, existem realmente apenas duas direções básicas possíveis para se escolher: viver para si mesmo ou viver para Deus. Se de coração você escolhe viver para si mesmo (o que todos nós fazemos naturalmente) então você nunca terá suas necessidades pessoais plenamente satisfeitas. Eliminando a Deus (que conceito abalador de liberdade — meros humanos podem colocar Deus para fora de suas vidas!), você estará eliminando a única fonte de verdadeiro significado e segurança. Resta apenas você mesmo e então você faz o melhor que pode para suprir suas necessidades pessoais. Você poderá passar pela peneira as opções possíveis dentro do mundo, e, talvez com a ajuda de um terapeuta, rejeitará algumas das mais óbvias neuroses (por exemplo, “só serei seguro se todo mundo gostar de mim o tempo todo”), mas você não encontrará uma opção que satisfaça plena e integralmente as suas necessidades. Sem colocar Deus no quadro você tem apenas que selecionar as várias alternativas oferecidas pelo diabo através de um falso sistema do mundo. A pessoa que de coração estiver servindo a si mesma parece assim:



Se, porém, sua intenção básica for, pela graça de Deus, colocar Cristo em primeiro lugar e servi-LO, então você poderá *rejeitar todas as idéias do mundo* sobre como tornar-se pessoa de valor (e ainda bem, pois nenhuma delas dá certo) e você pode começar a encher a sua mente consciente com as verdades da Escritura. Recentemente, quando eu estava ensinando este conceito a um grupo, sem planejamento prévio bradei que devemos “Encher o nosso *nous* com verdades bíblicas” (“Fill our *nous* with biblical truths”). O cristão cujo coração está realmente entregue a Cristo pareceria então assim:



Em vez de *eliminar* o ego, esta pessoa entendeu que é necessário *negar* o ego em Cristo. “Não meu querer, mas Teu”; “Estou crucificado com Cristo; contudo vivo; todavia não eu, mas Cristo vive em mim”; “Aquele que perder a vida por amor de mim, este salvá-la-á”; “para que em todas as coisas Ele tenha a primazia”. Agora existem duas fontes de entrada na mente consciente e aquilo que Deus diz através da nossa mente consciente. Se a resposta proposicional do indivíduo aos eventos ainda provém de suas suposições inconscientes erradas, ele funcionará mal, tal qual o incrédulo. Mas, se ele renovar a sua mente avaliando os eventos de uma perspectiva bíblica, ele se tornará uma pessoa transformada. Quando a ocasião de desaprovação se apresentar, ele *se forçará a dizer*, pela autoridade da Escritura: “A minha segurança e o meu significado como pessoa dependem somente do meu relacionamento com Cristo. Embora eu não

tenha nenhum prazer nesta rejeição, ainda assim o meu valor como pessoa não foi tocado. Assim, este acontecimento é dolorido mas não aterrorizador. Sei que Deus pode tornar isto para o bem, mesmo neste acontecimento difícil, e assim posso continuar, confiando nEle, respondendo de modo bíblico, e não desmoralizar”.

Paulo encarava os eventos na sua vida da perspectiva de Deus. Quando injustamente confinado à prisão, ele pode avaliar aquele evento como talvez desagradável e certamente desconfortável, mas mais uma oportunidade em que Deus poderia operar (Filipenses 1: 12-18). Seu significado não dependia da satisfação de sua própria vontade. Dependia, pelo contrário, apenas dele saber que poderia ser usado por Deus. Porque a direção básica do seu coração estava certa (“Para mim o viver é Cristo”), ele podia avaliar os eventos da perspectiva de Deus e experimentar a profunda alegria que só está à disposição do indivíduo significativo e seguro. Ele tinha significado como servo do Deus vivo e estava seguro por saber que o Deus onipotente era seu Pastor amoroso, que em todo momento estava em controle completo de tudo que estava acontecendo e provia todos os recursos de que Paulo precisava, a fim de responder biblicamente às suas circunstâncias adversas.

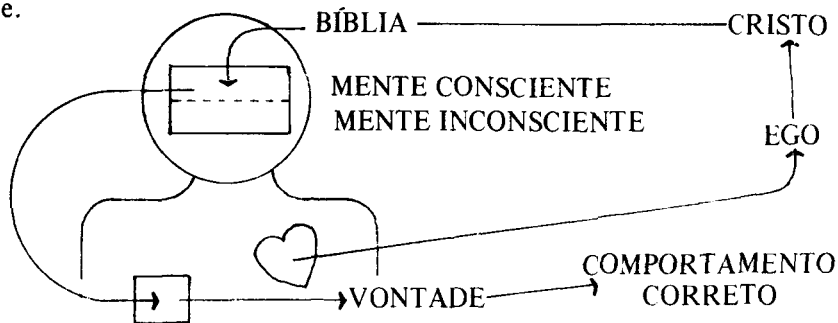
Vontade

Além da mente consciente, do inconsciente e do coração, as pessoas têm uma capacidade de escolher como se comportarão. Qualquer conceito de funcionamento pessoal que deixasse fora a *vontade* seria incompleto. O Novo Testamento tem pelo menos duas palavras básicas ou radicais (*boule* e *thelema*) que transmitem a noção de escolha. As pessoas geralmente *escolhem* fazer aquilo que faz sentido para elas. Noutras palavras, as percepções ou avaliações da vida (aquilo que se diz na mente consciente) determinam o âmbito do comportamento dentro do qual as pessoas escolhem agir. A liberdade de escolha duma pessoa é restringida pelos limites de sua compreensão racional. A questão espinhenta do livre arbítrio tem que ser discutida com uma consciência do fato de que as pessoas escolhem fazer apenas aquilo que elas julgam ser razoável. Por exemplo, o problema com uma pessoa não-salva não é sua incapacidade de escolher a Deus. Sua vontade é perfeitamente capaz de fazer uma escolha de confiar em Cristo, mas o seu entendimento obscurecido não permite que sua vontade faça essa escolha. Ele não precisa fortalecer a sua vontade; ele precisa uma mente iluminada, e isso é obra do Espírito Santo.

Os pregadores e conselheiros podem gastar sua energia exortando as pessoas para que mudem seu comportamento. Mas a vontade humana não é uma entidade livre. Ela está presa ao entendimento da pessoa. As pessoas farão aquilo que acreditam. Em vez de fazer um esforço concentrado em influenciar as escolhas, os pregadores precisam primeiro influenciar as mentes. Quando uma pessoa *entende* quem Cristo é, sobre que base ela tem valor, e no que consiste a vida, ela tem a formulação necessária para qualquer mudança de estilo de vida que seja durável. Os cristãos que tentam “viver corretamente” sem corrigir um entendimento errado sobre como suprir necessidades pessoais sempre estarão lutando e batalhando com o cristianismo, mourejado para cumprir seu dever e suas responsabilidades de modo forçado, sem alegria. Cristo ensinou que quando *conhecêssemos a verdade*, seríamos libertados. Somos agora *livres* para escolher a vida de obediência porque compreendemos que em Cristo somos agora pessoas de valor. Somos *livres* para expressar a nossa gratidão na adoração e no serviço dAquele que tem suprido as nossas necessidades.

É necessário enfatizar que a obediência não segue *automaticamente* ao entendimento correto. Lembre-se de que eu disse que nossas percepções determinam o *âmbito* das opções que podemos escolher. A vontade é uma parte real da personalidade humana com a função de *escolher responsabilmente* um comportamento coerente com o modo como a Bíblia nos ensina a avaliar o nosso mundo. E tais escolhas não são sempre fáceis. Muitas vezes envolvem esforços tremendos para optar por um comportamento compatível com o que se deve fazer. É importante escolher fazer o que está certo a cada momento. Exceto pelo exercício claro da vontade, não haverá obediência coerente. Enquanto o crente continua a escolher o caminho da justiça, sua capacidade para escolher o que é reto, em face da tentação e da adversidade, aumenta. Ele se torna um cristão mais forte, a quem Deus pode dar responsabilidades maiores.

Nosso desenho da psico-anatomia deve incluir este elemento importante.



Emoções

Mais uma parte da personalidade humana tornará completo o nosso desenho, e esta é a nossa capacidade de sentimento, são as nossas emoções. Ao deixar por último as nossas emoções não estou subentendendo que os sentimentos duma pessoa são sem importância. Minha ênfase forte sobre o pensamento poderá criar uma impressão errada de que enquanto uma pessoa pensa corretamente, o conselheiro deverá ficar satisfeito. Creio, sim, que o pensamento correto é fundamento necessário para o sentimento certo. Como expressei no meu primeiro livro, o aconselhamento pode ser considerado como um esforço para aprender a pensar corretamente, a fim de escolher comportamentos corretos e enfim experimentar os sentimentos certos.

As Escrituras falam muito sobre os sentimentos. Lemos que o Senhor comoveu-se em compaixão ao deparar com a necessidade humana. Ele tinha profundas emoções de cuidado. A palavra grega traduzida por compaixão nos Evangelhos (*spagchnon*) é dada como “entranhas” ou afetos nas Epístolas. João fala de fechar as entranhas da compaixão quando uma pessoa não responde com ajuda a um irmão ou irmã em necessidade. Tal pessoa poderia ser denominada de “cristão constipado” (crente com prisão de ventre).

Muitas vezes os cristãos ficam confusos com toda esta questão de sentimentos. Alguns dão a impressão de que se você anda com o Senhor, confessando todo pecado conhecido, então sempre se sentirão bem. Outros ensinam que é possível ao crente ter emoções negativas, mas essas devem ser mantidas trancadas a sete chaves e nunca expressas. Para tais pessoas, as emoções infelizes são uma vergonha para o testemunho cristão e assim não devem jamais ser vistas. Tais ensinamentos produzem hipócritas espirituais. Todos nós nos sentimos mal, por vezes. E todos os “maus sentimentos” não são moralmente maus. Alguns sentimentos negativos, mesmo que muito doloroso, são perfeitamente aceitáveis, são experiências normais no andar cristão e podem coexistir com um senso profundo de gozo e paz. Outras emoções negativas são resultado de pensamentos e vivências pecaminosos. Mas mesmo estes não deveriam ser abafados e enterrados, e sim enfrentados com um exame de suas causas e fazendo algo construtivo para remediar o problema.

Se alguns sentimentos negativos são aceitáveis e outros provenientes do pecado, como distingui-los? Quero propor que o critério para distin-

guir entre emoções negativas ligadas a pecado e emoções negativas não ligadas ao pecado seria este: *qualquer sentimento que é mutuamente exclusivo com a compaixão envolve pecado*. O sentimento principal numa vida espiritual, centralizada em Cristo, é o sentimento profundo, em nível mais íntimos, de compaixão pelos outros. Paulo lembrava aos gálatas que, depois que eles conheceram ao Senhor, eles se importaram tanto por Paulo que teriam lhe dado os seus próprios olhos. Parece que Paulo sofria de uma doença dos olhos que levava os gálatas à compaixão sacrificial. Eles realmente se importavam pelos problemas do seu irmão. Que repreensão para mim! Eu talvez pudesse me dispor a pagar os gastos com o oftalmologista, mas doar os meus olhos? Isso é pedir demais. Contudo é esse nível de envolvimento que caracterizava aqueles cristãos primitivos, plenos do amor de Cristo. O fato é este: qualquer emoção que bloqueie o desenvolvimento ou impeça a expressão desta espécie de compaixão, envolve pecado. As emoções negativas que não interferem com os sentimentos de compaixão são aceitáveis. Por sinal, um bom barômetro da sua comunhão com o Senhor é o seu nível de compaixão para com um mundo perdido e por uma igreja que sofre.

O cristianismo nunca foi planejado como uma risada após outra. A vida abundante pela qual crentes vão à frente através dos corredores das igrejas não é a existência confortável, livre de problemas, que a maioria espera receber. É uma vida de batalha, uma luta por Deus e contra Satanás, uma vida cheia de decepções, sofrimentos e dor. Então o que é abundante nessa vida? Simplesmente isso: a certeza de que pertencemos aos Deus da realidade, de que estamos vivendo uma vida significativa sob a direção e o controle dum Salvador que nos ama e um dia nos conduzirá aos descanso eterno. Crentes que não entendem isso por vezes se sentem culpados e questionam sua profissão de fé cristã se não estiverem conscientemente felizes a todo tempo. Chego a não gostar dos cânticos frívolos e levianos que prometem “felicidade a todo tempo” e prefiro os hinos sólidos que ressaltam os atributos de Deus, os Seus planos eternos, e Sua provisão amorosa por Seus filhos. Estou certo que Paulo não estava sempre “vibrando”. O próprio Cristo soube o que era sentir ira e solidão e angústia. Se o nosso Senhor experimentou emoções doloridas, e se um gigante espiritual tal como Paulo os sentiu também, não devemos nos surpreender se nós também passarmos por tempos extremamente angustiosos.

Talvez alguns exemplos sejam úteis. Na Coluna A fiz uma lista de algumas emoções negativas que bloqueiam a compaixão e são assim ligadas ao pecado. Na Coluna B eu coloquei a parte correspondente não-pecaminosa, com uma referência bíblica na qual essa emoção é ilustrada.

Coluna A

1. *Depressão*: preocupação consigo mesmo, auto-piedade, desistência. Nenhuma preocupação por outros; portanto nenhuma ação em favor dos outros.

2. *Culpa paralizante*: sentimentos de total falta de valor e autopunição que não levam a passos positivos para corrigir o problema. Tais sentimentos servem muitas vezes como desculpa para não enfrentar com responsabilidade, áreas problemáticas.

3. *Ressentimento*: guardar rancor, permitir que se ponham muitos sóis sobre a ira, comportamento motivado pela vingança.

4. *Frustração*: um “sacudir os ombros”, uma atitude de que não adianta tentar; esforço desvairado para mudança; ira fume-

Coluna B

1. *Angústia*: profunda dor sobre circunstâncias difíceis, dor emocional por causa de perda, agonia que vasculha a alma a medida que os problemas se somam. Lucas 22: 44

2. *Tristeza construtiva*: No seu excelente livro *Guilt and Freedom* (Culpa e Liberdade) Bruce Narramore e Bill Counts descrevem uma atitude de contrição e tristeza por erros que levam a uma mudança de comportamento. 2 Coríntios 7: 8-10.

3. *Ira*: reação ao erro moral que assevere a santidade de Deus e repreende o pecado com vistas à vindicação da santidade de Deus e à restauração do ofensor para o comportamento correto. Mateus 21: 12, 13.

4. *Descontentamento motivado*: preocupação com circunstâncias difíceis que leva ou a um plano de mudanças ou, se isto é impossível, a uma atitude de aceitação

gante em relação a problemas que não mudam.

5. *Ansiedade*: apreensão específica ou vaga sobre um evento desagradável esperado, de tal modo forte que controle o comportamento; por exemplo, preocupação exagerada sobre como alguém reagirá para comigo.

do desagradável, sabendo que Deus pode operar em toda situação. Filipenses 1: 12.

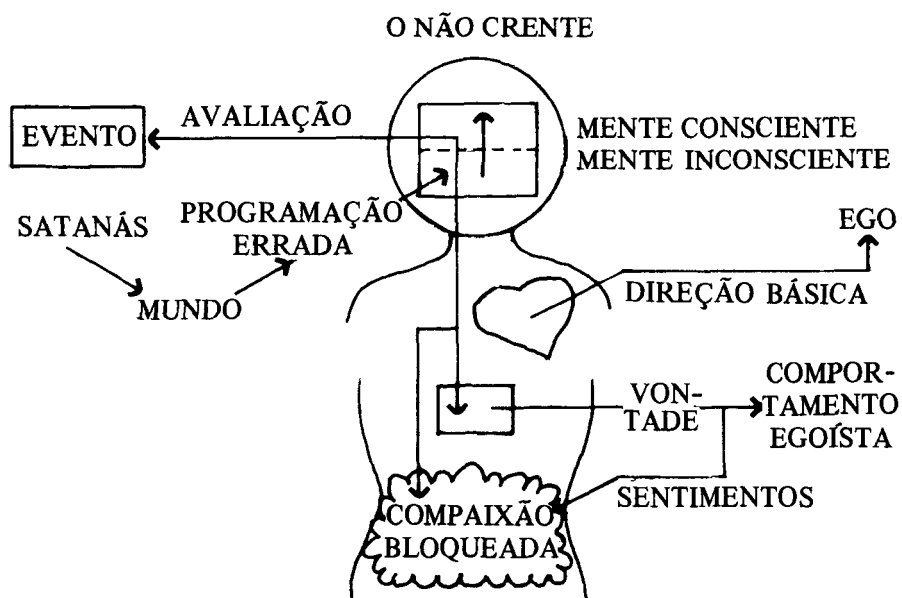
5. *Preocupação não-ansiosa*: previsão de possível evento futuro que não causa desobediência a Deus mas provoca planejamento inteligente antes do acontecimento. Provérbios 6: 6-11.

Em todo exemplo, a emoção negativa errada pode ser ligada a uma suposição errada de como suas necessidades pessoais podem ser supridas. Este ponto ficará mais claro no capítulo 6. Permita que eu diga aqui que se eu entendo corretamente a base pela qual me aceito como pessoa de valor, avaliarei aquilo que acontece comigo de modo a não sentir depressão, culpa paralizantes, ressentimentos, frustração ou ansiedade. Cada uma dessas emoções surge da motivação por necessidade ou déficit, que por sua vez é causada por pensamentos errados. A ansiedade, o ressentimento e a culpa são condições problemáticas básicas por trás de todas as demais dificuldades pessoais. Se eu creio que tudo de que preciso é Deus e aquilo que Ele escolhe prover, não experimentarei nenhuma dessas três emoções. O sentimento de *culpa* vem da crença que aquilo que Deus deu não basta e então o empenho em sair de dentro da vontade de Deus a fim de obter aquilo que Ele não deu. *Ressentimento* vem por acreditar que as minhas necessidades são ameaçadas por alguma coisa que ele permitiu acontecer comigo. *Ansiedade* é o temor de que algo que eu necessito não será provido.

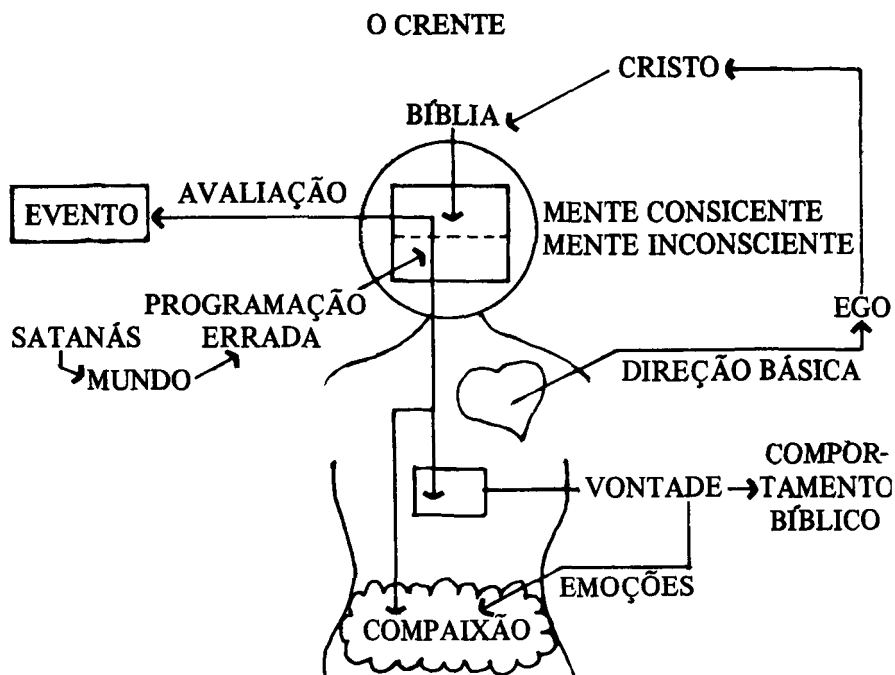
Como pensamos não determina apenas o âmbito do nosso comportamento dentro do qual escolheremos, como também influencia grandemente o modo como nos sentimos. Se nosso pensamento estiver baseado no sistema errado de valores do mundo, nós experimentaremos emoções negativas que bloqueiam a compaixão. Se, porém, o nosso pensamento estiver baseado na Escritura, nós avaliaremos os eventos de modo a, embora sentindo emoções dolorosas, ter profunda e genuína compaixão, expressando o nosso cuidado. Somente um cristão cujas necessidades

estejam supridas em Cristo será capaz de sustentar a compaixão, não importa quais as circunstâncias. Nosso Senhor ensinou portanto que a marca distintiva do crente deveria ser o amor, expresso por uma comunidade de crentes que se entregam numa genuína preocupação uns pelos outros.

Agora nosso desenho da psico-anatomia está completo. Primeiro, vamos ver o interior pessoal do descrente:



Ele vive por si mesmo; avalia a sua vida em termos do sistema de valores do mundo; comporta-se de modo designado a suprir suas próprias necessidades; ele não se importa de fato pelos outros – tudo porque ele acreditou na mentira do diabo acerca de como tornar-se pessoa. Ele é verdadeiramente filho de Satanás. Mas agora olhe o crente consagrado:



Note que as crenças erradas que ele aprendeu ainda entram no seu consciente mas ele deliberadamente avalia o seu mundo do ponto de vista bíblico. Note também que a seta entre o Comportamento e a Compaixão aponta em ambas as direções: quanto mais compaixão eu sinto, mais compassivamente eu me comportarei e quanto mais escolho o comportamento compassivo, mais compaixão eu sentirei. O propósito do crente é viver por Cristo. Ele avalia sua vida da perspectiva divina; escolhe comportar-se como Deus manda; ele sente compaixão pelos outros e se comporta de acordo com este sentimento. Este homem experimenta um profundo senso de valor pessoal e sabe por experiência o que é possuir os frutos do Espírito. Um cristão vivendo como homem carnal ainda está vivendo por si mesmo, ainda está avaliando o seu mundo duma perspectiva falsa, e portanto se comporta de modo egoísta, desobediente e desprovido de compaixão. Ele pensa, age e sente exatamente como um incrédulo. Que tragédia!

Conclusão

O Espírito Santo oferece os recursos para a transformação através dos mecanismos normais da personalidade humana. O Espírito traz à mente receptiva a verdade da Escritura que se enquadra exatamente dentro de suas circunstâncias imediatas. O indivíduo reconhece então que nenhum evento poderá roubar-lhe o valor pessoal, que ele é uma pessoa íntegra, com significado e segurança, não obstante aquilo que lhe acontece. Ele pode então avaliar os eventos de sua vida de modo a não comportar-se e não sentir egoisticamente (transposição). Enquanto ele continua a avaliar os eventos biblicamente, o Espírito aprofunda a sua apreciação da verdade de Deus. Suas crenças cristãs penetram o seu sistema básico de suposição, pouco a pouco tomando o lugar das crenças erradas que ele teve desde a infância. Ele está amadurecendo. Seu homem interior está se transformando (mundando PARA CIMA). Ele vem a se considerar como pessoa íntegra, não-ameaçada, capaz de exprimir o seu valor através da adoração e do serviço. A transformação depende da renovação da mente.

Notas

¹Fenomenologia: para compreender uma pessoa é necessário saber como o mundo parece a ela. Objetivismo: para se compreender uma pessoa é necessário saber como é o seu mundo.

²W.E. Vine, *An Expository Dictionary of New Testament Words* (old Tappan, New Jersey: Revell, 1966).

³Carl R. Rogers, "Learning to be Free" (Aprendendo a ser livre), um trabalho não-publicado citado em Dugald S. Arbuckle, *Counseling: Philosophy, Theory and Practice*, segunda edição (Boston: Allyn and Bacon, Inc., 1970).

⁴*Expository Dictionary*.

**TERCEIRA PARTE: ESTRATÉGIA BÁSICA: COMO COM-
PREENDER E LIDAR COM PROBLEMAS PESSOAIS**

6. COMO OS PROBLEMAS SE DESENVOLVEM I

7. COMO OS PROBLEMAS SE DESENVOLVEM II

8. O QUE VOCÊ PROCURA MUDAR?

9. UM MODELO SIMPLES DE ACONSELHAMENTO

Capítulo 6

Como os problemas se desenvolvem I

Sem uma compreensão clara de como os problemas se desenvolvem, o aconselhamento pode ser nada mais que uma conversa amigável, calorosa, cheia de boas intenções. No fundo das mentes de muitos conselheiros, escondido por trás duma aparência serena e confiante, ruge a pergunta: — O que será que poderia dizer que pudesse ser de ajuda? Se o conselheiro acaba de ler um livro sobre aconselhamento rogeriano, ele é capaz de murmurar calorosamente, “Eu entendo”, esperando que seu cliente acredite nele. Se sua leitura mais recente foi o *Conselheiro Capaz* de Jay Adms¹, ele talvez procurasse uma oportunidade de asseverar com ênfase que “É pecado fazer assim. Você tem que se arrepender e mudar. Aqui estão os trechos bíblicos que deve ler, que poderão ajudá-lo”. Conselheiros profissionais e pastorais tendem a depender de algumas técnicas e dois ou três princípios básicos, talvez sem nunca pensar claramente nas razões pelas quais os seus esforços de aconselhamento deveriam dar certo.

Neste capítulo quero juntar muitos dos pensamentos até aqui apresentados e formar um modelo de comportamento humano. Se um conselheiro tem um conceito amplamente aplicável de como as pessoas desenvolvem os seus problemas, ele terá melhores chances de compreender o seu cliente e procurará resolver os problemas de maneira racional, conforme um método sistemático e inteligente. Até certo ponto o homem permanece para sempre um mistério. Quem pode compreender de modo exaustivo o produto dum Deus infinito? Porém, um bom modelo, claro, que explique as bases do funcionamento humano pode nos livrar duma abordagem de “tentativa e falha”, “vamos torcer para que dê cer-

to”, e nos oferecer pelo menos uma medida de precisão aos nossos esforços de aconselhamento. O modelo que tenho em mente é facilmente delineado. Acho útil manter este esquema em mente enquanto faço aconselhamento, procurando adaptar o problema com o qual estou lidando ao modelo, a fim de entender melhor o que fazer com ele. Permita que eu desenvolva o esquema apresentando cada elemento um a um.

O primeiro conceito no modelo é a *necessidade*. Devido ao fato que as pessoas são seres físicos e pessoais, elas tem necessidades físicas e necessidades pessoais. As necessidades físicas são aquilo que é imprescindível para a sobrevivência física, para manter o corpo vivo — comida, alimento, abrigo, etc. as necessidades pessoais consistem naquilo que é necessário para a sobrevivência como pessoa, a fim de manter viva a personalidade — significado e segurança como base para o valor pessoal. Temos que possuir propósitos e amor se queremos permanecer vivos como pessoas. Muitas pessoas estão no processo de morte e não percebem sua situação. Enquanto elas mantêm a esperança de que mais dinheiro, fama, prestígio, sexo, viagens, seja lá o que for lhes darão significado e segurança, elas continuam em frente. Tão logo elas enfrentem a terrível escuridão da falta de valor e falta de esperança para atingi-lo, um profundo desespero tomará conta. Neste ponto elas podem suicidar, ter uma crise nervosa, se retrair psicoticamente ou assumir comportamento bizarro, ou despenham em tentativas irracionais de amenizar a dor (com álcool, drogas, fuga, pornografia, etc.). Quando uma pessoa compreende a verdade de que ela é significativa e segura em Cristo e começa a praticar a verdade de modo racional, responsável, obediente e consagrado, ela se torna íntegra, viva, vibrante, plena. A vida então, não importa quão difíceis as circunstâncias, vale a pena ser vivida. Ela faz sentido. Existe razão para se continuar. Todas as características duma personalidade auto-realizadora, madura, começam a aparecer.

Os psicólogos fazem uma distinção importante entre necessidades primárias e necessidades secundárias. As necessidades pessoais primárias são de significado e de segurança. As necessidades secundárias (por vezes denominadas “necessidades adquiridas”) são simplesmente aquelas coisas em nossas vidas que têm sido o meio de suprir as nossas necessidades primárias. O psicólogo B. F. Skinner definiu tecnicamente um reforço secundário (necessidade) como um evento-estímulo que adquiriu sua propriedade reforçadora através de trabalho anterior como estímulo discriminativo.

Colocarei em termos mais simples. Um farol verde diz que agora é hora de atravessar a rua com uma boa chance de segurança. A luz do sinal verde é portanto um estímulo discriminativo, algo que discrimina ou marca o tempo em que eu posso suprir minha necessidade primária (neste caso, segurança física ao atravessar a rua). Enquanto eu aguardo na esquina noto um botão que, quando apertado, faz com que o sinal mude para verde. Eu me encontro motivado a apertar o botão porque quero produzir o evento do sinal verde. Mas por que eu valorizo uma luz verde, exceto por preferência possivelmente estética? Ela não tem valor independente ou primário. Um sinal verde não supre necessidade alguma do meu íntimo. Mas ele me oferece a *oportunidade* de suprir a necessidade primária de segurança física enquanto eu atravesso a rua. O sinal verde tem portanto um valor secundário ou adquirido. Preciso do sinal verde não porque ele supra diretamente as minhas necessidades mas porque ele me permite suprir as minhas necessidades. O dinheiro é outro exemplo óbvio de um estímulo discriminativo que tornou-se necessidade adquirida. Um pedaço de papel estampado não é comestível. Não pode suprir minha necessidade de fome. Mas com ele eu posso comprar comida que satisfaça a minha fome. Portanto eu *aprendo* a “precisar” de dinheiro.

Tenho enfatizado este ponto porque os conselheiros precisam compreender claramente a diferença entre necessidades pessoais primárias e necessidades pessoais adquiridas (ensinadas pela cultura). Os clientes frequentemente dirão *necessitar* da aprovação dos outros. Mas não precisam. O que eles realmente *necessitam* é de segurança. Talvez durante todas as suas vidas um sentimento de segurança tenha dependido da aprovação de outras pessoas. Um pai ou mãe de personalidade forte podem de tal forma intimidar um filho que ele gaste sua vida toda tentando agradar as pessoas a fim de gozar das boas-graças associadas à aprovação materna. Mas se este filho pudesse ver que o que ele realmente precisa não é de aprovação e sim de segurança, talvez ele considerasse outras maneiras possíveis de suprir essa necessidade. A chave está no reconhecimento de que ele não necessita de aprovação; ele precisa de segurança. A aprovação é uma necessidade adquirida, a segurança é uma necessidade primária. As pessoas nunca deixam de precisar de segurança e de significado. *Mas podemos parar e necessitar certos caminhos adquiridos para satisfazer nossas necessidades primárias de significado e segurança*

(1) se estes caminhos criam problemas e (2) se existe um caminho livre de problemas para suprir essas mesmas necessidades primárias.

Os conselheiros têm que fazer a diferença entre *necessidades* e *desejos*. Nós *necessitamos* de significado e segurança a fim de perseverarmos uma vivência de fidelidade. Podemos *desejar* aprovação, dinheiro, fama, reconhecimento, promoção, casa nova, um bom casamento, aparência melhorada, nariz menor, personalidade melhor, corpo mais esbelto, sucesso nos negócios, carro grande, filhos bem sucedidos, amigos, um ministério efetivo, e assim por diante. E eu posso desejar estas coisas com paixão tal, que a sua ausência pode provocar uma dor legítima e não-pecaminosa de proporções excruciantes. Mas eu não *preciso* de nenhuma dessas coisas a fim de ser uma pessoa íntegra que possa viver de conformidade com a Bíblia. Posso viver uma vida profundamente significativa e pessoalmente íntegra sem satisfazer os meus desejos, embora essa vida possa estar crivada de angústia. Paulo é um exemplo de primeira categoria. Mas nem Paulo e nem eu poderíamos continuar a funcionar efetivamente por Cristo sem a satisfação de nossas *necessidades*. Sugiro ao leitor que leia o meu primeiro livro para uma discussão do que realmente supre as minhas necessidades.

O primeiro conceito portanto é de *necessidades*, não desejos, não necessidades adquiridas, não reforços secundários, mas *necessidades*. Num modelo de como uma pessoa funciona, começamos com as necessidades pessoais de significado e de segurança.

O segundo conceito no modelo é a *motivação*. Em poucas palavras, a motivação é aquilo que me impele a suprir minhas necessidades. É aquele ímpeto que me força a fazer alguma coisa que me torne significativo e seguro. Como um povo caído nós experimentamos um desejo agudo, fortíssimo, de segurança e significado. Estamos dispostos a gastar tremenda energia pessoal num esforço por satisfazer essas necessidades. Chamamos esta disposição compulsiva e profunda de suprir as necessidades de motivação. Até aqui o modelo parece assim:

COMEÇA AQUI



A motivação considerada sozinha é pouco mais que energia indiferenciada. Estou disposto a fazer alguma coisa, a mexer-me, a me esforçar por tornar-me pessoa de valor. Mas o que devo fazer? Em que direção eu escolho ir? O que sou motivado a fazer? O que se torna importante para mim? Em quais atividades eu deverei gastar minha energia motivadora? A resposta a tais perguntas é tão importante quanto simples: *a direção à qual sou motivado a seguir, num esforço de suprir minhas necessidades, não depende nem das necessidades nem da energia motivadora mas daquilo que eu penso virá suprir tais necessidades*. As necessidades estão aí e eu estou ansioso por supri-las, e assim sou motivado a fazer aquilo que eu creio me dará significado e segurança.

As crianças passam por uma variedade de estágios de desenvolvimento. Millard Sall, em seu livro *Faith, Psychology and Christian Maturity* (Fé, Psicologia e Maturidade Cristã) oferece um resumo excelente, de fácil leitura, da visão psicanalítica dos estágios de crescimento pessoal. Em cada um desses estágios a criança é motivada a encontrar alguma forma de suprir as suas necessidades pessoais. Num dado momento ela se depara com uma estratégia que parece funcionar. Talvez ela note o que as outras pessoas consideram importante. Se papai fala sempre sobre suas proezas de atletismo, júnior talvez decida que a excelência numa área específica é o caminho para o significado. Se mamãe reclama do papai mas continua trabalhando como uma escrava preparando suas refeições, lavando as roupas dele, limpando a casa dele, então a filha poderá aprender que a segurança deveria vir do casamento, mas que raramente vem. Como adulta ela poderá resolver evitar a desilusão inevitável permanecendo solteira. Ou, se ela se casa, poderá rapidamente tomar uma posição ofensiva a fim de se proteger da dor que ela espera por antecipação. Tão logo ela veja algo de negativo no seu marido (um cenho franzido, chegar atrasado em casa, um comentário sobre a casa desarrumada) ela automaticamente e inconscientemente interpretará isso como a rejeição esperada e responderá atacando: “O que você quer dizer por a casa estar desarrumada? Se você levantasse um dedo para me ajudar, talvez eu pudesse mantê-la limpa. Tenho que olhar as crianças, fazer a comida, passar o aspirador nos tapetes, e estou me esforçando ao máximo enquanto tudo que você faz é reclamar”. Neste ponto ela poderá romper em lágrimas ou manter uma frieza rígida. De qualquer modo ela está tentando evitar a

dor da insegurança. O problema radical é uma série de suposições erradas sobre segurança aprendida quando criança. Embora a mulher seja responsável por suas atitudes e seu comportamento pecaminoso, a mudança que a transforme em mulher cristã confiante e segura dependerá do aprendizado que ela fizer de um novo conjunto de suposições.

Ainda que não se saiba precisamente como uma criança seleciona os seus métodos de como encontrar valor pessoal, parece razoável sugerir que ela seja influenciada principalmente pela coerência de vida demonstrado por seus pais. Provérbios 22: 6 diz “ensina a criança” no caminho em que deve andar. A palavra hebraica para “ensina” foi usada primeiramente (de acordo com Howard Hendricks, no seu excelente material sobre treinamento dos filhos) em referência à parteira hebréia que colocava seu dedo na boca do bebê recém-nascido para estimular o reflexo de sucção. O pensamento geral contido na palavra é fazer algo que estimule reflexos básicos, que leve a uma atividade natural, ou mais amplamente, criar um desejo, um gosto. As crianças são naturalmente motivadas a suprir suas necessidades pessoais. A tarefa dos pais é estimular esse reflexo básico pelo modo como vivemos. Devemos criar um desejo nos nossos filhos de olhar para o Senhor para a satisfação de suas necessidades pessoais (bem como físicas). Não cometa erros aqui. As crianças, de alguma forma, encontrarão um modo de reproduzir os nossos esforços por encontrar significado e segurança. Se nós cremos realmente que o dinheiro ou o êxito trazem significado, ou que elogios e roupas bonitas trazem segurança, podem falar o quanto quisermos sobre as alegrias de conhecer a Jesus. Os nossos filhos aprenderão a depender daquilo em que nós realmente dependemos para a satisfação em nossas vidas. Não importa o quanto ensinamos, fazemos culto doméstico, ou levemos à igreja; isso não pesará mais do que a mensagem que nós transmitimos através de nossas vidas. As crianças aprenderão que suas necessidades podem ser supridas se elas atingirem o mesmo alvo pelo qual lutam os seus pais.

Nos nossos dias os jovens estão reconhecendo cada vez mais que os alvos pelos quais seus pais dedicaram suas vidas (dinheiro, prestígio, bons empregos, etc.) não satisfazem. O trabalho árduo por si só como símbolo de valor é visto como vazio. Os alvos que tipicamente nos atraem são em realidade artificiais e não-satisfatórias. Não oferecem aquilo que as pessoas realmente necessitam, ou seja, verdadeiro significado (um propósito para a vida) e nem segurança verdadeira (um senso válido de ser amado).

As crianças, até certa idade, aceitam implicitamente as ideologias de seus pais. Mas a nossa geração tem estimulado os jovens a questionar. Isto é bom. Quando eles chegam à adolescência, muitos se afastam das ambições de seus pais, vendo acertadamente apenas futilidade nessa busca.

A tragédia está em que muitas vezes os jovens trocam um erro por outro ao girar em torno de métodos místicos, irracionais, experimentais de busca de satisfação — drogas, sexo livre, ocultismo, aventura, qualquer coisa. O ápice hoje está em encontrar algo em que se sinta bem. Admoestar esses jovens a endireitar e assumir um trabalho responsável é pior que inútil. É insensibilidade ao problema. A igreja de Jesus Cristo precisa apresentar a realidade do verdadeiro significado e segurança pela nossa dedicação inabalável e sem concessões aos absolutos da Escritura e por nossa *prática* (não apenas nossa expressão) de amor incondicional. A não ser que estas pessoas encontrem a resposta racional e legítima às suas necessidades mais profundas que só o Cristianismo pode oferecer, elas às expectativas da sociedade (é isso que nós realmente queremos, lá no fundo? Pode ser...) ou então elas se lançarão nas trevas horríveis do desespero total — nenhum significado, nenhum amor, nenhum nada; movendo-se como zumbis, indo em direção ao nada, ou, se tiverem a coragem, suicidando.

Fico a perguntar se os pecados dos pais passam aos filhos (Êxodo 34: 7) quando os filhos aprendem pelo exemplo dos pais as noções falsas de onde encontrar significado e segurança. Dou graças a Deus pelos pais que ensinaram a mim e a meu irmão através de suas vidas como também pelas suas palavras, que confiar no Senhor e viver por Ele é o fundamento de toda vida efetiva. O desafio claro aos pais é de viver de tal modo que dependamos verdadeiramente do Senhor para nosso significado e para nossa segurança.

As crianças desenvolverão uma estratégia para o suprimento de suas necessidades. O mundo (em especial os seus pais), a carne (sua própria resistência nata à busca de Deus, Rom. 3: 10-13) e o diabo (que se deleita em oferecer qualquer deus que não inclua a submissão a Cristo) se juntam para ensinar à criança uma falsa suposição básica sobre como suprir as necessidades pessoais. Em geral as pessoas desenvolvem uma idéia ampla,

geral, que as dirige. Exemplos que vejo comumente no consultório são:

“Terei significado se

- eu tiver dinheiro
- eu for melhor que os outros
- eu nunca errar
- eu trabalhar com afinco
- meus filhos se saírem bem
- eu receber reconhecimento pelo meu grupo
- eu for incluído nos círculos importantes”.

“Serei segura se

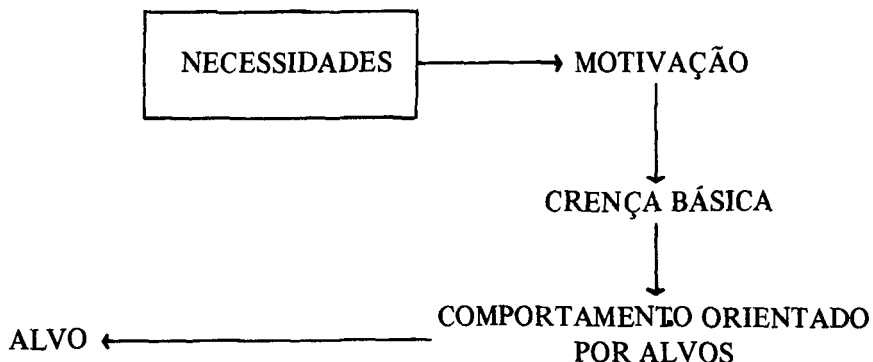
- eu tiver um marido que me ama
- eu nunca for criticada (uma suposição por trás do perfeccionismo:

“Se eu for perfeito não poderei ser criticado”)

- todo mundo me aceitar
- ninguém fizer cara feia para mim ou gritar comigo ou de algum modo me rejeitar”.

Quando as crianças se agarram a uma suposição básica, sua motivação ganha direção. Estabelece-se um alvo. Elas agora terão um comportamento designado a suprir o alvo que a sua suposição básica determinou. Nosso desenho agora pode ser expandido.

COMEÇA AQUI:



O diagrama como se apresenta agora sugere um modo como os problemas se desenvolvem. O comportamento orientado por um alvo pode

ser inteligente, realista e razoável, ou pode ser ignorante, irrealista e totalmente sem efeito. Assim, o alvo pode não ser atingido e a pessoa sentir-se ameaçada porque necessidades permanecem não-supridas, tornando-se ansiosa ou ressentida. Por exemplo, se uma esposa acredita que sua segurança fundamental depende do amor de seu marido, é provável que ela tente atingir o alvo de ganhar esse amor. Mas talvez ela não entenda o que é que “liga” um homem. Ela poderá ajudá-lo com o seu trabalho ou se responsabilizar pelo orçamento familiar, e fazê-lo com eficiência, mas poderá ainda negligenciar no cuidado com o seu corpo ou em recebê-lo com carinho quando ele chega em casa. Os problemas surgirão e crescerão neste casamento. Seu marido será frio em relação a ela. O alvo não será alcançado. Quando ela procurar o conselheiro, ferida e amargurada, reclamando do seu marido frio e distante, poderá vir a compreender o que ela está fazendo de errado. Seu comportamento orientado por um alvo é ignorante e não tem efeito. Então ela correrá à livraria da cidade e comprará alguns livros sobre como tornar-se uma “mulher total”, uma excitante parceira sexual, um deleite feminino. Numa tentativa de ganhar o seu amor ela aprenderá a cozinhar pratos requintados, mostrar-se-á admiradora do corpo dele, usará roupas insinuantes, lingerie “sexy” e vestidos cheios de babados, e assim por diante.

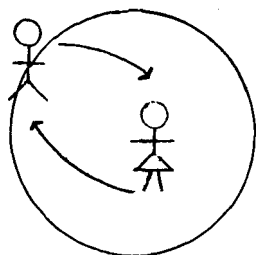
Quero rapidamente insistir que eu não tenho objeção nenhuma quando *minha mulher* faz todas essas coisas descritas acima. Gosto disso. Mais mulheres deveriam se importar em melhorar sua aparência e agradar seus maridos com feminilidade. Mas existem dois problemas reais com uma abordagem de aconselhamento que busca apenas mudar o comportamento irracional orientado por alvos em esforços mais inteligentes e efetivos para alcançar os mesmos alvos.

(1) O alvo de ganhar o amor de marido pode ser totalmente inatingível, não importa o que a esposa desesperada tente fazer. Se este for o caso, o que fazer? Ela está fadada à insegurança até que seu marido mude ou até que ela encontre outro homem que a ame?

(2) A motivação básica da esposa é egoísta. Todos os conselhos sobre como ser mulher mais efetiva simplesmente ensinaram essa mulher como manipular melhor o seu marido a fim de que ele supra as suas necessidades.

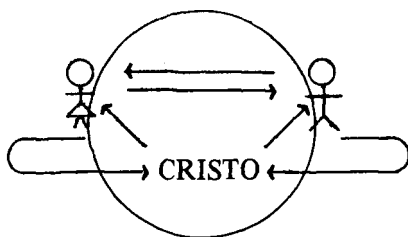
Uma esposa com necessidade não-suprida funciona através de uma

motivação por déficit. Ela está no centro do seu mundo, tentando encher o seu vazio.



No diagrama acima a seta que aponta ao marido representa o comportamento da mulher para ele. A seta do marido de volta à esposa indica o resultado desejado de seus esforços, ou seja, que ele a ame. Ela está dando para receber. Na realidade, nada mais está fazendo do que *usando* o seu marido para suprir necessidades.

O casamento cristão é diferente. Talvez devesse ser ilustrado como o seguinte:



Neste diagrama de um casamento ideal, o Senhor está suprimindo as necessidades básicas de cada cônjuge. Ambos estão plenos e operam através de Motivação por Expressão. O comportamento um para o outro é de *dar* com o propósito de ajudar o outro a tornar-se mais próximo de Cristo. A esposa pode estar fazendo a maioria das coisas que os livros ensinaram a fazer, mas agora sua motivação é outra. Ela almeja vê-lo mais perto de Cristo. Se ele a ama em retribuição, é o glacê do bolo. Embora o glacê seja doce e faz o bolo ficar mais atraente, não é o elemento central ou substancial. Se ele não a ama, ela permanece segura e deseja ministrar conforme Deus ordena e, assim, continua a se submeter, orando para que Deus use o seu comportamento para levá-lo para mais perto d'Ele.

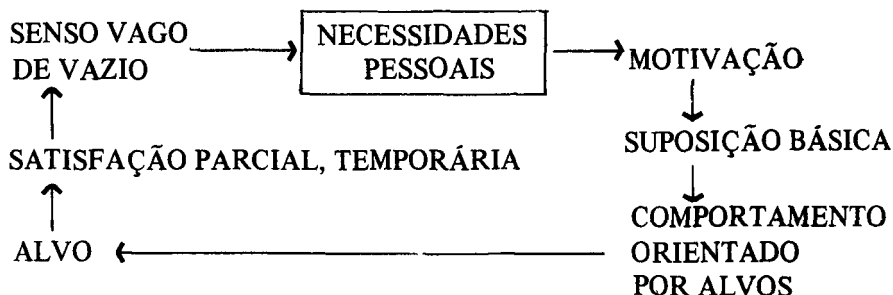
Os problemas podem, portanto, desenvolverem-se ao ponto de comportamento-orientado-por-alvos. As pessoas podem se mover efetivamente ou inefetivamente em direção a esse alvo. Um aconselhamento que auxilie a pessoa a atingir um alvo determinado por uma suposição errada é, realmente, igual ensinar uma pulga a se aproveitar melhor dum cachorro. Se um cliente puder ser ajudado a alcançar um alvo através de métodos mais efetivos, ele atingirá uma medida de satisfação. Mas se for verdade que só Cristo pode realmente satisfazer as nossas necessidades, e se o alvo do cliente foi determinado por uma suposição errônea quanto ao que traz segurança e significado, então o cliente que atingir o seu alvo não será completamente satisfeito, suas necessidades continuarão sem suprimento, e ele será motivado a passar novamente pelo ciclo à procura de atingir novos alvos. Em toda sua vida ele correrá atrás de coisas que jamais satisfarão. Deus disse a Jeremias que seu povo havia cometido dois males: "... a mim me deixaram, o manancial, de água vivas, e cavaram cisternas, cisternas rôtas, que não retêm as águas" (Jeremias 2: 13).

O Senhor disse à mulher samaritana que as pessoas que dependem de qualquer fonte de alimento que não o próprio Cristo, nunca ficarão satisfeitas. O ciclo de tirar água do poço torna-se um trabalho perpétuo, estafante e sem solução, por que sua água não sacia a sede definitivamente. Que tragédia ver homens trancados dentro duma estrutura duma companhia, sacrificando as suas famílias a fim de obter sucesso nos negócios. Uma casa luxuosa com um Rolls Royce na garagem e uma gordíssima conta bancária, nada mais são do que uma cisterna rôta. Paulo sabia ter fartura ou falta de tudo. Ele podia gozar os luxos que surgissem em seu caminho, mas também sabia passar bem sem eles. Ele sabia que depender de possessões materiais para a felicidade seria igual a descer um balde num poço vazio para satisfazer a sede. As possessões não têm água que sacie a alma de verdadeiro significado e segurança, mas muito frequentemente as pessoas procuraram uma corda mais comprida ou um balde maior para deixar cair na cisterna sem fundo, sem água, esperando que no final encontrem o que buscam. Outros abandonam a vida de afluência, vendem tudo, e mudam-se para um vilarejo de pescadores ou uma fazenda no campo, num esforço de aquietar este senso perturbador de inércia, este doloroso vazio. Muitas pessoas não têm condições nem de comprar mais coisas e nem de mudar para o campo, mas pensam que se pudessem, suas necessidades poderiam ser supridas. Porém, nada, a não

ser um relacionamento com Cristo, pode satisfazer.

Permita, agora, que eu some ao diagrama:

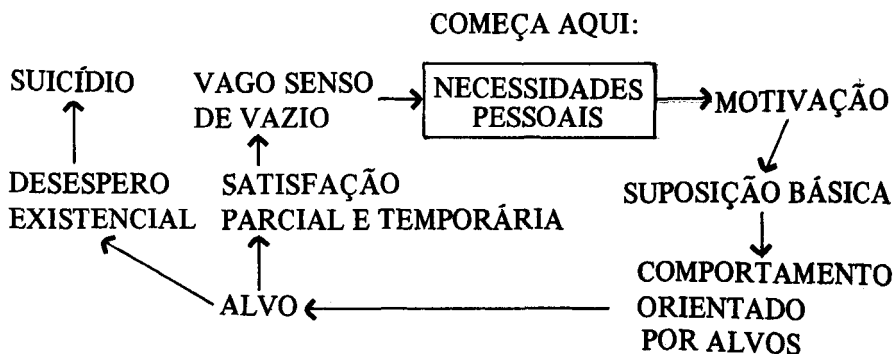
COMEÇA AQUI:



O diagrama, então, reflete como a maioria das pessoas “bem-ajustadas” vive. Elas determinaram alvos para suas vidas de acordo com suas suposições não-bíblicas de como suprir as necessidades. Através de trabalho árduo, planejamento minucioso, ou “pura sorte” (muitos diriam “sorte boba”), eles alcançaram os seus alvos. Têm dinheiro, bons filhos, boa saúde, prestígio nos negócios, tudo o que valorizam, e gozam uma verdadeira medida de prosperidade pessoal e felicidade. Essas pessoas não procuram os psicólogos. Algumas não sentem necessidade de Deus em suas vidas. Estão indo muito bem sem Ele. Uma insistência em que suas necessidades mais profundas permanecem não supridas e carecem, doloridas, de satisfação, cai frequentemente sobre ouvidos surdos. O problema é que, quando tudo parece ir de acordo com os planos, as pessoas realmente sentem-se bem. O caminho que parece direito foi alcançado e está dando satisfação temporária. É difícil convencer essas pessoas de que o final desse caminho é morte pessoal — uma eternidade sem significado e sem amor.

Algumas pessoas, quando atingem todos os seus alvos, enfrentam cara a cara o fato terrível de que a realização dos sonhos realmente não trouxe satisfação. Marilyn Monroe tinha tudo que a maioria das mulheres almeja: linda aparência, corpo bem proporcional, homens aos montes, fama, dinheiro, luxo. Contudo ela se matou. Por que? Aparentemente ela chegou ao estágio deplorável mas sincero do desespero total: “Alcancei todos os meus alvos mas eles não me satisfazem. Estou vazia. A vida

não vale a pena ser vivida. Não existe mais nada a fazer. Já tentei de tudo. Nada alivia a profunda dor dentro de mim. A morte é agora a única saída possível". Colocando essa espécie de experiência no nosso diagrama, temos agora isto:



Até aqui eu tracei um modelo simples de comportamento humano e sugeri algumas formas pelas quais os problemas se desenvolvem. No próximo capítulo somarei mais um elemento chave ao modelo, o elemento diretamente responsável pela maioria dos problemas que aparecem no escritório de aconselhamento.

Notas

¹Jay Adams, *O Conselheiro Capaz*, Editora Fiel.

Capítulo 7

Como os Problemas se Desenvolvem II

Uma pessoa o procura: — Tenho tantas dores de cabeça. O médico diz que não há nada de errado fisicamente, mas minha cabeça continua doendo. Sei que estou tenso. Mas se estas dores são causadas apenas por tensão nervosa, o que fazer? Pode me ajudar?

O que você diria ao seu cliente? Talvez você seja pastor ou presbítero ou um cristão em quem este indivíduo confia dentro do corpo de Cristo. Muitos estariam tentados a dizer “Isso me parece um problema psicossomático que, francamente, vai além das minhas capacidades. Você já pensou em procurar um psicólogo?” Outros talvez encorajassem comportamentos que ajudassem a relaxar (“Você tem um *hobby*?” “Que tal elevar as pernas e desligar-se do mundo?”). Alguns, com falta de sabedoria, recomendariam meditação transcendental, inconscientes de sua tendência insidiosa de um enfoque de vida sem Deus. Talvez o conselheiro tentasse identificar a fonte da tensão para auxiliar a pessoa a lidar com ela de modo bíblico.

Conforme indiquei no início do capítulo seis, o aconselhamento inteligente requer uma boa compreensão conceitual de como se desenvolveu o problema. Os médicos aprendem a máxima: primeiro o diagnóstico, depois o tratamento. Como diagnosticar o problema? Para mim, o diagnóstico é a compreensão simples do que causou o problema e do que faz com que ele persista.

No último capítulo coloquei em diagrama a idéia de que as pessoas são impulsionadas para o alvo que elas presumem que supriria suas mais profundas necessidades pessoais. Agora quero expandir o modelo, explicando como muitos problemas psicológicos se desenvolvem. *O elemento*

chave por trás da maioria dos sintomas é um obstáculo que interfere na obtenção do alvo escolhido pelo indivíduo. Se este obstáculo puder ser transposto através de mudança no comportamento dirigido por alvos, evita-se a ameaça de neurose. Mas conforme ressaltamos no último capítulo, se o alvo tiver pressuposições não bíblicas como base, o resultado será ou uma satisfação parcial — com maior busca, interminável, de realização — ou desespero. Por vezes o obstáculo não pode ser transposto (“Não consigo fazer com que meu marido me ame”; “Por mais que eu tente acertar, continuo errando”). Estes obstáculos obstinados que permanecem apesar dos melhores esforços de pessoas frustradas caem com maior frequência dentro de uma destas três categorias:

1ª categoria: Alvos inatingíveis

2ª categoria: Circunstâncias externas

3ª categoria: Medo do fracasso

Sempre que alguém encontra um obstáculo no caminho para um alvo profundamente desejado, experimenta a frustração. A forma emocional que esta frustração toma depende da natureza do obstáculo encontrado. Se o alvo feito pelo indivíduo for inatingível (categoria nº 1), e a resposta emocional primária mais comum será de *culpa* ou sentimentos de auto-comiseração. Se a pessoa acredita que pode atingir o alvo (seja isso verdade ou não) mas que alguma circunstância externa bloqueia o caminho para este alvo (categoria nº 2), o resultado típico é *ressentimento*. Se o bloqueio não for, nem alvo inatingível e nem uma circunstância que o impeça, mas um medo do fracasso, um medo que incapacita, geralmente a pessoa experimenta a *ansiedade*.

As três emoções problemáticas por trás da maioria de nossas dificuldades são *culpa*, *ansiedade* e *ressentimento*. Para entender melhor como cada um destes se desenvolve a partir duma espécie específica de experiência frustrante, permita o leitor que eu discorra rapidamente sobre estas três formas de obstáculos que levam a essas três distintas emoções.

Categoria nº 1: alvos inatingíveis

Certos alvos traçados pelas pessoas simplesmente não podem ser atingidos, por mais que elas se esforcem. Algumas pessoas pensam (pressuposição básica) que a única maneira de se sentir bem com respeito a si mesmas é evitando todas as críticas. Uma senhora de meia idade com quem trabalhei, tinha sido constantemente diminuída por sua mãe, comparada

desfavoravelmente à sua irmã por ambos os pais, e recebera recriminações de todos. Essa dieta constante de críticas produziu um caso grave de “indigestão” emocional na criança. Esta mulher veio a crer que sentimentos positivos a seu próprio respeito (segurança) dependiam de que ela jamais fosse criticada. Para evitar as críticas, teria que viver de forma perfeita. Seu objetivo passou a ser o *alvo inatingível* da perfeição. Casou-se com um excelente homem que a amava e realmente a aceitava. Mas ela cometia erros. Por vezes os ovos moles ficavam cozidos demais, ela esquecia de lavar toda a roupa e seu marido ficava sem meias limpas, gastava além do orçamento na alimentação, etc. De vez em quando seu marido a criticava, geralmente com brandura e paciência, construtivamente. Ela ficava arrasada. Não podia culpar seu marido, obviamente bondoso e apoiador. A culpa era totalmente dela. Consequentemente, ela se odiava e dirigia contra si investidas mordazes e remorso desesperado. Não havia apoio ou encorajamento que a ajudassem. Na verdade, quando alguém demonstrava preocupação carinhosa por ela, parece que as coisas pioravam: por melhor que fosse seu mundo, mais culpa ela carregava sobre si, pois ela era imperfeita.

Os psicólogos que lêem este trecho suspeitarão que além desta culpa (neste caso ela residia num reconhecido medo de rejeição), havia com toda probabilidade uma medida substancial de ira contra seu mundo (em especial contra seu marido) por exigirem perfeição. Embora o ressentimento seja primário, estou inclinado a pensar que a culpa seja o maior problema sempre que exista um padrão auto-imposto inatingível, com o qual a pessoa se compara. Se o cliente sofre a responsabilidade por não atingir esse seu alvo inatingível, ele se sente desprovido de valor. Muitas vezes ele expressa esses sentimentos em declarações de ódio contra ele mesmo, atitudes desesperadas de desprezo e falta de motivação para se esforçar.

Categoria nº 2: circunstâncias externas

Existe uma situação diferente quando o cliente percebe que o alvo poderia ser atingido se não houvesse bloqueios fora dele mesmo. Neste caso a emoção problemática primária é o ressentimento. A meu ver, o problema mais comum por trás das várias situações com as quais trato é o ressentimento.

Os filhos de Israel oferecem exemplos instrutivos deste problema emocional. Sempre que surgiam circunstâncias difíceis, eles murmura-

vam contra Moisés, reclamando de como as coisas iam mal. Seu ressentimento contra as coisas desagradáveis da vida fervilhou a ponto deles estarem prestes a apedrejar a Moisés, a quem culpavam por todas as desgraças. Os psicólogos há muito debatem a “hipótese de frustração e agressão”. Esta teoria diz que a agressão é a resposta inevitável a um agente frustrante. Se eu estiver tentando alcançar um objetivo mas você impede e me frustra, ficarei zangado com você. O comportamento dos israelitas parece ilustrar esta idéia. Esta teoria pode ser compreendida com mais precisão da seguinte forma: quando alguém percebe que poderia ter atingido seu alvo se não fosse pela interferência de algum bloqueio (pelo qual ele não se sente responsável) ressentirá e reagirá agressivamente ao bloqueio. Se, porém, o obstáculo frustrante não for uma circunstância externa e sim um alvo inatingível ou o medo do fracasso, a frustração não dará lugar à agressão irada, mas, sim, a sentimentos de culpa ou ansiedade.

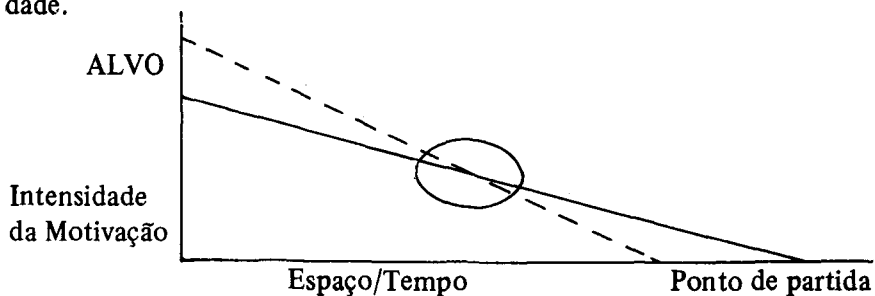
Uma senhora de meia idade me consultou a respeito de dores de cabeça severas, que exigiam constantes internações em hospitais através de um período de três anos. Seu psiquiatra levantou a possibilidade de problemas cerebrais orgânicos e prescrevia medicações suficientes para, por si só, sustentar o farmacêutico. Ficou claro nas primeiras duas ou três entrevistas que ela estava furiosa com sua mãe por interferir em sua vida, e contra seu marido por deixar de suprir a anos, suas necessidades emocionais. Sua crença básica era que para ser segura precisava que sua família a aceitasse e apoiasse em tudo que ela fazia. Quando eles se tornaram empecilhos para seu alvo de apoio incondicional, ela desenvolveu profunda amargura contra eles, mas sendo incapaz de expressá-la pelo medo de ser ainda mais rejeitada. Ela tentava mudar tanto sua mãe quanto seu marido para que eles se encaixassem dentro das suas necessidades e, como geralmente acontece quando uma pessoa quer mudar outra, falhou completamente. Seu comportamento, dirigido por um alvo errado, era totalmente sem efeito. A base de sua doença psicossomática era o ressentimento reprimido. Ela violara o princípio bíblico de “Não se ponha o sol sobre vossa ira” (Efésios 4:26). O tratamento, porém, não poderia ser apenas uma série de exortações para se comportar de modo bíblico, mas envolvia uma exploração e alteração radical de suas crenças básicas. À medida em que ela aprendia que o amor de Deus bastava para suprir suas necessidades, colocando em prática a “crença não sentimento”, compartilhando com seu marido os seus sentimentos e entregando a

Deus sua necessidade as dores de cabeça diminuiriam consideravelmente.

Categoria nº 3: medo do fracasso

Um terceiro tipo de bloqueio envolve o medo do fracasso. Muitas vezes os homens são sobrepujados por este problema em seu papel de marido e pai, e o resultado é que se furtam às suas responsabilidades. O alvo pode ser razoável e atingível. O caminho para o alvo pode estar livre de interferências, mas se alguém tem medo de não atingir o alvo, poderá vacilar e permanecer ansiosamente indeciso. O marido quer um bom relacionamento conjugal. Acredita que é possível. Sua esposa está disposta e coopera em tudo. Mas mesmo assim ele hesita, suspenso num estado de inerte indecisão. Por quê? Ele tem medo que tudo se atrapalhe, que seus melhores esforços sejam ainda abaixo do padrão, e assim, nada faz. Ele opera sobre a premissa simples de “Se eu tentar e fracassar, terei que admitir que falhei, e meu ato-conceito não agüenta isso. Se eu nunca tentar, posso evitar o fracasso”. A verdade, naturalmente, é que nunca tentar é uma garantia de fracasso e no final das contas a pior opção. Contudo ele ainda escolhe este curso porque a curto prazo não terá de enfrentar seu fracasso cara a cara.

Miller e Dollard, dois psicólogos que estudaram o conflito, desenvolveram um diagrama agora clássico que representa a indecisão por ansiedade.

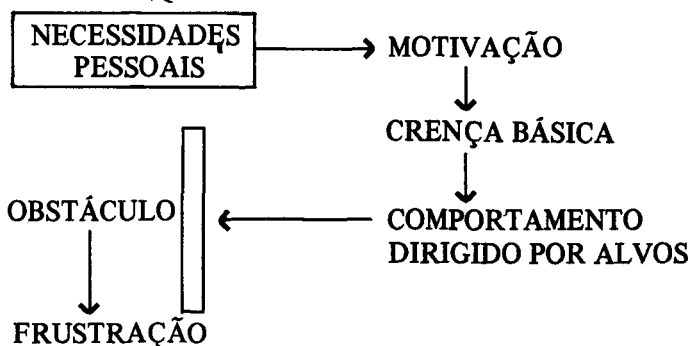


A linha vertical representa o alvo (conseguir namorada, ir a uma entrevista visando um emprego, aceitar a responsabilidade de dar aula de escola dominical, iniciar uma conversa com o cônjuge). No ponto de partida o indivíduo acredita que seu alvo é desejável e seu intuito é alcançá-lo. A linha sólida que aos poucos sobe é chamada de “gradiente de aproximação”. A medida que ele viaja por essa linha em direção ao alvo (ir até o telefone para convidar a moça para sair com ele), ele se acha de-

sejando-o cada vez mais. Sua motivação de abordagem torna-se mais intensa. Mas à medida que ele chega mais perto do alvo, começa a sentir um pouco inseguro (seu estômago revira um pouco quando pega no telefone, mas ele ainda pega o telefone). A linha ocupada representa o gradiente de evitação, o medo de que não alcance o alvo (pode ser que a moça recuse). Ele continuará a se mover em direção ao alvo até que chegue ao lugar onde os dois gradientes se cruzam. Ir além disso produziria um temor mais intenso que seu desejo de atingir o alvo. Voltar para trás resultaria num desejo pelo alvo mais forte do que o medo de fracassar.

Permita que eu esquematize nosso modelo básico até aqui:

COMECE AQUI



CATEGORIA DO OBSTÁCULO

FORMA DE FRUSTRAÇÃO

- | | | |
|--------------------------|---|---------------|
| 1. Alvo inatingível | → | CULPA |
| 2. Circunstância externa | → | RESSENTIMENTO |
| 3. Medo do Fracasso | → | ANSIEDADE |

Continuemos, passando agora a considerar como estas três formas de frustração podem resultar em problemas pessoais ainda mais complicados.

Eu considero a culpa, a ansiedade e o ressentimento como experiências pré-neuróticas. A neurose mesmo ocorre quando uma pessoa desenvolve um sintoma ou uma série de sintomas a fim de evitar maiores insultos a sua auto-estima. O alvo do *pré-neurótico* é vencer o obstáculo e atingir seu alvo ardentemente desejado (mudar a esposa, viver de modo perfeito, ficar rico, etc). Ele avaliará voluntariamente a efetividade de seu comportamento orientado por seu alvo e adotará novas estratégias

que prometam atravessar a barreira e atingir o alvo. Embora esta resposta à frustração indique uma saudável flexibilidade e pode evitar a neurose, conforme dissemos no último capítulo, atingir com sucesso os alvos não bíblicos não satisfará jamais. A chave para a maturidade está em escolher o único alvo certo para o cristão: conhecer a Deus. (Um livro especialmente útil sobre como atingir este alvo é o de J. I. Packer intitulado *O Conhecimento de Deus*, Editora Mundo Cristão, São Paulo).

A experiência neurótica é diferente da pré-neurótica. Os neuróticos não tentam vencer os obstáculos. O alvo do *neurótico* é segurança. A pessoa já tentou vez após vez atingir o alvo que acredita ser essencial para seu significado e sua segurança. Se houve um longo histórico de falhas sucessivas, ou se não enxerga alguma possibilidade de vencer o obstáculo, a pessoa frustrada provavelmente mudará de estratégia, enveredando por um caminho que leve diretamente à neurose. Em vez de procurar alvos que ela acredita que poderiam oferecer valor e auto-estima, ela começa a dirigir seus esforços para proteger qualquer auto-estima que ainda exista. Desiste de lutar por significado e entra num esquema de “agarro”: agarra qualquer auto-estima que ainda tenha. Não procura mais — só se frustra. Nos casos extremos em que não existe o mínimo senso de valor, o indivíduo se retrai numa psicose — uma quebra completa do mundo doloroso. Em essência o psicótico diz “Já sofri demais, Não quero mais nada. Eu me afastarei e entrarei no único lugar seguro que tenho: a irre realidade”. A diferença entre a neurose e a psicose não-orgânica pode ser explicada simplesmente em termos do grau de retração.

Muitas pessoas estão, segundo minha terminologia, vivendo em estágio pré-neurótico. Estão irados com seu mundo (ressentimento) ou sentem-se mal quanto a si mesmos (culpa) ou então vivem sob uma nuvem de tensão e medo constante (ansiedade). Continuam tentando, andando a passos lerdos por uma rotina diária e sem alento. Para elas o cristianismo é uma experiência que se “vai agüentando” no qual essas pessoas aturam corajosamente uma vida de infelicidade, forçando-se a dizer “em tudo dai graças” e perguntando, até o que venha mesmo a ser a alegria do Senhor.

Por trás dessa vida horrorosamente vazia se escondem algumas crenças básicas erradas que resultaram em uma das três emoções problemáticas. A personalidade humana não foi feita para funcionar sob culpa, ansiedade ou ressentimento. Os obstáculos darão lugar a renovados es-

forços comportamentais e o alvo errado, mas temporariamente satisfatório, será atingido, ou eventualmente alguma espécie de desmoronamento ocorrerá. O caminho para a neurose ou, em termos comuns, a crise nervosa, se traça com facilidade. Em algum ponto, depois que a frustração é suficientemente grande, ou tenha durado o bastante, o indivíduo deixará de tentar vencer o obstáculo. Ele procurará uma existência mais segura, longe das frustrações dolorosas de nunca sentir que está bem, ou, em meus termos, de nunca experimentar verdadeiro senso de valor.

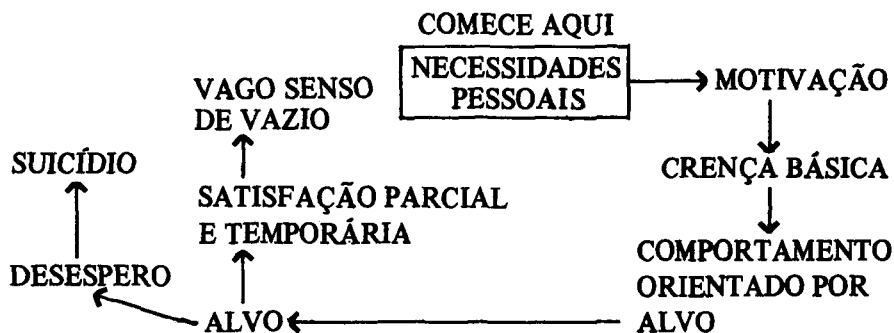
Muitas vezes algum estímulo precipita os sintomas neuróticos. Pode parecer até insignificante: uma criança que desobedece, um cheque devolvido por falta de fundos, uma pessoa que faz pouco caso daquilo que nos é importante. A frustração antes escondida irrompe num desejo desesperado e urgente de encontrar segurança, de fugir da dor de sofrer mais rejeição e fracasso. Uma experiência cotidiana análoga da neurose é a de entrar numa banheira quente para aliviar o "stress". A diferença entre este comportamento normal e a neurose é que quem está na banheira planeja emergir d'água e voltar ao mundo da responsabilidade. O neurótico quer permanecer submerso para sempre.

Este voo em busca de segurança pode incluir qualquer das formas clássicas de desordens: fobia, disfunção sexual, neurose obsessiva-compulsiva, tiques nervosos, etc. Talvez uma breve ilustração ajude. Uma pessoa desenvolveu um medo de atravessar pontes. O material das entrevistas indicava que ele precisava atravessar uma grande ponte para chegar ao trabalho. Sabedor de que os sintomas geralmente surgem em função do alvo de segurança, o conselheiro formou a hipótese de que este medo tinha alguma relação com seu auto-valor e envolvia seu emprego, uma ameaça que ele desejava evitar. Com isto em mente suas perguntas revelaram que o medo surgiu quando o cliente recebeu uma promoção no trabalho para a qual ele se sentia incapaz. O alvo que ele supunha trazer significado era o de êxito profissional. O obstáculo era medo de fracassar. A frustração tomou portanto a forma de ansiedade. No ponto em que se encontrava, o cliente era pré-neurótico. Poderia ter resolvido seu problema admitindo seus temores e, com o apoio de amigos, enfrentado o trabalho. Idealmente, ele deveria ter mudado sua crença básica quanto a significado, reconhecendo que sucesso ou fracasso no trabalho não determina, do ponto de vista de Deus, o seu valor. Baseado nesta crença ele poderia então ter escolhido aceitar a responsabilidade. Mas o cliente

passou de pré-neurose para a neurose quando, num esforço por encontrar segurança da possível perda de significado pelo fracasso no trabalho, ele inconsciente, mas propositadamente, ligou o seu medo às pontes. O resultado desse medo paralizador foi que ele “teve que deixar o emprego” e aceitar uma posição menor, mas segura, com uma firma do outro lado da ponte. Mas — e esta é a questão — *era exatamente isso que ele pretendia fazer*. Seu temor não era louco; era útil como auto-proteção, uma proteção totalmente desnecessária para aquele que entende a base bíblica para o significado e a segurança.

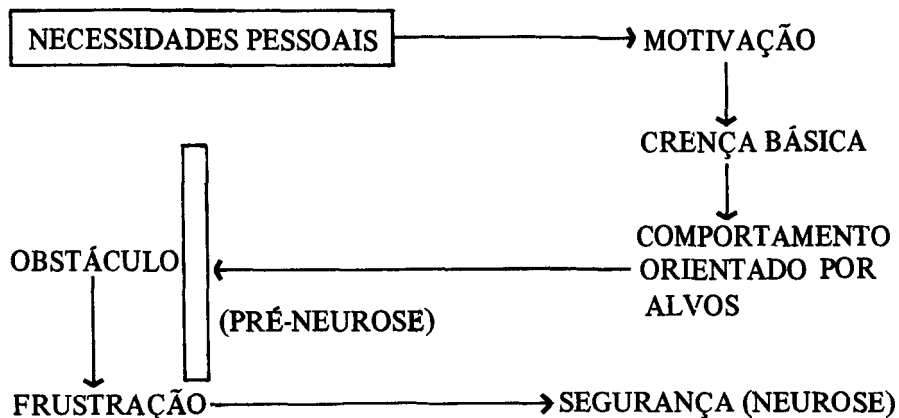
Nem todos os sintomas visam atingir a segurança. Sintomas psicossomáticos podem ser resultado físico direto de estados emocionais nocivos. As emoções problemáticas de ansiedade, ressentimento e culpa têm correlatos fisiológicos que podem resultar, com o tempo, em verdadeiros problemas orgânicos tais como úlceras, enxaquecas ou dermatoses. É também verdade que essas emoções negativas podem afetar diretamente vários aspectos comportamentais, tal como o funcionamento sexual. A disfunção orgásmica e a impotência, por exemplo, nem sempre representam uma busca de segurança mas podem, de fato, ser o resultado fisiológico inevitável de sentimentos de ira, culpa ou nervosismo. Em muitos casos, porém, sou da opinião que os sintomas possuem significado funcional. Isto é, são projetados pelo cliente ou para vencer o obstáculo (pré-neurose) ou mais frequentemente para ajudá-lo a evitar maior frustração oferecendo-lhe a segurança de que não se defrontará novamente com o obstáculo (neurose). Agora estamos em condições de completar o modelo de como os problemas se desenvolvem.

DESENVOLVIMENTO “NORMAL” QUE CONDUZ AO VAZIO



DESENVOLVIMENTO “ANORMAL” QUE CONDUZ À DESORDEM PSICOLÓGICA

COMECE AQUI:



CATEGORIA DO OBSTÁCULO

FORMA DE FRUSTRAÇÃO

- | | |
|--------------------------|-----------------|
| 1. Alvo inatingível | → CULPA |
| 2. Circunstância externa | → RESSENTIMENTO |
| 3. Medo do fracasso | → ANSIEDADE |

Capítulo 8

O Que Você Procura Mudar?

Para se desenvolver uma estratégia de aconselhamento, temos que resolver exatamente o que estamos procurando mudar. Estamos tentando mudar o modo como o cliente sente? Queremos simplesmente eliminar os seus sintomas? Terapeutas de comportamento do tipo Eysenck dizem que o sintoma é todo o problema. Elimine os sintomas e resolve-se o problema. A maioria das técnicas de terapia comportamentista são feitas exatamente para isto — modificar o comportamento sintomático. Será que deveríamos procurar ajudar a pessoa a agir com mais responsabilidade? O aconselhamento é questão de expor uma série de padrões comportamentais bíblicos e insistência em segui-los? O que estamos procurando modificar?

A resposta a esta pergunta depende da resposta a outra: o que esperamos como resultado das mudanças que produzimos? Em outras palavras, qual é nosso alvo final? Aqui o leitor poderá desejar fazer nova leitura do primeiro capítulo. O alvo do conselheiro cristão será radicalmente diferente do alvo do secularista.

Os conselheiros pagãos, arraigados no pensamento humanista, consideram supremo o bem-estar individual do homem. Sem padrões ou diretrizes, objetivos para definir o que venha a ser o bem-estar, o conselheiro terá que permitir que o cliente determine sua própria definição do que o fará feliz. O alvo supremo para o conselheiro secularista é portanto ajudar seu cliente a sentir-se bem. Alguns teóricos usam linguagem rebuscada para expressar os seus alvos mas acabam reduzindo tudo à mesma coisa. Aquilo que faz com que o cliente se sinta bem é desejável, a não ser que, e a maioria dos humanistas faria esta ressalva, impinja sobre os

bons sentimentos (o bem-estar de outro). O secularista está dizendo na verdade que o aconselhamento é um esforço de ajudar o cliente a alcançar aquilo que o fará feliz. Mais uma vez vem à mente a Escritura “Há caminho que ao homem parece direito, mas ao cabo dá em caminhos de morte” (Provérbios 14: 12).

Os conselheiros cristãos também desejam o bem-estar de seus clientes, mas eles crêem que o estado da pessoa depende de seu relacionamento com Cristo. Existem padrões absolutos. Um cristão não está disposto a ajudar um cliente a sentir-se bem de modo a contradizer esses padrões absolutos. Divorciar-se de um cônjuge desagradável poderá fazer com que o cliente sinta bem, mas o cristão crê que o caminho que *parece tão certo no momento* e que de fato reduz a tensão e aumenta os bons sentimentos, levará à morte pessoal (nenhum significado ou segurança) se isso for em contradição ao que Deus ordena.

O conselheiro cristão se encontra na posição singular de aconselhar as pessoas a viver de forma que poderá aumentar o fardo da vida. Uma cliente disse-me recentemente: “Antes de vir para cá, eu estava envolvida numa vida de diversões e brincadeiras sexuais e eu realmente me sentia bem. Era excitante. Desde que resolvi entregar-me inteiramente a Cristo, descobri que a vida é uma luta. A vida mundana era bem mais fácil e feliz que a vida cristã”. Depois ela disse ainda “Mas eu não volto atrás por nada neste mundo. Não tem retorno. Eu experimentei a realidade. Embora por vezes seja doloroso, quero mais de Cristo. É nisto que consiste a vida. Pela primeira vez, estou realmente viva, ligada, integrada. Dói como chamas, mas vale a pena porque agora sou uma pessoa”.

Se estamos certos de que desejamos introduzir mudanças que levem a pessoa para mais perto de Deus, mesmo que os sentimentos imediatos sejam negativos e não positivos, podemos avaliar o que devemos estar tentando mudar.

Olhe para o modelo acabado do final do capítulo 7. Considere cada item do modelo para verificar se (1), pode ser mudado e (2), mudá-lo conduzirá para mais perto do alvo de conformidade à imagem de Cristo. Começemos com *necessidades pessoais*. A necessidade de considerar-se valioso experimentando significado e segurança é uma parte inalterável da personalidade humana. Nada podemos mudar aqui.

Motivação, como um impulso generalizado de suprir as necessidades pessoais, é também uma parte normal e necessária da personalidade. To-

dos nós queremos nossas necessidades supridas e gastaremos bastante energia para supri-las.

Deve ser óbvio que creio que a mudança essencial na ajuda da pessoa a viver efetivamente, inclui a alteração de sua “pressuposição básica”, o terceiro elemento neste modelo. *Todo problema no modelo pode ser completamente evitado se a crença básica estiver eliminada com a verdade revelada.* A pessoa realmente bem-ajustada é a que depende somente de Deus (e no que Ele escolhe prover, que inclui a comunidade cristã) para torná-lo significativo e seguro. Desespero, frustração, ressentimento, ansiedade, culpa, senso de vazio, sintomas neuróticos – todo problema pode ser traçado diretamente a uma pressuposição errada sobre como suprir as necessidades pessoais. O principal problema hoje das pessoas é a dependência colocada no lugar errado. Dependemos de tudo menos de Deus para suprir nossas necessidades fundamentais. O que então tentaremos mudar? Como a pessoa pensa, do que ela depende, e o que ela acredita ser necessário para sentir-se verdadeiramente valiosa. *Temos que mudar a sua mente.* A transformação depende da renovação, não dos nossos sentimentos, nem do nosso comportamento, nem de nossas circunstâncias, mas de nossas mentes. Rogers renova sentimentos, Glasser renova comportamento. Skinner renova as circunstâncias. Cristo renova as mentes.

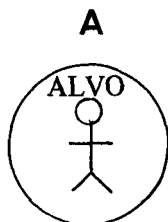
Muitos conselheiros negligenciam esta chave para a verdadeira transformação cristã e tentam mudar outra coisa. Alguns tentam mudar o *comportamento orientado por alvos* daquilo que é irracional e pecaminoso para o que é racional e bíblico. É claro que os cristãos estão interessados no comportamento racional e razoável, mas somente sobre o fundamento do pensamento certo. O comportamento certo sem o pensamento certo, produz uma espécie de obediência cristã que é laboriosa, pressionada e repleta de esforços. O comportamento certo que resulta do pensamento certo gera uma obediência feliz, natural e desejada ao Deus que nos fez pessoas íntegras, significativas e seguras. Mesmo que o comportamento certo consiga atingir o alvo, se o alvo não for bíblico, terá sido promulgada a maturidade cristã? Se uma mulher acredita que toda a razão de sua vida depende do amor de seu marido, um comportamento mais efetivo como esposa poderá ajudá-la a alcançar o alvo de mais atenção do seu marido, mas ela não terá aumentado em um centímetro a sua estatura espiritual. O aconselhamento bíblico deve primeiro ensiná-

la que *Cristo* é sua razão de viver (pensamento certo), e *então*, deverá auxiliá-la no processo de tornar-se melhor esposa (comportamento certo), não principalmente para ganhar o seu marido, mas para agradar ao Senhor e ministrar ao seu marido (alvo certo). Se ele amá-la em reciprocidade, louvado seja Deus. Ela deve gozar o seu amor plenamente. Se seu marido não retribuir o seu amor, ela ainda será mulher *íntegra*, *segura* e capaz de continuar pelo Senhor.

Alguns conselheiros procuram mudar o *alvo*. Porém, para mudar o alvo de modo significativo, é necessário que a pessoa mude seu modo de pensar. Eu disse recentemente a uma cliente que ela estava estabelecendo alvos que talvez fossem inatingíveis. Por exemplo, ao disciplinar sua criança, ela tinha como alvo fazer com que a criança respondesse corretamente. Mas esse alvo envolve um elemento que não está totalmente sob controle de minha cliente, ou seja, outro ser humano. Eu lhe disse que seu alvo não deveria ser uma resposta certa da parte da criança, mas que ela procurasse agir responsavelmente conforme os princípios bíblicos. Antes, porém, que ela pudesse mudar seu alvo, ela teria que mudar seu pensamento de que “Meu filho tem que sair direito se quero ter valor” para “Eu tenho valor como filha responsável de Deus. É claro que desejo que meu filho se saia bem e assim eu o disciplinarei de modo bíblico, conforme entendo. Se meu filho responder em desobediência, ficarei triste e terei que reavaliar meu procedimento disciplinar para assegurar-me de que eu esteja agindo conforme a Bíblia, mas não me sentirei pessoalmente ameaçada porque as minhas necessidades não estão em jogo. Elas não dependem da resposta do meu filho”.

A medida que o pensamento muda, os alvos naturalmente mudarão porque os alvos dependem da suposição básica de como suprir as necessidades pessoais. Quando o seu pensamento estiver certo e você souber que o suprimento de suas necessidades depende apenas de sua relação com Cristo, você está em posição de estabelecer sempre alvos atingíveis. Em toda situação o alvo geral é obediência a Cristo. Talvez isso incluía a responsabilidade de fazer o jantar para sua família. Sua segurança não depende de sua família apreciar o jantar. É claro que eventuais elogios serão apreciados, mas *não são essenciais*. Os insultos não agradam e produzem dor legítima mas não são *pessoalmente ameaçadores*. Contudo, quantas mulheres se queimam devagar quando seus maridos reclamam

da comida. Por que? Porque naquele momento estão dependendo da resposta do marido para sua segurança. O alvo do seu comportamento ao preparar o jantar era realmente controlar a resposta do marido. Conforme mencionei antes, esforços por fazer o melhor jantar possível a fim de ganhar aprovação que construa segurança é mera manipulação. Inclui também aceitar um alvo que a esposa não pode controlar totalmente, neste caso, a reação do marido. Sempre que uma pessoa busca atingir um alvo que o esforço responsável não possa *garantir*, ela experimenta o que chamo de Ansiedade Básica. Não existe medo de que o alvo não possa ser alcançado. Depende de você estar disposto a desprender o esforço. Mas se o seu alvo cai fora do círculo, seus melhores esforços não podem garantir o alvo. Talvez você o alcance. Pode ser que seu marido dê um largo sorriso com a comida saborosa e expresse amor por você, mas lá no íntimo, por baixo da segurança que seu marido lhe deu, está a Ansiedade Básica: “Preciso de algo pelo qual não posso ter garantia”.



Nenhuma ansiedade básica



Ansiedade Básica

No círculo A é possível comportar-se irresponsavelmente e não atingir alvos apropriados e atingíveis. O resultado não será ansiedade e sim verdadeira culpa não neurótica. O tratamento é a exortação: “Aprume-se e viva responsabilmente. Seus alvos são coerentes com pensamentos certos. Você tem segurança e significado em Cristo. Agora Ele quer que você dê um beijo em sua esposa, brinque com os filhos, testemunha a seus amigos, vá ao trabalho todo dia. Estes alvos são atingíveis e certos para o crente. Agora, faça-o”. Na linguagem do capítulo 1, “transpor-se” para a linha da obediência. Faça o que Deus espera porque Ele já lhe deu tudo o necessário para que você viva responsabilmente.

Um exemplo dramático disso foi-me reportado no escritório recentemente. Um homossexual viera em busca de terapia. Ele era cristão e desejava sinceramente tornar-se heterossexual mas sentia total falta de atração

para com as mulheres. Em muitos anos de casado, jamais tivera relações sexuais com sua esposa. Depois de ter gastado várias sessões repensando suas pressuposições básicas quanto a suas necessidades pessoais, e aprendendo a base bíblica para adequacia, eu disse a ele: “Chegou a hora. Você agora está pensando corretamente. Agora seu alvo é obediência a Deus. Primeiramente Coríntios 7 diz que você não deve privar sua esposa de sexo. O que Deus ordena. Ele capacita a fazer. Se você com responsabilidade se aproximar de sua esposa sexualmente, não com o alvo de ter prazer ou nem ainda de obter um desempenho adequado, mas de amá-la, você estará vivendo tão responsavelmente quanto pode. Portanto a sua tarefa para a semana é abordar sexualmente a sua mulher”. Na próxima consulta ele compartilhou com lágrimas nos olhos que ele dera um passo de fé (um conceito relevante não só para o missionário como também para o quarto do casal), e Deus o honrou. Pela primeira vez em sua vida ele teve um comportamento heterossexual e sentia que era um novo homem. Se ele tivesse tentado o sexo antes de mudar seu modo de pensar, ele teria se aproximado do ato conjugal num esforço de atingir significado. O medo do fracasso teria feito com que ele o evitasse ou tivesse um desempenho sem efeito. Mas com o pensamento mudado, ele se aproximou do leito nupcial não para tornar-se significativo, mas porque *ele já era significativo* – um mundo de diferença psicológica. Basta sobre mudança de alvos.

A experiência de *culpa* por vezes é o ponto de enfoque no esforço de um conselheiro por mudar as coisas. Bruce Narramore e Bill Counts escreveram um excelente livro sobre culpa da perspectiva cristã. Eles ressaltam que a culpa é uma emoção complexa que nem sempre se alivia por apelos simples ao perdão de Cristo. No meu modelo a *falsa culpa é o resultado de falha em alcançar um alvo inalcançável*. A cura mais uma vez deverá envolver uma mudança de alvos que requer mudança de pensamento.

Por outras vezes os conselheiros podem lidar diretamente com *ressentimento* (ou amargura). “Ponha para fora, expresse a sua raiva”. Ou talvez eles ajudem o cliente a identificar a circunstância bloqueadora responsável pela ira e auxiliem-no ou a mudar ou a aceitar o obstáculo. Nenhuma abordagem resolve o problema. Mais uma vez o problema verdadeiro é pensamento errado que levou a um alvo errado. Se um marido acredita que precisa de uma promoção no emprego a fim de ser signifi-

cativo, mas for passado para trás, é provável que ele tenha rancor da companhia. Pode, é claro, se culpar pelo fracasso mas muitas vezes a emoção do ressentimento estará por baixo desse castigo auto-infligido. Seu ressentimento é o produto de dependência colocada no lugar errado.

A ira é pecado se for uma reação ressentida contra alguém que ameaça nossas necessidades pessoais. Se for reação a uma erro moral de outro, a ira é santa e produzida pelo Espírito. Adams em seu Manual do Conselheiro Cristão tem uma secção útil sobre como lidar com a ira. Ele ressalta que existem duas reações erradas para com a ira: (1) internalizá-la e guardar um rancor silencioso, talvez até inconsciente. Efésios 4: 26 nos ordena não deixar o sol se por sobre nossa ira. (2) Externalizá-la, expressando sem controle a ira, de modo agressivo. (“O insensato expande toda a sua ira” (Provérbios 29: 11). Efésios 5: 18 nos diz para não sermos como bêbados, que desperdiçam o que Deus deu (“e não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução ou desperdício”). Por para fora em metralhadas violentas é um desperdício da emoção valiosa que é a ira. Pelo contrário, seja cheio do Espírito. Use sua ira como motivadora para fazer o que você pode, sob direção de Deus, para corrigir a situação produtora de ira. Esposa, se seu marido realmente a trata mal, fique irada. Expresse com honestidade como você se sente mas procure tornar-se um canal que Deus possa usar para mudá-lo. Seu alvo pessoal, porém não é mudar o seu marido. Se esse for seu alvo, você somará aos seus problemas a Ansiedade Básica. Seu alvo é submissão, alvo esse totalmente atingível. Sua oração é que Deus alcance o seu marido.

A *ansiedade* por vezes é o fator no nosso modelo que os terapeutas tentam mudar. Terapia através de drogas (tranquilizantes) e terapia comportamental (especialmente dessensibilização sistemática) são duas formas diretas de lidar com a ansiedade. Não tenho objeções ao uso de nenhuma das duas. No meu consultório, por vezes eu faço dessensibilização, especialmente para reações específicas de fobia ou problemas sexuais relacionados com ansiedade. Por vezes também recomendo medicação. Mas o conselheiro cristão que quer promover maturidade cristã jamais para aqui. Ele traça a ansiedade até um obstáculo no caminho para um alvo determinado por pensamento errado, uma crença de que algo diferente

de Deus e do que Ele escolhe prover, seja necessário para suprir necessidades pessoais.

Sintomas neuróticos podem ser tratados diretamente, mais uma vez com técnicas de terapia comportamental, mas o conselheiro cristão sempre procurará ver se está ajudando o cliente a alcançar a segurança. Se este for o caso, ele traçará novamente a razão pelo alvo de segurança e eventualmente voltará ao nível de crenças básicas.

O *desespero e um vago senso de vazio e inutilidade* (os elementos restantes do modelo) poderão ceder um pouco ao encorajamento, relacionado e apoio. Mas uma cura cristã incluirá novamente uma mudança de pensamento quanto ao modo de suprir as necessidades.

Devo ser óbvio, talvez ao ponto de ser repetitivo, que alcançar o alvo do aconselhamento (“transposição” e “para cima”) envolverá uma mudança no pensamento do cliente. O que estamos tentando mudar? É a crença de que precisamos qualquer coisa que não Deus e aquilo que Ele provê para suprimento de nossas necessidades pessoais de significado e segurança. Quando essa crença for mudada e o cliente estiver agindo com base em sua nova crença bíblica, ele estará a caminho do alvo de obediência e maturidade.

Capítulo 9

Um Modelo Simples de Aconselhamento

Nos capítulos 6 e 7 desenvolvi um modelo explicativo de como se desenvolvem os problemas. O capítulo 8 identificou os diversos elementos do modelo que podem ser modificados e sugeriu que o elemento central a ser mudado na pessoa, em qualquer aconselhamento verdadeiramente efetivo, é aquilo que ela crê que seja necessário para tornar-se significativa e segura. Usando o conceito desenvolvido até aqui como uma espécie de formação mental, uma tela através do qual se observa as pessoas, quero agora olhar uma série de sessões de aconselhamento. Talvez em outro livro eu dê mais detalhes de coisas tais como iniciar uma entrevista, como manter a conversa fluindo por linhas proveitosas, se o cliente deve ser chamado pelo primeiro nome, como lidar com casos específicos assim como suicídio por crises psicóticas, o que fazer com um cliente ultra inibido, quando evangelizar, como lidar com transferência, e assim em diante. Essas questões são importantes e podem fazer ou desfazer o sucesso do aconselhamento. É claro que são melhor ensinadas por modelos e supervisão direta. Mas antes de lidar com elas, os conselheiros precisam de uma estratégia ampla para todo o processo de aconselhamento. Este capítulo procura oferecer tal estratégia.

Antes de delinear o modelo de sete estágios que desenvolvi, quero primeiro falar sobre a abordagem geral do aconselhamento que para mim faz melhor sentido. Jay Adams tornou-se largamente conhecido por sua abordagem de confronto. Em sua insistência de que o seu modelo seja o único verdadeiramente bíblico, ele argumenta que a palavra grega *noutheteo*, que inclui a idéia de confronto verbal, diretivo e instrutivo, oferece o conceito fulcral do aconselhamento cristão. No capítulo 1

referi-me a Colossenses 1: 28 onde Paulo declara que ele “confronta *nouteticamente*” as pessoas num esforço por promover sua maturidade. Embora eu concorde com Adams que a maturidade cristã seja o alvo central do aconselhamento bíblico, não acho que a estratégia do confronto esgota todas as formas possíveis de alcançar o alvo — É certo que há vezes em que o confronto firme e forte é necessário e correto. Mas há outras ocasiões quando o apoio terno, encorajamento, escutar com atenção, a exploração de dinâmica interna, reflexão, esclarecimento, e a aceitação dos sentimentos são desejáveis.

Um modelo de confronto não é suficientemente amplo para cobrir todos os componentes do aconselhamento cristão efetivo. Paulo disse aos crentes de Tessalônica que confrontassem *nouteticamente* os desordeiros, as pessoas que obstinadamente resistiam as suas responsabilidades. Mas ele os instruía também a consolar as pessoas aflitas ou enfraquecidas de coração. A palavra grega para conforto ou consolo é *paramutheo* e significa literalmente “falar de perto”. Era usada para descrever uma expressão emotiva de apoio e amor sem o menor traço de repreensão confrontativa. Confrontar com rudeza uma pessoa abatida não seria apenas cruel como também bastante prejudicial. Paulo recomendou também que eles segurassem bem aqueles que estavam fracos. Parece que a idéia é que, por vezes, algumas pessoas precisam emprestar forças de outrem. Outros incentivos de levar as cargas uns dos outros apoiam a idéia de que o corpo local de crentes deve ser uma comunidade interdependente que incluía confronto, encorajamento, suporte, forte assistência, e certamente uma infinidade de outros comportamentos. Assim, o aconselhamento inclui muito mais do que o confronto e por vezes pode não incluir nenhum confronto. John Carter sugere que a palavra *parakaleo* e o seu cognato *paraklesis* oferecem um “modelo de aconselhamento muito mais adequado (do que *noutheteo*) da perspectiva bíblica”.¹ Ele ressalta que enquanto *noutheteo* e seus derivados ocorrem apenas treze vezes no Novo Testamento, *parakaleo* em uma de suas formas aparece vinte e nove vezes traduzidos como “conforto”, vinte e sete vezes como “exortar”, quatorze vezes como “consolar” e quarenta e três vezes como “rogar” (isto na versão inglesa King James). Ele também ressaltará o importante ponto que *paraklesis* está na lista de dons específicos para a igreja (Romanos 12: 8). Vine diz que *parakaleo* denota “chamar ao lado, portanto, chamar para ajuda. É usada para toda espécie de chamado para uma

pessoa a fim de produzir um esforço específico, portanto, com diversos sentidos tais como confortar, exortar, desejar, conclamar... (e) implorar ou rogar”.²

O conceito de vir em auxílio de várias maneiras dependendo dos problemas parece oferecer um modelo amplo e acurado de aconselhamento, talvez melhor do que a abordagem estreitas e limitadas do confronto. É verdade que os meus passos no aconselhamento incluem muitas oportunidades de confronto mas quero crer que eu me aproximo dos clientes não com a intenção principal de confrontar, mas de estar ao lado deles para ajudar. Nos meus esforços por ajudar, emprego uma variedade de atitudes de aconselhamento, que inclui também o confronto.

Porque creio que o aconselhamento inclui uma variedade de atitudes sem uma única estratégia comportamental unificadora como o confronto, não quero transmitir neste capítulo a idéia de que meu modelo de sete etapas seja algo mecânico, automático, abordagem “faça isso, pergunte aquilo”. Longe disso. O aconselhamento é relacionamento. Interações de relacionamento variam conforme o temperamento, problemas e personalidades das pessoas envolvidas. Com alguns adota-se um ar profissional, com outros uma atmosfera amigável e menos formal. Com alguns ensina-se diretamente, enquanto com outros faz-se caminhadas exploratórias. Alguns pedem que o conselheiro designe tarefas específicas comportamentais, enquanto que outros respondem sob encorajamento de mudanças amplas de afeto ou atitude.

Mesmo que o aconselhamento inclua uma gama diversa de ações, ainda assim é possível, creio eu, abstrair um plano básico de ação que o conselheiro, através de comportamento variados, possa seguir. O resto deste capítulo delinea a minha sugestão de um plano de ação.

A maioria das pessoas começa uma sessão de aconselhamento conversando a respeito de um sentimento (“sinto-me deprimido”), uma circunstância externa (“meu casamento está desmoronando”) ou um comportamento problemático (“fico tremendo cada vez que conheço outra pessoa”). O alvo inicial do conselheiro é descobrir quaisquer problemas emocionais que existam. Se o cliente começa compartilhando um sentimento, reflita, faça-o trazer a baila, compreenda, esclareça. Procure identificar se o sentimento é *ansiedade*, *ressentimento*, *culpa*, *desespero* ou um vago *senso de vazio*. Veja novamente o modelo no final do capítulo 7 e você notará que estas cinco emoções incluem as três principais emoções

problemas e mais dois sentimentos perturbadores experimentados pelas pessoas. Penso atualmente que todas as demais emoções negativas são nuances ou derivados destes sentimentos básicos.

Se o seu cliente começa discutindo as circunstâncias problemáticas, pergunte como ele sente em relação a essas circunstâncias. Mais uma vez o alvo é identificar qual o sentimento problema principal. Por exemplo, uma vez que se saiba que o cliente está fervilhando de ressentimento profundo, procure o bloqueio ao seu alvo, então defina o alvo, para então examinar seu comportamento orientado pelo seu alvo, e, finalmente, examine as crenças básicas que deram início às sequências problemáticas.

Se o problema que se apresenta é um sintoma ou um conjunto de comportamentos problemáticos, novamente tente identificar quais sentimentos precedem ou acompanham os sintomas. É importante passar através das principais áreas da vida com seu cliente, a procura de emoções problemáticas. Uma pergunta simples tal como “Conte-me sobre seu casamento” poderá conduzir a uma expressão clara de ressentimento. As áreas a mencionar nas perguntas iniciais incluem trabalho, família (casamento, filhos, pais, irmãos), atividade sexual, religião e áreas relacionadas com a igreja, instrução e dinheiro. Em cada situação você está a procurar de sentimentos problemáticos. Portanto, a primeira etapa do aconselhamento é: IDENTIFIQUE SENTIMENTOS PROBLEMÁTICOS.//

Rogers acredita que o aconselhamento trabalha principalmente no âmbito dos sentimentos e que não procura mudá-lo. Uma vez que o cliente expresse, compreenda e aceite suas experiências emocionais mais profundas, ele se sentirá bem e seus sintomas desaparecerão. É minha opinião que os sentimentos são um foco inicial necessário a fim de ajudar o conselheiro a traçar um caminho até as raízes do problema.

Uma vez que os sentimentos problemáticos são identificados, contudo, o conselheiro precisa passar a considerar os comportamentos orientados por alvos. A pergunta é “O que meu cliente estava fazendo quando experimentou o obstáculo que criou os sentimentos negativos?”. Adams ajuda-nos ao enfatizar que os conselheiros devam perguntar, como parte rotineira do aconselhamento, “O que você está fazendo” em vez de “Por que você se sente assim?”.

Um homem de meia idade relatou que sofria de ataques agudos de ansiedade. Ele disse que o primeiro deles aconteceu quando estava preen-

chendo papéis de uma proposta de emprego que pagasse mais. (A propósito é frequentemente útil perguntar quando o cliente lembra que sentiu qualquer que seja a emoção que você identificou na primeira etapa. Frequentemente se obtém um relato acurado e rápido do comportamento orientado por alvo que foi bloqueado). Mais perguntas a seguir, sustentaram a hipótese de que os ataques de ansiedade aconteciam sempre que ele estava envolvido em alguma espécie de promoção na empresa. Foi fácil identificar o alvo como sendo o de sucesso financeiro e a crença básica como sendo “significado é igual a dinheiro”. Muitas vezes a análise não é assim tão óbvia. Uma busca coerente de comportamentos orientados por alvos que, quando bloqueados conduziram à emoção problema, resultará geralmente numa identificação de modelos relevantes de comportamento.

Uma esposa exprimiu seu ressentimento para com seu marido (sentimento negativo). Este ressentimento era desencadeado cada vez que ele fazia piadinhas sobre a aparência dela. Durante anos ela procurara manter sua aparência atraente (comportamento racional orientado por alvo), a fim de ganhar a aceitação dele (alvo). Este insistentemente se deleitava em prosseguir com as piadinhas sobre alguma pequena imperfeição que ela tivesse na aparência. Por sua vez, ela começou a relaxar, numa tentativa irracional de fazer com que ele dissesse “Eu a amo sem ver ser você está atraente ou não” (comportamento irracional orientado por alvo). Como era de se prever, suas reações negativas aumentaram. Também como era de se esperar, ela nutria um ressentimento cada vez mais profundo, porque o obstáculo frustrante ao seu alvo era uma circunstância externa, seu marido. Agora seu relaxamento tornava-se uma expressão de ressentimento contra o marido, mas também uma fuga neurótica em direção à segurança. “Se eu deixar que fique relaxada e mal cuidada, então quando ele me rejeitar, poderei crer que se eu tivesse continuado a trabalhar em torno de minha aparência, ele finalmente teria me aceitado”.

Toda essa análise começa com a identificação do ressentimento e depois a procura do seu comportamento frustrado de orientação por alvo. A segunda etapa é, portanto, IDENTIFICAR COMPORTAMENTO ORIENTADO POR ALVO.)¹

Glasser, Mowrer, Szasz, no campo secular, e Adams no campo cristão, parecem focalizar seus esforços na mudança de comportamento.

Adams de maneira particular compara o padrão de comportamento (aquilo que eu chamo de comportamento orientado por alvo) com sua compreensão de modelos bíblicos de comportamento e então ordena mudanças. Porque ele parece crer que o comportamento certo (fazer obedientemente o que Deus ordena) é o único ingrediente chave para o crescimento espiritual e o antídoto para todo problema pessoal não orgânico, sua abordagem consiste em confrontar o cliente com o comportamento errado e exigir mudança pela autoridade da Escritura. Conforme declarei em meu primeiro livro, creio que a obediência seja absolutamente necessária para a vida cristã efetiva. Meu alvo de *transposição* no capítulo 1 nada mais é que simples obediência. E os conselheiros *noutéticos* oferecem material excelente sobre como alcançar esse alvo. Mas eles deixam de fora os “detalhes interiores” da pessoa que tem o comportamento. Para mim a parte importante do “interior” é o sistema de pressuposições da pessoa e sua avaliação das situações baseado nessas crenças básicas. Portanto creio que após a segunda etapa, o aconselhamento deve se dirigir para dentro, para explorar as atitudes e crenças do indivíduo.

A identificação, apenas, da crença básica errada causadora de problemas da pessoa, geralmente não é muito difícil. Depois de definir os sentimentos negativos, geralmente é óbvio o alvo errado que a pessoa esteve almejando. Quando se conhece o alvo, pode-se especificar um âmbito limitado de suposições básicas possíveis. Se o seu cliente esteve sacrificando tudo (tempo, saúde, família) para ganhar uma promoção na empresa, é provável que ele creia que seu significado dependa do prestígio, ou reconhecimento, ou talvez do dinheiro. A medida que o conselheiro sugere as várias suposições possíveis responsável por esta seleção de alvos, o cliente por vezes indicará qual delas cabe melhor através de um comentário como “É, é isso mesmo que eu acho”. Geralmente é sábio da parte do conselheiro certificar com precisão, qual é mesmo essa suposição básica de seu cliente. Comentários tais como “eu realmente penso assim” ou “Talvez seja isso mesmo, não tenho certeza mas pode ser”, “É claro que é possível”, por vezes são o argumento mais forte que o cliente irá oferecer.

Alfred Adler desenvolveu uma técnica chamada “Técnica de Lembrança mais Antiga” que muitas vezes é útil para se certificar da pressuposição básica. Nesta técnica você pergunta ao seu cliente “Diga-me a

primeira coisa de que se lembra, um incidente no qual você estava envolvido — um dia eu... — agora você termina a sentença”. Como o cérebro guarda todo evento num enorme banco de memória, existem literalmente milhares de eventos dos quais o cliente poderá selecionar um. Esta técnica é baseada no fato de que as pessoas se lembrarão de um evento que tenha significado especial na sua estrutura psicológica. Um acontecimento bem significado no grau em que é relevante às necessidades pessoais. Portanto, o evento recordado pela pessoa deve ter alguma relevância em relação àquilo que ela crê ser necessário para alcançar o seu alvo de valor pessoal. Detalhes da lembrança sugerem frequentemente a estratégia básica que a pessoa tenha adotado para alcançar esse alvo de valor pessoal.

Cabe aqui uma ilustração. Um homem de meia idade, quando lhe foi pedido para especificar sua lembrança mais antiga, relatou o seguinte:

Cliente: — Eu me lembro quando eu era menino de uns quatro ou cinco anos, num dia em que meu pai chegou bêbado em casa, o que não era raro, pois ele era alcoólatra de primeira. Ele nos disse que tinha sido despedido naquele dia e minha mãe gritou e xingou dizendo “Você não presta e não endireita *nunca*”.

Conselheiro: — O que você sentiu?

Cliente: — Eu senti raiva, medo, tudo. Mas lembro-me de que eu disse à mamãe que o papai era bom, que ele ia conseguir um emprego e pagaria as contas, mas ele nunca o fez.

Como adulto esta pessoa estabeleceu o costume de mudar de um a outro emprego. Ao primeiro índice de que as coisas não iam bem, ele desenvolvia reações agudas de ansiedade que davam-lhe razão para evitar o fracasso em potencial. Sua lembrança antiga oferecia um pista para a explicação do seu comportamento. Das palavras de sua mãe ele aprendeu que significado ou valor pessoal dependiam totalmente do sucesso no emprego. Do exemplo de seu pai ele aprendeu a temer as terríveis consequências do fracasso. Seu comportamento orientado por alvos foi bloqueado a caminho do alvo do sucesso pelo medo do fracasso. A emoção resultante (conforme explicamos no capítulo sete) era ansiedade. Porque a sua ansiedade era um instrumento de proteção daquilo que ele temia (perda de significado), seus sintomas de ansiedade lhe eram úteis e portanto foram reforçados. Esforços diretos de reduzir a ansiedade (dessensibilização, medicação, exortações de confiança no Senhor) teriam

passado de largo o âmago do problema — uma suposição básica errada quanto ao significado. A técnica de lembrança mais antiga foi útil para determinar qual era essa suposição básica errada. O estágio 3 portanto pode ser chamado simplesmente: IDENTIFIQUE PENSAMENTOS PROBLEMÁTICOS. }

Uma vez identificada a crença, começa o trabalho árduo. O próximo passo é convencer o cliente de alguma forma que o seu modo de pensar está errado e apresentar persuasivamente o caminho bíblico para suprir as necessidades pessoais (ver meu primeiro livro para uma explicação detelhada do caminho bíblico). Quando articulei pela primeira vez o conceito simples (e um tanto óbvio) de que minhas necessidades pessoais são plenamente supridas pelo Senhor e por aquilo que Ele escolhe prover, eu tola e entusiasmaticamente compartilhei essa percepção com meus clientes. Quando uma esposa reclamou que seu marido era frio, insensível e talvez estivesse mantendo um caso, compartilhei animadamente: “A Sra. sabia que não precisa de um marido que a ame? Sua necessidade de segurança pode ser totalmente suprida num relacionamento com Cristo”.

Fiquei desapontado com o estrondo de apatia que veio de encontro à minha grandiosa declaração. “Pois isso é bom, mas o que eu quero mesmo é que meu marido me ame”. Olhares incrédulos e céticos, bocejos de tédio ou concordância passiva junto com uma insistência para que prosseguíssemos às “questões importantes” exigiram que eu mudasse minha abordagem vergonhosamente ingênua. O ponto é que suposições ou crenças profundamente arraigadas não cedem facilmente à sugestão de novas maneiras de pensar.

Os psicólogos sociais escreveram muitos livros sobre o assunto de atitudes: O que é uma atitude? Como as atitudes se desenvolvem? As atitudes seriam principalmente afetivas ou cognitivas? Para os propósitos deste capítulo, permita que eu resuma a opinião de muitos psicólogos, definindo uma atitude como *uma suposição ou crença firmemente estabelecida, geralmente aprendida num clima emocional e portanto carregada de fortes componentes afetivos*. Em outras palavras, a *suposição básica* da pessoa de que ela tenha que ser bem-sucedida financeiramente para ter significado é mais do que apenas uma opinião acadêmica modificável por evidências contrárias ou instruções de alguma autoridade. Como dizemos na linguagem do cotidiano, a atitude é algo em que a

pessoa “realmente acredita”. Porque as crenças básicas são cridas emocionalmente, o aconselhamento profundo exige muito mais do que a simples identificação das suposições erradas e a declaração das alternativas bíblicas.

Quero delinear rapidamente algumas sugestões relevantes para a transformação de pensamentos errados em pensamentos certos.

1. Identifique onde foi aprendida a suposição errada

Quando um cliente vê que um conjunto particular de circunstâncias foi responsável por ensiná-lo essa crença atual, a crença torna-se menos rígida. Ele pode ver que sua fonte talvez não seja infalível. A discussão da correção de suas crenças é mais fácil quando o conselheiro pode mostrar-lhe onde ele as aprendeu.

2. Estimule a expressão das emoções que cercam a suposição/crença.

Em vez de discutir as suposições sobre valor pessoal de forma clínica e impessoal, o conselheiro deve ter o ouvido atento a quaisquer sentimentos associados com essa suposição. Quando o cliente declara “Preciso que ele me trate melhor para eu ser amada” a emoção acompanhante pode ser ressentimento (“Ele nunca vai me tratar melhor”) ou culpa (“Que será que tem de errado comigo que ninguém me ama?”). O conselheiro sensível refletirá quaisquer emoções que perceber a medida que conversar com o cliente sobre suas suposições básicas. A medida que o cliente se sente compreendido, ficará menos defensivo ao considerar a validade do seu modo de pensar.

3. Apoie o cliente enquanto ele considera modificar suas suposições.

Deixar de lado uma suposição há muito mantida é em si mesmo um processo ameaçador. Os clientes sabem que, se eles concordarem com o pensamento correto, o próximo passo será voltar às situações que anteriormente eram muito dolorosas. A resistência neste ponto muitas vezes é pelo temor compreensível de deixar um lugar seguro. Os conselheiros precisam oferecer encorajamento e apoio. Alguns terapeutas falam de “empréstimo de ego”. Paulo fala de dar suporte aos fracos em 1 Tessalonicenses 5: 14.

4. Ensine ao cliente como é que ele deve encher a mente: a “técnica de gravador”.

Frequentemente sugiro aos pacientes que eles considerem suas mentes como gravadores. Peça que eles escrevam em cartão 7 x 12 sua supo-

sição errada e em outro cartão peço que escrevam a proposição bíblica correspondente (e contrastante). Eles devem carregar estes cartões todo tempo. Quando se sentem chateados (ou culpados, ressentidos ou ansiosos), instruo-os a ler ambos os cartões e escolher “replay” no volume máximo a sentença bíblica. Admito que esta técnica seja mecânica, mas ela promove obediência à recomendação de Paulo em Filipenses 4: 8: “tudo que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento”. As sessões de aconselhamento frequentemente incluem conversa a respeito de que “fita” o cliente esteve tocando.

Depois que o cliente tiver tentativamente alcançado o novo pensamento e puder pelo menos reconhecer o erro de sua velha suposição, a 4ª etapa está completa. Como rótulo, pode-se chamar o estágio 4 simplesmente de MUDANÇA DAS SUPOSIÇÕES ou talvez CLARIFICAR O PENSAMENTO BÍBLICO. ⁴

A quinta etapa envolve um compromisso de ação baseado na nova suposição aprendida. Tocar a fita certa não basta. O cliente deve escolher agir de modo coerente com o seu conteúdo. Este passo é essencial. Como o pensamento certo é bastante frágil, a mudança de comportamento não fluirá automaticamente do pensamento mudado. Há necessidade de um compromisso firme, sem vacilar (mesmo que duro): “Está certo; concordo que este novo pensamento seja bíblico. Mesmo que eu não o *sinta*, escolho crer nele e comprometo-me a agir de modo coerente com ele, ainda que não *sinta vontade* de realizar o comportamento necessário”.

Muitas pessoas ficam “enrascadas” aqui. Quando eu lhes digo que devem *fazer* o que é coerente com o pensamento certo, tenham elas vontade ou não de fazê-lo, elas dizem com frequência: “Mas isso seria hipocrisia. Eu estaria apenas fingindo”. É completamente inválido este argumento. Verdade é que o comportamento contradiz os seus sentimentos, mas será que os sentimentos subjetivos deveriam ser o guia principal para o comportamento do cristão? Vivemos numa era de subjetivismo. “Seja autêntico”. “Seja você mesmo”. “Preciso ser eu”. Mas será que essa espécie de pensamento é bíblico?

Muito do cristianismo evangélico é centralizado no homem. Temos que voltar à posição centralizada em Deus, a que ensina que fazemos

o que Deus nos ordena quer *sintamos vontade* ou não. Por vezes eu *sinto* vontade de não ir ao trabalho. Mas ao *pensar* nisso, sei que eu devo trabalhar. O que deveria controlar o meu comportamento — como eu *sinto* ou o que eu *penso*? Nem sempre *sinto* vontade de obedecer a Deus. Muitas vezes *sinto vontade* de pecar. Sei, porém, o que é a *verdade* — que Deus me comprou que eu pertenço a Ele, que Ele é meu Senhor. O que deveria me controlar — como eu *sinto* ou o que eu *sei* é *verdade*?

O aconselhamento não pode progredir além deste ponto a não ser que o cliente comprometa (tão completamente quanto pode) a comportar-se de modo coerente com o que ele sabe ser a verdade, *não obstante seus sentimentos*. É neste ponto que a confissão dos pecados parece mais apropriada. Não só o comportamento errado (a manipulação do cônjuge, pecados sexuais, gênio descontrolado, ética duvidosa a fim de ganhar dinheiro) deve ser confessado, como também as emoções erradas (guardar mágoa contra alguém, por não agir do modo que você achava que deveria para com você) e pensamento errado (crer que Deus não seria suficiente para suprir suas necessidades).

Recentemente aconselhei uma esposa a fazer uma lista de todas as coisas que ela ressentia com relação a seu marido. Sua posição errada era simplesmente que ela precisava do amor dele para ser segura. Através dos anos em muitas ocasiões ele fora insensível, frio, e suas fraquezas provocaram ressentimentos nela. Sugeri que ela passasse pela lista e escolhesse perante o Senhor aceitar cada item, parando de magoar-se por ele ser aquilo que não deveria ser e por ele não ser aquilo que deveria ser. Disse a esta senhora também que deveria reconhecer e confessar este ressentimento como pecado. Feito isso, ela estaria em posição de comprometer-se a crer que seu marido não teria que ser diferente para que ela fosse verdadeiramente significativa e segura. Quando ela fez um compromisso de viver sobre essa premissa, a 5ª etapa estava completa. Talvez devamos chamar a quinta etapa de ASSEGURE UM COMPROMISSO.⁵

A sexta etapa dá prosseguimento lógico à anterior: planeje o que seu cliente deverá fazer de diferente, agora que seu modo de pensar mudou. O homem que mudava regularmente de emprego ao primeiro sinal de perigo de fracasso, estava pensando em deixar seu serviço atual quando me procurou para aconselhamento. Armado de uma nova maneira de pensar, certo de que seu significado não dependia do sucesso no empre-

go mas de ser responsável em seguir a direção de Deus, ele se comprometeu (com grande *aumento* de ansiedade) a ficar firme no emprego atual. Ele pensava de modo diferente, ele fez um compromisso de praticar a verdade, e então ele realmente *teve* de comportar-se conforme seu compromisso.

O entendimento atingido nos estágios 3 e 4 não se tornam realmente parte da pessoa até que ela comece a agir baseado neles. O crescimento cristão pode ser definido tecnicamente (talvez um pouco mecanicamente) como o processo pelo qual o entendimento (“insights”), compreendido pela mente consciente, permeia a mente refletiva, onde as crenças básicas estão mais profundamente arraigadas. O progresso de meramente *concordar* com a verdade para uma *concordância plena e profunda* com a verdade, depende de um *comportamento coerente com a verdade*. Paulo sugere essa idéia de dois passos progressivos na compreensão da verdade quando exorta Timóteo a continuar naquilo que aprendeu (primeira etapa) no qual foi confirmado (segunda etapa). Aprendemos muitas verdades, mas como é que nos convencemos plena e profunda e inabalavelmente delas? Jesus prometeu que Ele se revelaria de modo pleno, abundante e pessoal àqueles que conhecessem os Seus mandamentos e os *obedecessem*. “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele” (João 14: 21). Sua idéia parece ser que podemos entender a verdade em nossa mente consciente, insistindo obstinadamente em sua exatidão, mas quando nós agimos baseados nela (que ocorre quando nós o amamos), então viremos a conhecer a verdade como realidade vital e pulsante. Jesus Cristo, que é a Verdade, torna-se conhecido a nós de modo pessoal e cada vez mais plenamente, enquanto continuamos a agir coerentes com a verdade em que cremos. A prática da verdade tira essa verdade do âmbito abstrato de meras declarações decoradas, transportando-a para o âmbito de profunda convicção e certeza.

Ilustrando, uma senhora tinha desenvolvido o hábito de responder às pessoas que a criticavam com palavras ásperas. Juntos concluímos que sua suposição básica errada envolvia a idéia de que sua segurança dependia de sempre ser apreciada por seus esforços. Porque era de temperamento naturalmente agressivo, ela aprendera a expressar pela ira a insegurança e o sentimento ferido pela crítica. Concordamos pelo aconselhamento que na próxima vez em que ela fosse criticada, ela imedia-

tamente começaria a tocar a “fita” bíblica: “Jesus me ama portanto estou segura sendo ou não alvo de críticas”. Na força de um compromisso de agir coerente com esta declaração, ela concordou em não retrucar mas responder com brandura na próxima vez que fosse criticada. Como já mencionamos, uma objeção básica a esse procedimento neste ponto é “Mas isso seria hipocrisia da minha parte, ser amável quando minha vontade é de retribuir com um soco na cara”. A resposta, simples, é: “Sim, seria totalmente hipócrita para com seus *sentimentos controlados pela carne* mas bastante coerente para com sua *crença dirigida pelo Espírito*. Se agir conforme os sentimentos, estará sendo hipócrita para com aquilo que declara crer”.

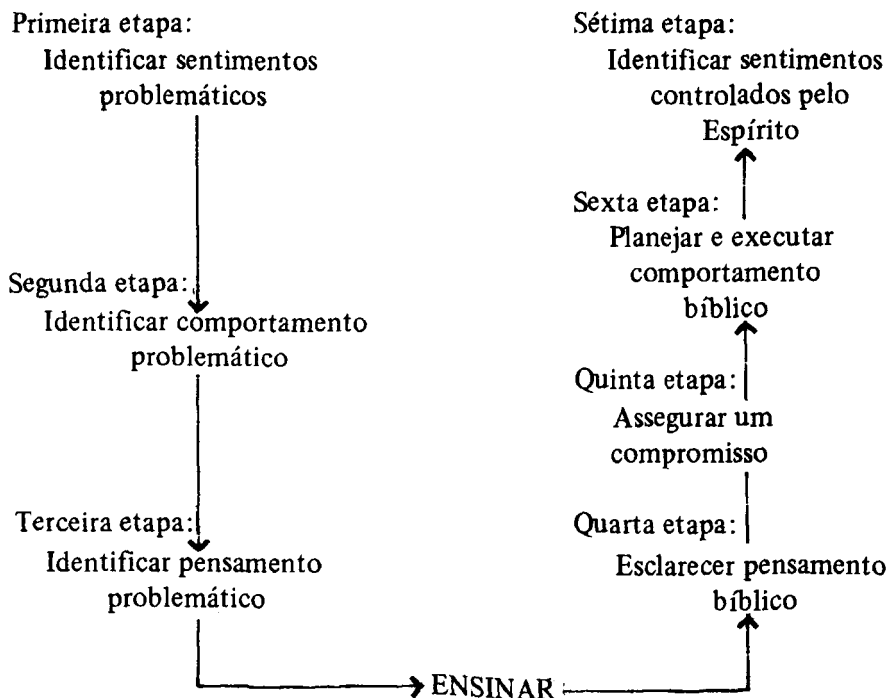
Mais tarde ela disse que ao seguir essa instrução, ela sentia que era mecânico e irreal, como se estivesse fazendo um jogo. Mas depois de algum tempo ela começou a *sentir* um pouco melhor em relação a si mesma. Seu dia não ia tão mal como antes. Até mesmo sorriu com a idéia de que talvez o amor de Jesus pudesse tornar-se realidade nela. Sua experiência foi uma ilustração viva de João 14: 21 — fazer o que a verdade exige e Cristo pouco a pouco torna-se mais real para você. A ordem não varia: primeiro os *fatos*, (uma mente renovada), depois a *fé* (fazer o que sugerem os fatos), e então os *sentimentos* (os fatos tornam-se experimental e subjetivamente reais).

Interessante é observar psicólogos seculares desenvolvendo uma versão desespiritualizada deste princípio. Leon Festinger escreveu extensivamente sobre a teoria da dissonância cognitiva. Ele sugere que quando dois cognatos (duas crenças ou dois eventos mentais) são dissonantes ou se encontram em oposição, aquele que for reforçado por comportamento coerente com ele tornar-se-á mais forte. Em outras palavras, com o tempo eu terei a tendência de crer mais profundamente nas suposições coerentes com o modo com que me comporto. Mateus 6: 33 ensina que Deus suprirá nossas necessidades materiais se procurarmos primeiro a Sua justiça. Dois cristãos declaram concordar com este versículo inspirado. Cinco anos mais tarde aquele que agiu baseado nele, dando regular e generosamente ao trabalho do Senhor está plenamente convencido da exatidão daquele versículo, enquanto o outro que tem dado com parcimônia ainda diz crer mas não está muito convencido disso. *A cura para a dúvida é a obediência*. A sexta etapa inclui um delineamento dos atos específicos de comportamento que são coerentes com a verdade apren-

dida nas etapas 3 e 4. “Se você *precisa* que seu marido pare de beber para que você esteja segura, você *não pode* aceitá-lo *genuinamente* quando ele bebe. Se você *não* precisa que ele pare de beber, se tudo de que você precisa para segurança for o Senhor e o que o Senhor escolhe prover, então *poderá* aceitá-lo com autenticidade quando ele bebe, mesmo que você possa expressar seu desapontamento e desejo profundo de que ele mude. Esta semana, não importa se você sente o odor de bebida no hálito de seu marido ou não, (mas especialmente se o perceber), expresse sua preocupação quanto a bebida mas continue a agir com brandura, aceitando-o como ele é. Ao fazer assim, você passará a reconhecer mais profundamente que pode ser mulher segura e íntegra, independente dele beber, porque você tem tudo de que precisa em Deus e no que Ele oferece por Sua vontade”. A sexta etapa pode ser rotulada: **PLANEJAR E CUMPRIR O COMPORTAMENTO BÍBLICO.** 6

A Etapa nº 7 é simplesmente a identificação da falta de sentimentos ligados ao pecado, em presença de sentimentos espirituais” (conforme mencionei antes, poderão incluir muitas emoções dolorosas). O desenvolvimento de um senso de quietude, unidade e paz é uma experiência gratificante e asseguradora. O conselheiro deve procurar esta evidência da obra do Espírito na vida do cliente e garantir que esta é notada e gozada. Muitos crentes têm a experiência de “sentirem-se muito bem” quando estão permanecendo conscientemente em Cristo, e experimentam “sentir que “alguma coisa está errada” quando se encontram fora de comunhão. A sétima etapa reflete sobre aquele senso maravilhoso de maior ajustamento que segue a renovação da mente (4ª etapa), compromisso (5ª etapa) e obediência (6ª etapa). Podemos chamar esta etapa final de: **IDENTIFICAR SENTIMENTOS CONTROLADOS PELO ESPÍRITO.** 7

Em forma de diagrama o modelo de aconselhamento desenvolvido neste capítulo fica assim:



Notas

¹John Carter, "Adams' Theory of Nouthetic Counseling" *Journal of Psychology and Theology*, vol. 3, nº 3, 1975.

²*Expository Dictionary*.

QUARTA PARTE: O DESENVOLVIMENTO DE UM PROGRAMA DE ACONSELHAMENTO NA IGREJA LOCAL

10. ACONSELHAMENTO NA COMUNIDADE CRISTÃ

11. APÊNDICE DE GRÁFICOS

Capítulo 10

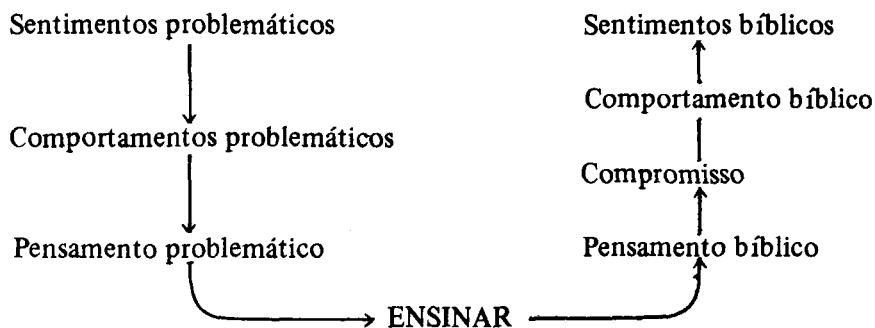
Aconselhamento Dentro da Comunidade Cristã

Em anos recentes a necessidade de aconselhamento tem incentivado estudos sérios sobre o paraprofissional como conselheiro. O conceito de conselheiros não profissionais treinados tem se alastrado entre pessoas para quem a idéia de “aconselhamento” exerce certa fascinação e apelo, mas que se esquivam ante o prospecto de mais tempo de estudo. Especialmente nas igrejas, o trabalho em grupos e aconselhamento entre pessoas na mesma situação cresce de modo epidêmico, tomando forma em encontros de casais, treinamento de sensibilidade interpessoal, análise transacional, e outros métodos. Infelizmente, muitos que são atraídos ao papel de conselheiros são pessoas inseguras, atraídas pela chance de intimidade instantânea; alguns são atraídos pela aparente posição de autoridade; outros acham pessoalmente realizador o título de “conselheiro”. Muitas pessoas inconscientemente esperam vencer seus próprios complexos sem se expor à posição de aconselhando.

Com entusiasmo restrito por alguma consciência dos problemas envolvidos, eu visualizo o desenvolvimento do aconselhamento realizado pelos membros da própria igreja, significativo dentro da igreja local. Quando estiver funcionando de modo bíblico, o Corpo de Cristo oferece às pessoas todos os recursos necessários para que elas se apropriem de significado e segurança em Jesus. Mas não devemos pensar que as oportunidades de ministrar (suprindo necessidades de significado) e comunhão (suprindo necessidades de segurança) seriam automática e entusiasticamente agarradas por todo crente, ou claramente compreendidas como relevantes às suas necessidades básicas. Modelos sutis de comportamento pecaminoso e uma persistente, se bem que silenciosa, abordagem errônea para com a vida, continuarão a funcionar apesar de um compromisso consciente e sincero. O coração é enganoso. Por vezes crenças erradas permanecem obstinadamente até que sejam expostas à clara luz

da consciência. O aconselhamento individual muitas vezes é necessário para enfrentar tais problemas. Paulo lembrava aos cristãos de Tessalônica que ele trabalhara com cada um individualmente num esforço por conduzi-los à maturidade espiritual (1 Tessalonicenses 2: 11). A igreja local precisa assumir a responsabilidade pelo cuidado individual e pessoal de cada membro. É óbvio que nenhuma equipe pastoral poderá lidar adequadamente com as necessidades pujantes de atenção e preocupação individual dentro do Corpo. Nem deveria tentar. A tarefa pertence aos membros do corpo local.

O modelo de aconselhamento desenvolvido no capítulo 9 oferece base natural para a definição de três níveis de aconselhamento que podem ser integrados de modo equilibrado e belo dentro da estrutura da igreja local.



Dentro deste modelo simples porém, creio eu, compreensivo, pode-se identificar três níveis de aconselhamento.

Aconselhamento por:

Nível I	Sentimentos problemáticos	ENCORAJAMENTO	Sentimentos bíblicos
Nível II	Comportamentos problemáticos	EXORTAÇÃO	Comportamento bíblico
Nível III	Pensamentos problemáticos	ESCLARECIMENTO	Pensamento bíblico

Minha proposta é a seguinte: todos os membros do corpo de Cristo podem e devem se envolver no aconselhamento de primeiro nível. Alguns membros do Corpo (por exemplo, presbíteros, pastores, diáconos, professores de escola dominical, outras pessoas espiritualmente responsáveis e maduras) podem ser treinadas para fazer aconselhamento em nível II. Alguns indivíduos selecionados poderiam ser equipados para lidar com problemas mais profundos, insistentes e complicados no aconselhamento a nível III. Se desenvolvido corretamente, minha esperança otimista mas talvez realista, é de que toda necessidade de aconselhamento (exceto aquelas que incluem problemas orgânicos) poderia ser suprida dentro da comunidade da igreja.

Nível I: Aconselhamento por Encorajamento

Você já escutou a conversa entre duas pessoas enquanto esperam o início da aula na escola dominical?

- Olá Sara, que bom vê-la!
- Oi, como vai, Patrícia?
- Muito bem obrigada, e você?
- Tudo bem, fora a gripe que o Guilherme pegou.

— É mesmo? Espero que ele logo fique bem. A minha Susie teve febre uma noite na semana passada. Tem muita gente ficando doente nesses dias.

- É verdade — olhe, aí vem o professor. A aula já vai começar...

A maioria de nós já está acostumado a essa espécie de conversa a ponto de considerá-la normal e denominá-la comunhão ou fraternidade cristã. Contudo, lá no fundo, onde ninguém vê e onde não permitimos que entrem, estamos profundamente feridos. Alguém na sua classe está ferida por um marido que bebe, uma filha rebelde que é provavelmente imoral, uma conta bancária cada vez menor, um emprego em perigo, um casamento indo a pique, um desejo sexual pervertido que enche a mente de fantasias bizarras enquanto cantam “Santo, santo, santo”, ou sentimentos de vazio ou de culpa para os quais a morte parece ser um alívio bem-vindo, e assim por diante. As pessoas em nosso mundo corrompido pelo pecado estão feridas, e mortalmente feridas. Contudo, frequentemente nossa interação dentro da comunidade cristã, de pessoas com quem compartilhamos a unidade profunda de ser membros comuns do corpo de Cristo, são casualmente amigáveis, sinceros mas superficiais, e

totalmente triviais. Todos os domingos nós apertamos a mão de pessoas que estão caindo aos pedaços e nunca ficamos sabendo de nada até que desmoronem por completo.

A maioria das pessoas que experimentam angústia pessoal, poderia ser ajudada tremendamente se houvesse interesse caloroso e genuíno por elas. Quando eu me sinto amado, meus fardos parecem mais leves. A certeza de que sou amado, me oferece força para enfrentar os problemas e me capacita melhor para crer num Senhor amável. Um Corpo que ama dá-me um senso legítimo de segurança, enquanto medito na verdade maravilhosa de minha unidade com outros crentes, tornando possível pelo ato supremo do amor de Jesus. A realidade da família que possuo em Cristo deixa sobre mim uma marca indelével. Recentemente falei para um grupo de solteiros, pessoas divorciadas ou que nunca se casaram. O maior problema deles, disseram, era a solidão: ninguém com quem compartilhar a vida, nenhuma família. Ao conversar com eles sobre a situação, eu me sentia um tanto como um obstetra homem, que dissesse à mulher como seria dar à luz um bebê: observo o fenômeno frequentemente, mas nunca o experimentei. No entanto o conceito que compartilhei é bíblico e portanto válido, não obstante minha falta de experiência na vida de adulto solteiro. O conceito é o seguinte: a única família eterna é a de Cristo; nossas famílias naturais, pelo nascimento ou casamento, são temporários e ilustrativos. Nossa família celestial (que existe agora mesmo) é eterna e profundamente substancial. É necessário praticar essa verdade nas igrejas de muitas formas, inclusive por apoio mútuo em amor. Isto é aconselhamento em nível I. O *aconselhamento por encorajamento* depende de uma percepção das emoções dolorosas num membro da família, com esforço sincero por compreendê-las, proveniente de uma atitude compassiva e compreensiva para com a pessoa ferida.

Talvez o conselheiro de nível I tenha consciência inicial do problema, notando que seu irmão (ou sua irmã) está mais quieto que o usual, um pouco distante ou forçado na sua conversa, talvez deprimido ou indefinível mas obviamente diferente do usual. Impulsionado por compaixão e um desejo de comunicar o amor de Cristo, ele procuraria uma oportunidade de encorajar, de levar um diálogo significativo que objetive a ajuda ao próximo. Devo mencionar rapidamente um cuidado importante: acautele-se para que você não venha a ser do tipo “meloso” que como um cachorrinho transmita uma atitude de “deixe que eu lamba a ferida”. Não

há nada mal com conversa amigável superficial, desde que você seja capaz de mudar para um nível mais pessoal se a situação o requer. Nada parece mais ofensivo do que um pretenso conselheiro bem intencionado à procura de uma vítima em desespero. Não estou sugerindo que *criemos* oportunidades de aconselhamento, mas que nos sensibilizemos àquelas oportunidades válidas que cruzam nosso caminho.

Enquanto falamos de cautela, permita-me outra sugestão. Algumas pessoas são agarradoras de simpatia, por vezes não intencionalmente, mas bastante ansiosas por atenção. Um olhar desalentador, um tom deprimido, um grave e heróico encolher dos ombros e um sorriso forçado se bem que carregado — essas manobras muitas vezes são feitas para atrair simpatia ou mesmo dó. Fico plenamente enojado quando me pego orando em público com tons que comuniquem profundidade espiritual e brilho teológico ao invés de simplesmente me expressar ao Pai. Se você acha que nunca foi culpado de tal atitude infantil, estou tentado a recomendar brandamente que faça uma auto-análise mais sensível. Todos nós gostamos de produzir um efeito, de criar uma impressão, de provocar atenção favorável. Conselheiros de nível I devem tomar cuidado com aqueles que parecem sempre chamar ou exigir atenção por exposição sutil ou aberta de suas preocupações sem fazer esforços responsáveis por resolver seus problemas. Tais pessoas precisam menos de encorajamento e mais exortação (aconselhamento nível II).

Tendo estes cuidados em mente, continuemos, ilustrando como o aconselhamento em nível I pode funcionar. Presuma que você observe que um amigo parece um tanto triste durante a aula de escola dominical. Você não tem idéia clara das circunstâncias que podem estar pesando sobre ele. Lembre-se de que aquilo que lhe parece um semblante triste, pode ser de fato a expressão observável de um forte caso de indigestão, devido a excesso de café pela manhã. Talvez sua primeira resposta à situação seja uma simples oração: “Senhor, se quer me usar na vida dele como irmão encorajador, estou disposto. Faz-me sensível sem tornar-me intruso”. Não seria uma maravilha se os cristãos normalmente buscassem oportunidades de encorajar? Metade da batalha no desenvolver aconselhamento a nível I na igreja local é de estimular uma atitude contínua de ajuda em cada membro para com o próximo.

Voltando ao nosso exemplo, depois que acaba a aula você vai em direção ao amigo e oferece um cumprimento caloroso mas simples.

— Prazer em vê-lo. Como vão as coisas?” Não comece com “Você está com um aspecto terrível. O que está acontecendo?” a não ser que conheça bem a pessoa em questão e possa ter certeza de que ela aceitaria sua inquisição pessoal. Se a pergunta inicial for motivada por interesse e amor genuíno e não por “colocar o nariz em negócios alheios” ou mera cortesia, é possível que a resposta contenha alguma indicação de um problema *se este existe realmente*. Mais uma vez, pode ser que o problema se resolva com um “Sonrisal”.

Talvez seu possível “cliente” responda com “Este não é um dos meus bons dias mas vou melhorar, obrigado, e você, como vai?” Suponhamos que você perceba um tom de desânimo na voz e no jeito de seu amigo. O que um conselheiro de nível I diz aqui? Penso no que *você* diria. Lembre-se tudo que você objetiva é compreensão e expressão de amor, reforçando a verdade libertadora de que o amor de Cristo é plenamente suficiente para suprir nossa necessidade de segurança. As seguintes respostas são exemplos típicos do que NÃO se deve dizer.

1. “Bem, todos nós temos dias assim”. Esta resposta acaba com a conversa não levando a pessoa a sério ao ponto de evitar chavões sem significado.

2. “Não é bom sabermos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem?” As verdades espirituais oferecidas levemente como uma panacéia instantânea, têm o efeito de empurrar sentimentos dolorosos para baixo da superfície, onde permanecerão sem serem resolvidos e frequentemente produzirão problemas psicológicos (“se todas as coisas cooperam para o bem, então eu não deveria estar nervoso; vou fingir que não estou”).

3. “Espero que as coisas melhorem. Tenho certeza de que vão melhorar”. Não há comunicação de interesse na pessoa. A esperança cristã, é apresentada como votos vazios de bem-estar, totalmente sem conteúdo ou fundamento.

4. “O que é que há?” Se você conhece bem a pessoa, esta poderá ser uma boa resposta, mas mesmo então ela é provavelmente direta demais. A maioria das pessoas não estão prontas a revelar rapidamente os conflitos significativos. Uma pergunta direta como esta poderá assustar a pessoa, e fazê-la retrair-se com uma resposta superficial, tal como “Ah, nada, pelo menos nada que um bom almoço não cure”.

5. “Os negócios não vão bem?”. Antes de saber onde está o problema, a introdução de uma possível área específica de problemas, nada mais é que adivinhação e tende a fazer com que você pareça insensível. Mesmo que você tenha razão de crer que a preocupação envolve os negócios de seu amigo, é melhor dar a ele a oportunidade de especificar o conflito exato.

Os conselheiros de nível I jamais deverão oferecer respostas “enlatadas”. Conselheiros principiantes muitas vezes encobrem seu nervosismo, por trás de uma série de frases ou sentenças apropriadas que pareçam inteligentes. Uma vez eu disse a um aluno de psicologia prática para começar sua resposta ao cliente com as palavras, “Você sente que...” a fim de desenvolver no conselheiro o senso de empatia. Na próxima sessão gravada ele começou *toda* sentença com aquelas “palavras terapêuticas”, mesmo que elas não coubessem. Num dado momento, o cliente perguntou, “Que horas são?” Ele respondeu conforme “devia”: “Você sente curiosidade quanto às horas”. Nada arruina mais o aconselhamento do que uma contradição da naturalidade através do uso de uma técnica artificial, forçada, programada para interação. O conselheiro deve, mesmo quando utilizando uma técnica de terapia comportamentista como dessensibilização sistemática, ser autêntico. As poucas sentenças sugeridas abaixo, são apenas para apontar o leito numa direção amplamente apropriada. As palavras tem que ser as suas próprias.

Respostas como as seguintes podem transmitir a atitude “Estou aqui, estou escutando; eu me importo”.

“Parece que você está um tanto desanimado”.

“Não está se sentindo tão bem como gostaria, não é?”.

“Você se sente um pouco sobrecarregado hoje”.

Se seu “cliente” considera que mesmo estas respostas amenas sejam uma ameaça (alguns sentirão assim — estas reflexões podem estar tocando um imenso reservatório de emoções doloridas), talvez ele recua negando os sentimentos: “Não, não tenho nada. Estou bem”. Mais uma vez considere a possibilidade de que ele realmente não se sinta tão mal. Nesse caso você perde um cliente e ganha um encontro leve de comunicação. Ou ele não está profundamente ferido e não precisa que você ministre, caso este em que nenhum mal foi feito e de fato algo positivo provavelmente tenha acontecido (a apresentação de você mesmo como irmão que se importa com ele, poderá dar oportunidades de ajuda em outra ocasião),

ou ele desejaria muito de-
sente seguro para fazê-lo.
que se importa pode resul-
mo domingo, com esperan-
oasião.

Se a pessoa se abre,
mesma: comunique inter-
"O que eu poderia dizer
se sentem pressionados a
mento "nível I" oferece
Em outros capítulos dese-
seja uma atitude profun-
comigo". Não pense no
municiação de amor. Não
humano. Continuar a refl-
cional que seu irmão cris-
por vezes revolucionário.
sugira que procure algué-
rer algum bom conselho,
outra fonte de ajuda, faça-
duo que sofre oferecerá o
com sucesso o problema
que ele estiver experimentando.

O seguinte diálogo é
de aconselhamento neste
Haidée: — Kátia, por
fácil ser submissa a ele.

Kátia: (Gostaria de per-
deixarei que ela saiba que
dizer. Talvez eu possa ajude
sando por uns maus pedaços.

Haidée: — É duro, Kátia,
temos com nosso filho Pedro,
com grosserias o tempo todo.
gas e Jorge recusa até mes-
mo falar sobre o assunto.

Kátia: (Gostaria de
— parece mesmo que está
tar o ressentimento que
ela tem. Mas sei que ela está passando

ou ele desejaria muito desabafar com alguém mas no momento não se sente seguro para fazê-lo. Mais uma vez, o estabelecimento como pessoa que se importa pode resultar em uma procura, por parte dele, no próximo domingo, com esperança de compartilhar seus problemas naquela ocasião.

Se a pessoa se abre, sua responsabilidade permanece basicamente a mesma: comunique interesse e empatia. Tantas pessoas se perguntam “O que eu poderia dizer para ajudar? — não sou conselheiro”. Outros se sentem pressionados a resolver o problema de imediato. Aconselhamento “nível I” oferece o poderoso ingrediente da verdadeira aceitação. Em outros capítulos desenvolvi o conceito de que a segurança frustrada seja uma atitude profundamente sentida de que “ninguém se importa comigo”. Não pense no aconselhamento a nível I como “apenas” a comunicação de amor. Não há nada “apenas” na aceitação de outro ser humano. Continuar a refletir calorosamente e a envolver-se na dor emocional que seu irmão cristão compartilha, terá um efeito poderoso e por vezes revolucionário. Não ofereça rapidamente “conselhos” e nem sugira que procure alguém. Fique por um pouco e escute. Se lhe ocorrer algum bom conselho, ofereça-o. Se parece apropriado conduzi-lo a outra fonte de ajuda, faça-o. Em muitos casos, a sua aceitação do indivíduo que sofre oferecerá o fundamento sobre o qual ele poderá resolver com sucesso o problema que ele estiver experimentando.

O seguinte diálogo é um exemplo de uma tentativa bem-sucedida de aconselhamento neste nível. Duas mulheres estão almoçando juntas.

Haidée: — Kátia, por vezes eu me frustro tanto com o Jorge. Não é fácil ser submissa a ele.

Katia: (Gostaria de perguntar o que há de errado mas simplesmente deixarei que ela saiba que estou escutando e verificarei se ela quer me dizer. Talvez eu possa ajudar como boa ouvinte). — Parece que está passando por uns maus pedaços.

Haidée: — É duro, Kátia, pois ele não quer enfrentar o problema que temos com nosso filho Pedro. Pedro anda faltando as aulas e responde-me com grosserias o tempo todo. Tenho certeza de que ele está usando drogas e Jorge recusa até mesmo falar sobre o assunto.

Kátia: (Gostaria de concordar com ela como o Jorge está errado — parece mesmo que está falhando como pai — mas isso poderia aumentar o ressentimento que ela tem. Mas sei que ela está passando por um

mau pedaço). — Então ele não quer enfrentar a situação? Deve ser frustrante para você.

Haidée: — Realmente é. Até que ponto mesmo a gente tem de ser submissa? Posso ficar olhando enquanto meu filho cai no precipício até que meu marido resolva agir?

Kátia: (É uma pergunta difícil. Gostaria de dizer-lhe para dar um tiro no marido, mas isso não me parece uma solução bíblica. Realmente não sei o que ela deveria fazer. Talvez eu possa encorajá-la deixando que ela saiba que eu também compartilho um pouco da confusão que ela sente). — Isso me deixa confusa também. Às vezes é difícil entender exatamente o que Deus deseja que façamos.

Haidée: — Você vê, é horrível quando a única hora em que Jorge fala com Pedro é quando ele grita com ele. Eu não agüento. Ele me deixa tão zangada...

Kátia: (Ela já está muito ressentida e prestes a explodir. É melhor que eu ajude a ver como ela está amarga). — Haidée, ao ouvir o que você diz, fico confusa quanto ao que você deve fazer. Mas parece que você está ficando bastante amargurada com o Jorge.

Haidée: É, confesso que estou mesmo. Mas você também não estaria?

Kátia: (Agora ela está tentando justificar a sua amargura. Se eu puder ajudá-la a enxergar-se, talvez ela possa enfrentar o que está acontecendo). — Haidée, será que você não estaria sentido culpa por ficar tão ressentida e agora tentando justificar a sua amargura?

Haidée: — Acho que sim, mas está difícil.

Kátia: (Esta não é a hora de repreendê-la. Ela precisa enfrentar sua ira e compreender melhor o que seja a submissão, mas não tenho certeza de ter todas as respostas. Vou referi-la a um conselheiro nível II na nossa igreja. No momento darei a ela a aceitação amorosa de que ela tão profundamente necessita para passar por isso). — Deve ser mais difícil do que eu poderia imaginar, Haidée. Estou realmente preocupada com essas coisas complicadas; certamente você está doente por dentro. Talvez você precise ver exatamente como a Escritura ensina a lidar com situações dessa. Por que não deixa que eu telefone para o Filipe Kern da igreja e marque uma hora para você conversar com ele. Ele conversa com muitas pessoas em nossa igreja sobre como lidar com situações difíceis como a sua, e de modo bíblico.

Frequentemente o aconselhamento por encorajamento oferecerá a força necessária para fazer o que é obviamente o certo. Por vezes, como no exemplo acima, será necessário o Aconselhamento por Exortação. Se a Kátia sentisse confortável ao mudar para o nível II, ela mesma poderia ter lidado com o problema. Se ela realmente não estivesse certa do que seria o comportamento bíblico, então referir-se a um conselheiro mais experiente, de nível II, seria apropriado.

Nível II: Aconselhamento por Exortação

O livro de Juízes termina com uma frase que explica os muitos problemas experimentados pelos israelitas: “cada um fazia o que achava mais reto” (Juízes 21: 25). É importante notar que essas pessoas pensavam estar lidando corretamente com seus problemas. O comentário do Senhor quanto ao comportamento que eles demonstravam era “Os filhos de Israel tornavam a fazer o que era mau perante o Senhor” (Juízes 13: 1). Eles criam sinceramente estar certos. Deus declarou que eles eram maus.

Tantas vezes as pessoas respondem a uma circunstância problemática de modo que parece fazer sentido. Como o coração é enganoso, é possível ser conscientemente sincero e no entanto totalmente errado. Rogers ensina que o guia infalível para o comportamento produtivo e integrativo seria o conjunto pessoal de “avaliação viscerais orgânicas”. Em linguagem mais simples, Rogers aconselha as pessoas a fazer o que está certo a seus olhos, a confiar nas suas reações mais íntimas, como um compasso válido para delinear o seu curso comportamental. Se você sente vontade, faça-o! Como isso é totalmente contrário à Bíblia! Os cristãos não devem colocar sua confiança final em qualquer espécie de experiência e sim na revelação proposicional da Escritura. Um cliente meu, cristão professo, debatia se deveria abandonar sua esposa. Nossa conversa foi assim:

Cliente: — Realmente não sei como me sinto quanto a isso. Talvez eu devesse deixá-la; talvez eu fosse mais feliz, simplesmente não sei.

Conselheiro: — Você parece um tanto confuso nos seus sentimentos. O que você entende que Deus está dizendo que você faça?

Cliente: — É difícil entender. Por vezes sinto que Ele me diz “Por que continuar nessa vida miserável, saia e goze um pouco a vida” e em outras vezes eu não sei.

Conselheiro: — Deus falou claramente sobre o assunto na Bíblia. Ele diz para não separar o que Ele uniu. Ele proíbe o divórcio exceto em casos de adultério e abandono, o que não é o seu caso.

Cliente: — Mas eu simplesmente não sei o que sinto.

Conselheiro: — Você não vê que como cristão como você se sente realmente não tem relevância para com sua decisão? Deus já disse o que Ele quer que você faça. A questão agora é somente se você escolhe obedecer a Deus ou não. Se você escolhe obedecê-lo, eu me esforçarei por ajudá-lo a agir de modo bíblico para com sua esposa, e os sentimentos seguirão.

Cliente: (num estouro de raiva) — Espere aí. Por que eu deveria fazer o que um livro que foi escrito 2000 anos manda que eu faça?

Sua reação é bastante típica, creio eu, da atitude de muitas pessoas para com as Escrituras. Francis Schaeffer expressou-se dizendo que hoje em dia nosso maior campo de batalha *dentro dos círculos evangélicos* está na autoridade das Escrituras. O aconselhamento bíblico tem que ser exatamente isso — bíblico. Precisamos de direção autoritativa para lidar com as complexidades abundantes e confusas que se apresentam a cada dia. Quando enfrentamos uma situação problemática e precisamos determinar o curso de ação, podemos buscar ajuda em várias direções. (1) “Conselho de peritos”. Os peritos em vida familiar e na resolução de problemas que por vezes lutam sem sucesso com suas próprias dificuldades, muitas vezes discordam entre si. Pior ainda, seu conselho é suspeito baseado no fato de que nunca poderá ser mais do que a opinião de pessoas falíveis. (2) “Bom senso” pode ser o guia, mas a coleção de sabedoria óbvia e intuitiva a qual rotulamos “bom senso”, representa mais uma vez as opiniões de pessoas tendentes a errar. (3) Podemos confiar cegamente no nosso “juízo interior”, esperando que nossa vontade de viver efetivamente, junto com um senso básico de sabedoria, se unirão para nos conduzir por veredas produtivas e pacíficas. Mais uma vez, é óbvio que seguindo nossas próprias opiniões ou instintos, será confiar num ser humano falível, preconceituoso, limitado e caído. Está claro: qualquer diretriz que não seja a Palavra de Deus é suspeita. Os cristãos possuem oportunidade tremenda de edificar suas vidas conforme um programa garantido. O aconselhamento a nível II consiste essencialmente em especificar uma estratégia escriturística para lidar com dada situação.

Qualquer pessoa que tenha tentado comunicar conselho bíblico a pessoas infelizes, já notou com certa frustração que muitas pessoas se recusam a atender as diretrizes da Escritura. Uma senhora me procurou queixando-se de seu marido acoólatra. (Quero lembrar que jamais estou me referindo à pessoa que vem à sua mente quando você lê os casos por mim descritos. Cada caso que menciono é modificado suficientemente a fim de evitar que seja reconhecido). Há anos ela tenta fazer com que ele mude, usando de todas as técnicas e artimanhas femininas que ela pudes-se imaginar. Quando essa mulher me procurou, ela queria abandonar seu marido. Ao olhar para ela — amarga, deprimida, desesperada, totalmente devastada — pensei nas palavras inspiradas de Pedro às esposas, para que se submetessem a seus maridos incrédulos. Lembrei-me então da expressão de amor do salmista pelas palavras de Deus: “Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar: Mais que mel à minha boca” (Salmo 119: 103). Não poderia imaginar que se eu lesse as palavras de Deus para as mulheres através de Pedro, “Mulheres, sede vós igualmente submissas a vossos próprios maridos”, ela pudesse responder com: “Ah! que idéia maravilhosa! Aprecio muito este conselho genial. Estou ansiosa por aceitar aquele bêbado esticado no sofá lá de casa”. Como o conselho bíblico pode ser visto como *doce*? Permita uma ilustração.

A algum tempo comprei um “Rumbler” para meu filho. Um “Rumbler” é um veículo esportivo, incrementado, para crianças muito pequenas andar. Meu filho mostrou a fotografia num jornal e eu concordei em comprá-lo. Quando fui à loja, não me deram o que eu vira no anúncio do jornal, e sim uma grande caixa de papelão que, descobri mais tarde quando esvaziei o conteúdo no chão de nossa garagem, continha o que parecia ser umas 10.000 peças separadas. No meio dessa confusão vi um livreto com o título prazerosamente enganador “Passos Fáceis para Montagem”. Folhei nove páginas e cinquenta e quatro passos simples, cada qual me instruindo a ligar uma parte da qual nunca ouvira falar e não podia encontrar, com outra parte da qual nunca ouvira falar e não podia encontrar. É necessário que você entenda que nunca fui abençoado com habilidade mecânica. Quando nossa máquina de lavar roupa quebra, eu imponho minhas mãos sobre ela e oro, e então chamo o técnico. Lá na minha garagem, contemplando de pé a imensa pilha de peças variadas de metal, borracha e plástico, e com um manual de instruções projetado para engenheiros graduados, eu me senti perdido, só e totalmente desmotivado.

Então meu filho chegou da escola. Pipocou pela garagem com um imenso sorriso e disse “Oi papai, você comprou o meu *rumbler*? Quando ele viu a pilha de peças, seu sorriso desapareceu e ele disse “Oh” de modo resignado e compreensivo, e foi embora devagarinho.

Eu amo meus filhos. Nada me empolga mais do que vê-los felizes. Pensei no manual de instruções e percebi que não era meu inimigo e sim meu amigo. Se eu seguisse as instruções eu poderia produzir algo que agradasse a meu filho. Dois dias e muitas frustrações mais tarde eu consegui produzir um *Rumbler* alinhado, bem construído, para meu filho jubiloso.

Dá para entender? A Bíblia é nosso manual de instruções. Nossas vidas por vezes estão em cerca de 10.000 pedaços, espalhados de qualquer jeito sem direção e sem modelo. O livro de regras, a Bíblia, nem sempre é fácil de entender e por vezes é muito difícil de seguir. Muitas vezes temos que chamar especialistas que nos ajudem a interpretar seu significado. Deus previa essa necessidade e deu à igreja local o dom de mestres. Minha visão inclui o treinamento de alguns desses mestres no aconselhamento a nível II, equipando-os a especificar com clareza quaisquer passos necessários para trazer ordem às vidas em desalinho. A motivação para seguir o livro de regulamento é singular: quero agradar ao Senhor. Eu O amo. Ele morreu por mim. Ao obedecer com cuidado as direções da Bíblia, minha vida se tornará fonte de leite a Ele. Somente dentro dessa perspectiva podem as instruções bíblicas ser *sempre* vistas como doces, como mel para minha boca.

Sobretudo, o aconselhamento a nível II requer um conhecimento da Bíblia. Técnicas de Aconselhamento são importantes. Uma capacidade de estabelecer *rapport*, de refletir acuradamente os sentimentos (nível I) e reagir com sensibilidade às necessidades de uma pessoa, são essenciais. Mas sem um conhecimento operante dos princípios bíblicos para a vida a pessoa simplesmente não poderá aconselhar em nível II.

Bill Gothard em seus seminários (no Brasil conduzidos por Larry Coy e denominados “Conflitos da Vida”) e Jay Adams oferecem em seus livros uma declaração bastante compreensiva e útil de muitos princípios bíblicos para lidar com situações problemáticas. O treinamento em nível II teria que incluir uma revisão de muitas situações e discussão de princípios bíblicos aplicáveis como os ensinados por Coy e Adams. Por exemplo, um conselheiro nível II poderia pensar através duma situação como

esta. O Sr. A adulterou. Sua esposa nada sabe a respeito disso. Ele lhe diz que ela o deixaria se descobrisse. Ele se arrependeu do seu pecado e quer melhorar a comunicação com sua esposa. O que você manda que ele faça? Será que ele deve contar à esposa? Existem princípios bíblicos aplicáveis? Ou devemos neste caso depender de “bom senso santificado”?

O pai de uma adolescente é diácono na igreja. Ela procura o pastor e confia que seu pai e sua mãe estão com sérios problemas matrimoniais. O que o pastor deverá fazer? A filha não quer que seus pais saibam que ela compartilhou as lutas particulares deles com o pastor mas estava tão preocupada que procurou ajuda. Será que o pastor deve quebrar o sigilo? ignorar a situação? Almoçar com o pai e discreta e diplomaticamente mencionar o assunto com ele?

Exemplos como este indicariam que se requer mais de um conselheiro nível II realmente efetivo, mais do que apenas uma lista de princípios bem definidos. Ele precisa saber “pensar biblicamente”. Além de ter um conhecimento de princípios bíblicos de casamento, comunicação, como lidar com a ira, como criar filhos, comportamento sexual, divórcio, vícios, como lidar com tentações, etc. Ele precisa permitir que “*habite ricamente em vós a palavra de Cristo, em toda sabedoria*” (Colossenses 3: 16). Ele precisa ter habilidade para pensar através de situações complexas, discernindo a abordagem que seria mais coerente com o ensino bíblico. Antes que Paulo oferecesse alguns princípios específicos de vida em Colossenses 3: 18-22, ele instruiu seus leitores para que fizessem tudo em nome do Senhor Jesus (Colossenses 3: 17). Em seguida ele ofereceu exemplos desse tipo de comportamento e repetiu “Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo coração, como para o Senhor”, (Colossenses 3: 23).

Portanto os candidatos para treinamento em Aconselhamento a nível II seriam cristãos com amplo conhecimento da Escritura que estejam aumentando este conhecimento pelo estudo. O treinamento focalizaria: (1) princípios básicos de vida cristã em várias áreas-chaves, (2) como pensar através de uma situação problemática e chegar a uma estratégia bíblica para enfrentá-la e (3) Habilidades gerais de entrevistas. Pastores e outros líderes nas igrejas são alvos óbvios para esse tipo de treinamento.

Permita-me oferecer uma ilustração breve e condensada de aconselhamento a nível II. No nosso exemplo de nível I, Kátia sugeriu que

Haidée procurasse Filipe, um homem da igreja reconhecido como conselheiro nível II.

Filipe: — Haidée, Kátia me falou de sua situação. Compreendo como você se sente perplexa. É sem dúvida um problema doloroso.

Haidée: — Pois é, não sei mesmo o que fazer.

Filipe: — Fale do problema como você o enxerga, para que eu me certifique de que entendi bem.

Haidée relata a situação que inclui um filho que usa drogas, com o qual ela pouco se comunica, e um marido que se recusa a enfrentar a situação.

Filipe: — Que espécie de abordagem você já tentou para lidar com isso?

Haidée: — Não há nada que eu possa fazer.

Filipe: — Mesmo que você se sinta terrivelmente presa, a beleza da Bíblia está em que existe um modo bíblico de enfrentar cada situação. Talvez os resultados não sejam sempre o que você gostaria que fossem, mas você pode ter profunda paz e o conhecimento de que seu modo de agir agrada a Deus e que Ele está operando através de você para cumprir os Seus propósitos. Posso garantir-lhe esse conhecimento e essa paz.

Haidée: — Tudo o que eu quero é que meu filho saia bem.

(Haidée sofre da Ansiedade Básica, assumindo uma responsabilidade por algo que ela não pode controlar. Aquilo que bloqueia seu alvo de fazer com que seu filho se saia bem, chamará ressentimento. Não é de se admirar que ela esteja zangada com o marido. Ela o vê como um obstáculo para o endireitamento do rapaz).

Filipe: — Isso é bastante normal e compreensível, Haidée, mas a sua atitude não é bíblica. Você não pode controlar totalmente o modo como seu filho se sairá. É verdade que você tem grande influência nisso, mas você não o pode controlar.

Haidée: — Bem, o que há de errado em querer que meu filho seja um bom cristão?

Filipe: — (Êpa, ela está um pouco hostil. Não quero fechá-la desnecessariamente, mas preciso fazer com que ela veja que está com o alvo errado). — É claro que não, e quero fazer tudo possível para ajudá-la com seu filho. Minha preocupação, porém, é com os seus alvos. O alvo do cristão deve ser, em toda situação “Senhor, que queres que eu faça para agra-

dar-te?” Parece-me que o seu alvo é “O que será que eu posso fazer para mudar o meu filho?” Será que dá para ver isso?

Haidée: — É, claro que sim.

Filipe: — Muito bem, Suponhamos que seu alvo fosse simplesmente agradar ao Senhor no seu modo de responder a seu filho e a seu marido. O que você acha que poderia fazer para honrar ao Senhor?

Haidée: — Bem, para começar, acho que eu não deveria apoquentar meu marido sobre a situação.

Filipe: — É uma enorme tentação ficar apoquentando. Pedro diz às mulheres que devem ter um espírito manso e tranqüilo. Você sabe o que isso significa?

Haidée: — Deixar que pisem em cima como se fosse um capacho.

Filipe: — Vamos lá, Haidée (dito com paciência e um sorriso), você pode imaginar que Deus queira que você seja um capacho? O que significa é que você deve demonstrar paz por saber que Deus está no controle das coisas.

Haidée: — Mas será que não posso abrir a boca? Estou deixando que um mal continue sem correção se eu não disser nada.

Filipe: — É claro que você deve dizer alguma coisa. Os crentes devem ter posição firme contra o mal, mas essa posição nunca deverá ferir as diretrizes bíblicas. Diga ao Jorge exatamente como você se sente, mas não com uma atitude de “Estou tão furiosa com você por não ligar” e sim “preciso compartilhar isto com você. Estou profundamente preocupada mas sei que Deus está no controle das coisas”.

Haidée: — Não vai dar certo.

Filipe: — Isso depende do que você quer dizer com “dar certo”. Será que isso glorifica a Deus? Sim. Se este é o seu alvo, então este plano vai dar certo. Mas você está correta ao dizer que pode não mudar o Jorge. Vamos olhar outras áreas do seu casamento para ver como está indo nesse negócio de aceitar seu marido e transmitir-lhe uma atitude de amor e respeito.

O aconselhamento então passará a examinar coisas tais como o modo como cuida da casa, sua vida sexual com Jorge, seu modo de cumprimentá-lo quando ele chega em casa — qualquer coisa que possa contradizer suas responsabilidades como esposa. Também será necessário examinar o modo como ela aborda seu filho. Se seu marido continuasse recusando enfrentar a situação, o conselheiro recomendaria, (1) que ela ex-

presse sua preocupação mas aceite seu marido, tratando-o bem, (2) que ela aja com firmeza para com o filho. Quando Moisés não assumiu sua responsabilidade como pai, Zípora interveio e circuncidou o seu filho. Parece que Deus honrou o comportamento de Zípora, não castigando a Moisés como era do plano. A Escritura ensina também que os pais têm a responsabilidade de disciplinar aos filhos. A mulher que fica ociosamente sentada enquanto seu marido falha em obedecer a Escritura estaria se envolvendo também na desobediência. A submissão bíblica ao marido nunca inclui um que contradiga pecaminosamente outros princípios bíblicos.

O aconselhamento em nível II por vezes não surtirá efeito. Muitas pessoas dizem “Sei o que devo fazer mas simplesmente não consigo fazê-lo”. A insistência autoritária de que eles possam fazê-lo pode provocar resistência ainda maior e por vezes, profundo desespero. Recentemente trabalhei com uma senhora piedosa que aparentemente não conseguia controlar seu temperamento. Ela sabia como o cristão deve lidar com a ira mas se encontrava sempre lutando numa batalha perdida. Anos de oração resultaram em progresso mínimo. Sua fé estava sendo minada, contudo ela se agarrava desesperadamente à certeza de que Deus a amava e tinha um plano para sua vida e que pelo Seu poder Ele a capacitaria a obedecer. Mas como apropriar-se desse poder? Neste caso foi necessário aconselhamento a nível III. Alguns meses de análise de suas crenças básicas quanto a segurança e significado e compreensão de como sua família era um obstáculo ao que ela acreditava ser necessário para ser segura, deram-lhe um plano racional para a resolução de seu problema. Uma abordagem de aconselhamento baseada nas idéias apresentadas neste livro ajudaram-na a apropriar-se da verdade maravilhosa de que sua segurança, já fora estabelecida em Cristo. Ao ver que ela não *precisava* que sua família fosse diferente para que ela fosse segura, ela pôde aceitá-los e parou de se ressentir deles. Seu problema de gênio forte foi resolvido quando desapareceu seu ressentimento.

Como grande parte desse livro tem discorrido sobre um modelo de aconselhamento a nível III, neste capítulo eu só o mencionarei rapidamente.

Nível III: Aconselhamento Por Esclarecimento

Ser conselheiro em nível III requer mais do que alguns fins de semana de treinamento. Suponho (e pretendo testar essa minha especula-

ção num programa de treinamento) que um mínimo de seis meses e máximo de um ano com classes semanais de duas horas e meia a três horas, seriam suficientes para dar a um cristão maduro o conhecimento necessário e a experiência de que necessita para funcionar independentemente como conselheiro em nível III.

Após a identificação e empatia com os sentimentos problemáticos da pessoa (nível I) e após avaliar quais os modelos comportamentais que estão violando os princípios bíblicos (nível II), um conselheiro a nível III examinará por trás dos comportamentos errados e verificará o mundo dos pensamentos, esperando encontrar as suposições erradas quanto a significado e segurança. Essas crenças erradas são a causa. Elas produziram comportamentos errados que por sua vez produziram sentimentos errados. A Escritura enfatiza inúmeras vezes que o mundo de pensamentos, aquilo que a pessoa pensa e crê, é central ao funcionamento. Se desejamos transformar em profundidade o modo como age uma pessoa, é necessário que ajudemos a mudar o que ela crê. Essa transformação revolucionária de tornar-se vivo para com Deus através do novo nascimento, depende duma crença mudada. Quando eu *entendo com minha mente* que sou pecador perdido, sem ajuda, sem esperança, merecedor do castigo de Deus, quando eu *entendo com minha mente* que Jesus é Deus, que Ele viveu uma vida de retidão, que quando morreu na cruz estava sofrendo o castigo que eu merecia, em meu lugar, quando eu *entendo com minha mente* que Deus me deu o dom da vida com Ele mesmo, vida eterna, se confio no que Jesus fez por mim e não no que eu faço por mim mesmo, então, quando eu creio no Senhor Jesus Cristo, serei salvo (Atos 16:31). O compromisso com Cristo depende de algum nível de *entendimento* do evangelho. Então, porque sou justificado, e como selo de minha nova vida, o Espírito Santo vem habitar comigo e me ajuda a compreender mais verdade sobre Cristo (“Ele vos guiará a toda verdade”, “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”) para que eu possa tornar-me mais parecido com Ele.

Sou transformado pela renovação de minha mente. Ao entender *com minha mente* que as minhas necessidades (significado e segurança) são plenamente supridas em Cristo, sou capacitado a conformar meus padrões de comportamento com os de Cristo e gozar a profunda paz duma maturidade crescente. Tanto a justificação, a declaração judicial de Deus de que, de uma vez por todas sou considerado justo, e a santificação, o

processo pelo qual meu caráter se torna cada vez mais como o de Cristo, estão ligados ao conteúdo de minha mente. O trabalho do conselheiro cristão é ser instrumento através do qual o Espírito Santo esclarece as mentes quanto à verdade da segurança e do significado em Cristo. É nisso que implica o aconselhamento a nível III — examinar profundamente as partes escondidas da mente, onde as pessoas mantêm tenazmente certas suposições, expor essas crenças que neguem a suficiência de Cristo para o suprimento de nossas necessidades pessoais de significado e segurança, ensinando que Cristo é suficiente, e finalmente, encorajar novos comportamentos na verdade de que nossas necessidades são supridas em Cristo.

O processo de aconselhamento segue o modelo apresentado no capítulo 9: (1) empatizar com sentimentos dolorosos, (2) identificar modelos de comportamento pecaminosos responsáveis por essas emoções negativas, (3) descobrir os pensamentos errados que levaram ao comportamento mal-adaptivo, (4) esclarecer o indivíduo levando ao pensamento bíblico quanto às necessidades pessoais (5) assegurar-se de um compromisso de comportamento coerente com a verdade, (6) planejar mudanças comportamentais que reflitam esse compromisso e (7) gozar os sentimentos resultantes: amor, alegria e paz.

Num esforço por esclarecer a conversa envolvida no passar por esses estágios, voltemos ao dilema de Haidée. Suponhamos que após cinco sessões de aconselhamento a nível II ela ainda estivesse preocupada com seu filho Pedro, zangada com seu marido Jorge por sua aparente indiferença, e achava quase que impossível ficar quieta quanto à falta de intervenção de Jorge como pai. Na quinta sessão de aconselhamento com Filipe, ela diz que está falando manso com Jorge, fazendo-lhe jantares agradáveis, recebendo-o à porta com um beijo, expressando-se mansamente quanto ao problema com Pedro, em suma, seguindo todas as tarefas “para casa” dadas pelo conselheiro. Mas ela ainda está fervilhando por dentro, engasgando com sua ira e forçando as palavras “boas” a sair de sua boca quando fala com seu marido. Quando ela vê a Pedro, só consegue preocupar-se. Já tentou falar firme com ele conforme a sugestão do conselheiro, mas sente por dentro como se fosse um vulcão em erupção. Tranquilizantes, oração, memorização da Escritura, falar com uma amiga, repreender a Satanás — tudo isso ela já tentou. O que mais?

Aqueles que negam a necessidade de aconselhamento em nível mais profundo talvez balançassem suas cabeças em tristeza e orassem para que

Haidée vencesse sua rebeldia obstinada. Pobre Haidée. Ela pensou que tivesse enfrentado tudo. Já confessara seu pecado e orara pedindo ajuda. O que mais ela poderia fazer? Neste ponto ela poderá se convencer de que está mentalmente perturbada, ou poderá estar cansada de Deus, ou talvez ainda busque ajuda de um profissional secular, sem dúvida com culpa por não conseguir vencer com Deus. Na minha opinião, Haidée não pode ser considerada obstinada nem reprovável, até que ela esteja exposta ao aconselhamento em nível III. Por favor, entenda o que eu penso. Talvez ela seja mesmo rebelde e obstinada, presa por uma vontade pecaminosa a um modelo de incredulidade e desobediência. Mas o seu conselheiro não tem condições de decidir isso até que ele tenha examinado o que ela pensa quanto a segurança, trazendo à tona quaisquer idéias erradas que haja, e esclarecendo-a (nível III) quanto a verdadeira segurança em Cristo. Se ela ainda se recusa a agir pela fé sobre a *compreensão consciente* de que suas necessidades são supridas no Senhor, em algum ponto o conselheiro poderia ser justificado ao julgá-la indisposta a crer em Deus pelo pecado.

Suponhamos que Filipe lhe dissesse que seus problemas eram um pouco mais complicados do que ele estava preparado para ajudar e arranjasse uma entrevista para ela com um conselheiro de nível III na igreja. Se Haidée se recusasse a cooperar com Filipe na instrução que ele dava para enfrentar seus problemas biblicamente, mandá-la para outro conselheiro não seria apropriado. Aconselhamento mais profundo não cura falta de cooperação, mas por vezes cura falta de sucesso com um cliente que coopera.

Talvez uma sessão de aconselhamento em nível III ocorra conforme o seguinte exemplo. Pegamos a entrevista após eles terem recapitulado a situação em que estão as coisas.

Conselheiro: (Meu primeiro passo é identificar claramente as emoções problemáticas. Estou à procura de ansiedade, ressentimento, culpa, senso de vazio ou desespero. Parece bem claro que Haidée se ressent de Jorge e é ansiosa quanto a Pedro, portanto eu sugiro abertamente esta hipótese).

— Haidée, você ainda se sente bastante zangada com Jorge e preocupada com Pedro.

Haidée: — E tenho me esforçado tanto, por fazer o que Filipe sugeriu. Eu realmente tenho tentado, mas não ajudou nada. Eu me sinto um fracasso.

Conselheiro: — Essa sua frustração parece menos auto-piedade e mais uma resposta realista ao que vem acontecendo no aconselhamento até aqui. Ela precisa de apoio e de esperança).

— Haidée, eu sei que você tem se esforçado. Filipe me disse que você tem cooperado bastante. Eu não teria concordado em ver você se você não tivesse feito tudo que Filipe recomendou. Às vezes fazer apenas o que é certo não é suficiente para mudar as coisas. Quando isso acontece, geralmente significa que teremos que examinar mais a fundo para encontrar e corrigir o problema real. É isso que estaremos fazendo.

Haidée: — Por favor, não me dê mais tarefas. Eu só fico mais frustrada.

Conselheiro: (Neste estágio eu posso aceitar sua frustração como realista e não rebelde, portanto simplesmente serei compreensivo e levarei a conversa para uma consideração das necessidades e segurança que ela tenha. Presumo que porque ela é mulher provavelmente estou lidando com necessidades de segurança não satisfeitas. Conduzo a conversa nessa direção). — Não se preocupe. Não teremos mais tarefas por enquanto. Estou mais interessado no que você pensa quando está tão zangada com Jorge. Suponhamos que ele estivesse enfrentando a situação com Pedro conforme você deseja. Por que você acha que sentiria bem? Como você avaliaria as coisas então? (Aqui estou à procura do alvo que ela acredita daria segurança).

Haidée: — Eu me sinto tão só em lidar com Pedro. Realmente não dou conta dele. Eu me sentiria muito melhor se soubesse que tenho ajuda.

Conselheiro: — Então seu alvo é ter uma pessoa forte que a ajude com uma responsabilidade difícil. Você sente que sem essa ajuda é possível que as coisas se atrapalhem totalmente.

Haidée: — Sim, acho que é isso que eu sinto.

Conselheiro: — Estragar as coisas seria muito mau.

Haidée: — Sim, é claro — meu filho está em jogo. Não quero ver sua vida arruinada.

Conselheiro: — Mas Filipe explicou-lhe que você só pode se responsabilizar por aquilo que você pode controlar, e você então aceitou a idéia e creu que Deus se responsabiliza pelo resto. Se você realmente crê nisso,

então as suas emoções quanto ao bem-estar de seu filho deveriam ser profunda tristeza e interesse motivado em fazer tudo que Deus manda fazer. Você já fez isso. Contudo, você ainda permanece ansiosa. Isso me diz que deve haver mais assunto envolvidos do que apenas preocupação com o estado do seu filho.

Haidée: — Não posso imaginar o que seja.

Conselheiro: — Haidée, quero lhe fazer uma pergunta aparentemente sem ligação com o assunto. Lembre-se da sua infância. Qual o incidente da sua vida que ocorreu mais cedo, de que você se lembra? Sabe... “Um dia eu...” — termine a frase com um incidente de anos atrás.

Haidée: — O mais longe na minha infância? Vejamos. Bem, eu me lembro de uma vez em que mamãe pediu que eu ajudasse a arrumar a casa para visitas. Eu tinha uns cinco ou seis anos. Ela me mandou limpar o banheiro.

Conselheiro: (Eu me pergunto se a segurança dela depende de realização segundo os padrões de outras pessoas. Talvez ela sinta que sua segurança dependa de seu sucesso como boa mãe e seu desempenho seja medido pelo modo como seu filho se sai. Sem a ajuda de Jorge ela não pode atingir seu alvo, sua segurança é ameaçada, e portanto ela se ressentida do obstáculo, Jorge. Deixe-me ver se sua lembrança mais antiga confirma tudo isso). — E o que você fez?

Haidée: — Não me saí muito bem. Eu não sabia como pendurar as toalhas e fiz uma sujeira na pia com todo o sapóleo que usei.

Conselheiro: (A maioria das crianças depende da reação dos pais para sua segurança. Imagino como sua mãe reagiu?) — E o que foi que sua mãe disse quando viu o banheiro?

Haidée: — Meus ouvidos ainda estão tinindo. Ela gritou, depois tentou se acalmar mas obviamente estava muito nervosa. Ela até me disse que eu não ajudara nada e mandou que eu saísse do seu caminho.

Conselheiro: (Quero deixar claro que os seus sentimentos dolorosos de insegurança dependem da crítica e rejeição).

Como isso fez com que você se sentisse?

Haidée: — Terrível, simplesmente terrível. Eu não tinha certeza se a odiava ou odiava a mim mesma, mas estava realmente magoada. Fui ao quarto e chorei.

Conselheiro: — Qual a necessidade dentro de você, que você supõe que estivesse tremendamente insatisfeita naquele momento?

— *Haidée*: — Não sei, talvez a necessidade de ser apreciada.

Conselheiro: — Eu poderia ampliá-la e dizer a necessidade de estar segura, de ser amada não importa o que acontecesse?

Haidée: — É, parece que é isso mesmo.

Seguiram-se mais conversas sobre experiências da infância, relacionamento com os pais, sentimentos quanto a si.

Conselheiro: — Está bem, Haidée, deixe que eu ligue os fatos conforme entendo. Você tem uma necessidade básica de segurança, como qualquer pessoal normal. Mas você foi bastante criticada, algumas vezes de forma a magoá-la profundamente, como na vez em que limpou o banheiro. Isso fez com que você se sentisse insegura. Aprendeu que para sentir-se segura você tinha que ser aceita, evitando toda crítica. Para evitar as críticas, você tinha que ter um bom desempenho. Desempenhar-se bem, portanto, tornou-se de extrema importância para você. Você *tinha* que fazer tudo bem para evitar as críticas e assim sentir segurança. Concorda comigo até aqui?

Haidée: — Acho que sim.

Conselheiro: — Bem. Você mencionou que várias pessoas estão comentando como o comportamento de Pedro está mau e isso a deixa arrasada porque sua segurança está sendo ameaçada — você está sendo criticada. Assim você quer endireitar ao Pedro para evitar essas críticas. Agora pense um pouco; as necessidades de quem você está tentando suprir ao querer que Pedro se endireite — dele ou suas próprias?

Haidée: — Mal posso acreditar — mas as minhas! Eu quero que ele esteja bem para que eu não seja criticada.

Conselheiro: — E portanto sinta maior segurança. Agora, você crê que Pedro precisa de um melhor relacionamento com o pai para endireitar. Você tem que fazer com que Jorge faça sua parte em ajudar Pedro a melhorar, *para que você esteja segura*. Mas Jorge ignora toda a situação. Ele é um obstáculo que bloqueia o caminho para o seu alvo, de conseguir com que Pedro endireite para que você se sinta segura. Naturalmente você se ressentiu de Jorge porque o vê como quem a mantém insegura.

Haidée: — Então, o que devo fazer com isso?

Conselheiro: — Haidée, termine a frase: “Eu me considerarei mulher segura se...”

— *Haidée*: — Se ninguém me rejeitar.

Conselheiro: — Sim, é isso que você tem acreditado a muitos anos. Como você imagina que o Senhor terminaria a sentença no seu lugar?

Haidée: — Não sei. Talvez você queira que eu diga que estou segura porque Cristo me ama.

Conselheiro: — Sim, mas não o diga levemente. Pense bem nisso. Se você já foi vista em seu pior momento e foi aceita eternamente pelo próprio Deus, então pergunte-se — Será que realmente preciso de que todos me aceitem? Quando eles me criticarem, será que minha segurança está realmente ameaçada ou ela permanece inabalável?

Haidée: — Então eu não preciso que Pedro endireite para que eu seja segura, porque minha segurança não depende de ser ou não criticada.

Conselheiro: — Sim, exatamente.

Haidée: — Acho que entendi mais isso não adianta. Eu ainda sinto-me irada.

Conselheiro: — É claro. Você ainda não praticou conscientemente esta verdade. Você foi gentil com seu marido quando Filipe fazia aconselhamento com você, mas ainda estava dizendo a si mesma, talvez inconscientemente, que precisava que ele fosse diferente para que você um dia fosse segura. Você pode se comprometer à verdade bíblica bem clara de que o seu valor como pessoa, sua necessidade de ser amada incondicionalmente, depende totalmente do amor de Jesus? Você crê nisso?

Haidée: — Sim, eu creio.

Conselheiro: — Bem, é isso que quero que você faça. Escreva num cartão de sete por dez centímetros estas sentenças: “Não preciso que Pedro endireite para ser segura. Portanto não preciso que Jorge me ajude a endireitar o Pedro para que eu seja segura. Estou segura, sou amada e tenho valor não importa o que Jorge ou Pedro fizerem e não obstante as críticas das pessoas”. Agora, imagine a sua mente como um gravador. Você tem tocado a fita errada no seu cérebro desde os cinco anos de idade. A fita provavelmente vai assim “Tenho que evitar as críticas para ser segura”. Ponha essa frase também num outro cartão. Durante esta semana leve os dois cartões em sua bolsa. Sempre que você sentir ressentimentos em relação ao Jorge ou preocupada com Pedro, tire os cartões, leia-os a ambos, rejeite a “fita” errada, e repita dez ou doze vezes a fita certa. Está bem?

Haidée: — Está bem.

Conselheiro: (Na próxima semana farei com que ela volte a todas as tarefas de “bom comportamento” que Filipe recomendou antes, mas esta “mudança de pensamento” tem que se tornar primeiro um hábito praticado). — Ótimo. Não espere sentir-se tão diferente. Talvez até sinta pior no começo. Mas você está enchendo sua mente da verdade como Paulo nos recomendou em Filipenses 4. “Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há, e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento” (Filipenses 4: 8). Eu a verei na próxima semana.

O aconselhamento passou pelo primeiro passo (identificar sentimentos negativos — ressentimento e ansiedade), passo 2 (identificar comportamentos negativos — já feito com Filipe), passo 3 (identificar pensamentos negativos — “para ser segura preciso evitar as críticas”), passo 4 (ensinar pensamento certo — “minha segurança depende do amor de Cristo por mim”). O quinto passo já foi parcialmente penetrado, assegurar um compromisso de agir sobre a verdade estabelecida no quarto passo.

Os passos restantes incluem um compromisso para praticar a verdade (passo 5) e programar comportamentos certos coerentes com os pensamentos certos (passo 6), que neste caso será uma repetição do aconselhamento a nível II de Filipe mas com a dimensão essencial de MUDANÇA DE PENSAMENTO. O passo 7 será então gozar o desenvolvimento de amor por Jorge e paciência com Pedro. Após a sessão de aconselhamento que acabei de relatar, que na realidade poderia ocupar duas ou três sessões, o aconselhamento poderá continuar por talvez cinco a quinze sessões até que tanto o conselheiro quanto o cliente sentem que uma melhora substancial e permanente foi atingida.

Resumo e Conclusão

A igreja local pode e deve assumir responsabilidade por restaurar as pessoas aflitas que sofrem de inefetividade pessoal, levando-as a vidas plenas, produtivas e cheias de alegria. Neste livro eu delinee um modelo para a compreensão das pessoas que sugere, estratégias para a mobilização e o treinamento de pessoal de aconselhamento dentro da igreja, a fim de suprir as necessidades das pessoas. Três níveis de aconselhamento foram identificados. Nível I — Aconselhamento por Encorajamento, pode incluir todo membro do corpo de Cristo num ministério significativo de

ajuda mútua profunda. Nível II – Aconselhamento por Exortação, requer um bom número de pessoas conhecedoras das Escrituras, treinadas em habilidades de interação, e capazes de aplicar de modo prático a sabedoria da Bíblia em situações da vida. Nível III – Aconselhamento por Esclarecimento, exige treinamento mais extensivo mas deveria equipar aquele que pratica em menos de um ano, para suprir toda necessidade não-orgânica de aconselhamento dentro da igreja local.

Este modelo todo presume dois conceitos: (1) as pessoas precisam desesperadamente de valor e amor, ou nos termos que eu prefiro empregar, significado e segurança. A maioria dos problemas pessoais resultam de um déficit em uma ou ambas dessas necessidades. (2) O Senhor Jesus Cristo é totalmente suficiente para suprir de modo pleno ambas estas necessidades. O aconselhamento bíblico procura ajudar as pessoas a entrar mais integralmente na riqueza pessoal que é sua em Jesus Cristo.

Que Deus nos mova a todos a transmitir melhor, por nossas vidas e nossas palavras, que Jesus Cristo é verdadeiramente suficiente até o fim, “para em todas as coisas ter ele a primazia, porque aprouve a Deus que nele residisse toda a plenitude” (Colossenses 1: 18, 19).

Capítulo 11

Apêndice dos Gráficos

	Págs.		Págs.
Capítulo 1 –	22	Capítulo 6 –	106
	23		110
	24		112
			114
Capítulo 2 –	29		115
	30		
	35	Capítulo 7 –	120
	44		121
			124
Capítulo 3 –	55		125
	66		
		Capítulo 8 –	130
Capítulo 5 –	82		
	85	Capítulo 9 –	148
	89		
	90	Capítulo 10 –	152
	92		
	97		
	98		

ACONSELHAMENTO BÍBLICO EFETIVO

Parte I: Preliminares

1. O Alvo do Aconselhamento: o que estamos tentando fazer?
2. Cristianismo e Psicologia: Inimigos ou Aliados?

Parte II: Conceitos Básicos: o que é necessário saber a Respeito das Pessoas a fim de Aconselhar Efetivamente?

3. Necessidades Pessoais: do que as Pessoas Necessitam a fim de viver Efetivamente?
4. Motivação: Por que Fazemos o que Fazemos?
5. Estrutura da Personalidade: Desmontar o Relógio a fim de ver o que o faz funcionar.

Parte III: Estratégia Básica: Como Compreender e Lidar com Problemas Pessoais

6. Como os Problemas se Desenvolvem I
7. Como os Problemas se Desenvolvem II
8. O que Você Procura Mudar?
9. Um Modelo Simples de Aconselhamento.

Parte IV: O Desenvolvimento de um Programa de Aconselhamento na Igreja Local

10. O aconselhamento dentro da Comunidade Cristã
11. Apêndices de gráficos

Esté segundo livro do Dr. Lawrence J. Crabb Jr. torna práticos os princípios estabelecidos no primeiro (Princípios básicos de aconselhamento bíblico). Tanto o profissional da área de aconselhamento, quanto o cristão envolvido no ministério da ajuda mútua, acharão em *Aconselhamento bíblico efetivo* um conteúdo rico da visão bíblica do homem, seus problemas e as soluções de Deus.

O Dr. Crabb possui, além do treinamento secular, um evidente conhecimento da Palavra de Deus, podendo fornecer, mais do que uma aproximação de psicologia e teologia, as bases para uma escola de aconselhamento baseado na verdade. Não foge da Palavra e nem despreza o conhecimento adquirido pela psicologia; antes, reconhecendo que “toda verdade é verdade de Deus”, ensina como utilizar a Bíblia para julgar as verdades que Deus concede ao mundo como manifestação da Sua graça.



Wadislau Martins Gomes
Professor de Aconselhamento Pastoral

Uma publicação Refúgio

ACONSELHAMENTO BÍBLICO EFETIVO

Parte I: Preliminares

1. O Alvo do Aconselhamento: o que estamos tentando fazer?
2. Cristianismo e Psicologia: Inimigos ou Aliados?

Parte II: Conceitos Básicos: o que é necessário saber a Respeito das Pessoas a fim de Aconselhar Efetivamente?

3. Necessidades Pessoais: do que as Pessoas Necessitam a fim de viver Efetivamente?
4. Motivação: Por que Fazemos o que Fazemos?
5. Estrutura da Personalidade: Desmontar o Relógio a fim de ver o que o faz funcionar.

Parte III: Estratégia Básica: Como Compreender e Lidar com Problemas Pessoais

6. Como os Problemas se Desenvolvem I
7. Como os Problemas se Desenvolvem II
8. O que Você Procura Mudar?
9. Um Modelo Simples de Aconselhamento.

Parte IV: O Desenvolvimento de um Programa de Aconselhamento na Igreja Local

10. O aconselhamento dentro da Comunidade Cristã
11. Apêndices de gráficos

Esté segundo livro do Dr. Lawrence J. Crabb Jr. torna práticos os princípios estabelecidos no primeiro (Princípios básicos de aconselhamento bíblico). Tanto o profissional da área de aconselhamento, quanto o cristão envolvido no ministério da ajuda mútua, acharão em *Aconselhamento bíblico efetivo* um conteúdo rico da visão bíblica do homem, seus problemas e as soluções de Deus.

O Dr. Crabb possui, além do treinamento secular, um evidente conhecimento da Palavra de Deus, podendo fornecer, mais do que uma aproximação de psicologia e teologia, as bases para uma escola de aconselhamento baseado na verdade. Não foge da Palavra e nem despreza o conhecimento adquirido pela psicologia; antes, reconhecendo que “toda verdade é verdade de Deus”, ensina como utilizar a Bíblia para julgar as verdades que Deus concede ao mundo como manifestação da Sua graça.



Wadislau Martins Gomes
Professor de Aconselhamento Pastoral

Uma publicação Refúgio